



Isabel Fontainhas Lino Marques

## **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ACADÉMICA EM FERRAMENTAS CAT**

Relatório de Estágio do Mestrado em Tradução, orientado pela Doutora Ana Paula da Fonseca Lopes e pela Dra. Ana Patricia Rossi Jiménez, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2022

# FACULDADE DE LETRAS

## A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ACADÉMICA EM FERRAMENTAS CAT

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>A importância da formação académica em ferramentas CAT</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Isabel Fontainhas Lino Marques</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Ana Paula da Fonseca Lopes Ana Patricia Rossi Jiménez</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho Vogais: 1. Doutora Maria do Céu Bastos 2. Doutora Ana Paula da Fonseca Lopes</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>Mestrado em Tradução</b>
<b>Área científica</b>	<b>Tradução</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Português e duas Línguas Estrangeiras (Inglês/Espanhol)</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>24-10-2022</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>18 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>19 valores</b>



## **Agradecimentos**

À minha família pela constante aposta na minha educação para que pudesse ir mais longe.

Ao Pedro por todo o amor, pela cumplicidade, força e paciência.

Às minhas orientadoras, Doutora Ana Paula Lopes e Dra. Ana Patricia Rossi, pelo incrível trabalho de equipa, pela disponibilidade, preocupação, amizade, pelos conhecimentos que me transmitiram e que levarei comigo para a vida, por todos os conselhos que me deram durante o período de redação deste relatório e pela confiança demonstrada durante o decorrer de todo o processo.

À Doutora Cornelia Plag, pelo apoio constante que prestou nos últimos dois anos, pela preocupação e dedicação que sempre demonstrou pelos seus alunos, e pela divulgação do meu questionário.

À SMARTIDIOM, em especial, à Carla Gaspar, à Joana Faria e ao André Marques, principalmente, pela oportunidade de aprendizagem, mas também por me terem acolhido como família e por toda a ajuda prestada, que me permitiu evoluir como tradutora.

Aos docentes do Mestrado em Tradução, pela inspiração diária, pelas palavras de incentivo, acompanhamento e por todos os ensinamentos que me transmitiram.

À Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por tudo o que me proporcionou nos últimos cinco anos e pelas pessoas que me deu a possibilidade de conhecer.

Aos utilizadores do grupo Tradutores com Vida, pela colaboração no questionário que realizei.

Ao júri que irá avaliar este relatório.

À Matilde e à Ana Cristina, pela amizade, paciência, pelo carinho e pelas palavras de incentivo ao longo de todo o meu percurso académico.

À Elisson, à Kateryna, à Ana Laura, à Mafalda, ao Fábio, à Susana, à Inês e à Filipa pelo companheirismo, pelo apoio que sempre prestaram tanto dentro como fora da faculdade, durante a realização do estágio e a redação do relatório, por todos os momentos que vivemos juntos e por todos os ensinamentos partilhados. Obrigada por partilharem comigo esta etapa tão importante da vida e por a terem tornado tão especial.

## RESUMO

### A importância da formação académica em ferramentas CAT

A realização de um estágio curricular é uma oportunidade incrível para qualquer estudante, especialmente para os alunos de Tradução. Uma vez que é uma área com uma grande componente prática, um estágio numa empresa de tradução é uma experiência muito vantajosa para os futuros tradutores, que podem, assim, estar em contacto com tradutores experientes, aprender diretamente com eles e viver por eles próprios a realidade profissional de um tradutor. No entanto, essa realidade profissional pode não corresponder totalmente àquilo que os estudantes aprendem durante o ensino superior em certos aspetos, nomeadamente, na utilização de ferramentas de tradução assistida por computador (CAT).

Os avanços tecnológicos que se têm visto nas últimas décadas têm permitido que o *software* de tradução assistida por computador tenha vindo a desenvolver-se gradualmente, o que é uma grande vantagem para os tradutores, que, desta forma, podem recorrer às ferramentas CAT para realizar projetos de tradução de forma mais rentável e produtiva. Contudo, a utilização das ferramentas CAT implica não só um passo extra no processo de tradução de um projeto, como também que os tradutores possuam, para além das capacidades de tradução, capacidades informáticas que lhes permitam dominar estas ferramentas. O presente relatório tem como objetivo estudar a situação atual da formação académica em ferramentas CAT em Portugal. De forma a sustentar este estudo com dados concretos, foi realizado um questionário, dirigido a tradutores, estudantes e docentes da área da Tradução. Pretende apurar-se, acima de tudo, a formação que os tradutores têm recebido em CAT ao longo das últimas décadas, o estado atual do ensino-aprendizagem nestas ferramentas em Portugal, a relação dos inquiridos com estes sistemas e a forma como essa formação afetou/afeta a utilização das mesmas.

A partir deste questionário, verificou-se que a qualidade do ensino-aprendizagem das ferramentas CAT tem vindo a melhorar nas últimas décadas. No entanto, as instituições de ensino superior portuguesas não apresentam ainda currículos com maior variedade de unidades curriculares dedicadas ao ensino-aprendizagem nas ferramentas CAT, o que culmina numa formação que não corresponde totalmente à realidade laboral dos tradutores. Além do mais, pôde concluir-se que uma quantidade significativa de inquiridos demonstrou certa rejeição à necessidade de utilização destas ferramentas no processo de tradução, sentindo-se inseguros e desmotivados quando têm de as utilizar, devido à formação que receberam.

**Palavras-chave:** Tradução, ferramentas CAT, formação académica em ferramentas CAT, competência tradutiva, subcompetência instrumental

## **ABSTRACT**

### **The importance of academic training in CAT tools**

Doing an internship is an incredible opportunity for any student, especially for those who study Translation. Since this is a very practice-oriented field, doing an internship in a translation company is a very beneficial experience for the future translators, who can thus be in contact with experienced translators, learn directly from them and experience for themselves the professional reality of being a translator. However, that professional reality may not fully correspond to what is learnt in college in certain aspects, particularly when it comes to using computer-assisted translation tools (CAT).

The technological advances seen in the last decades have allowed computer-assisted translation software to gradually develop, which is a great asset for translators, who can thus make use of these CAT tools to carry out translation projects more profitably and productively. Nevertheless, there's an extra step that is introduced to the translation process when using CAT tools and translators must have computer skills that enable them to master said tools, in addition to translation skills. This report aims to study the current situation of academic training in CAT tools in Portugal. In order to support this study with concrete data, a survey was conducted, which was addressed to translators, students and teachers in the area of Translation. Above all, it focuses in determining the type of training that translators have been receiving in CAT tools over the last decades, the current state of these tools' training in Portugal, the respondents' relationship with CAT systems and how this training has affected/is affecting their use of them.

From this survey, we found that the quality of CAT tools' training has been improving over the last decades. However, Portuguese higher education institutions do not yet present curricula with a great variety of subjects dedicated to CAT tool training, which leads to translators receiving a type of training that does not fully match the translators' professional reality. Moreover, it's possible to conclude that a significant number of respondents expressed some rejection of the necessity of using these tools in the translation process, feeling insecure and unmotivated when they have to use them, due to the training they have received.

**Keywords:** Translation, CAT tools, academic training in CAT tools, translator competence, instrumental subcompetence

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**ALPAC** – *Automatic Language Processing Advisory Committee*

**ALPS** – *Automated Language Processing Systems*

**ALTM** – *Advanced Leveraging Translation Memory*

**CAT** – *Computer Assisted Translation*

**CSV** – *Comma-separated Values*

**CVO** – *Chief Visionary Officer*

**DVI** – *Déjà Vu Interactive*

**EMT** – *European Master's in Translation*

**EN** – *Língua inglesa*

**ES** – *Língua espanhola (variante de Espanha)*

**ETOC** – *Easy to Consult*

**IBM** – *International Business Machines Corporation*

**ICT** – *Information and communication technology*

**ID** – *Identificação*

**ISCAP** – *Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto*

**ISO** – *International Standards Organization*

**JPEG** – *Joint Photographic Experts Group*

**LISA** – *Localization Industry Standards Association*

**MT** – *Tradução automática*

**PDF** – *Portable Document Format*

**PLE** – *Português Língua Estrangeira*

**PM** – *Project Manager*

**PNG** – *Portable Network Graphic*

**PT** – Língua portuguesa (variante de Portugal)

**QA** – *Quality Assurance*

**RGPD** – Regulamento Geral de Proteção de Dados

**SRX** – *Segmentation Rules eXchange*

**TAC** – Tradução assistida por computador

**TB** – Base terminológica

**TBX** – *Term-Base eXchange*

**TM** – Memória de tradução

**TMX** – *Translation Memory eXchange*

**TU** – *Translation Unit*

**UC** – Unidade curricular

**XLIFF** – *XML Localisation Interchange File Format*

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>I. O ESTÁGIO CURRICULAR</b> .....	3
1. A entidade de acolhimento .....	3
1.1. A SMARTIDIOM.....	3
1.2. A receção .....	4
2. O estágio.....	5
2.1. Procedimentos .....	5
2.2. Os projetos .....	7
2.3. Retrospectiva .....	10
<b>II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO: AS FERRAMENTAS CAT</b> .....	11
1. Origem e desenvolvimento de sistemas de tradução assistida por computador .....	11
1.1. O período de germinação (1966 a 1983).....	11
1.2. O período de crescimento constante (1984 a 1992).....	13
1.3. A década de crescimento rápido (1993 a 2003).....	14
1.4. O período de desenvolvimento global (2004 a 2013) .....	16
1.5. A década da nuvem e da tradução automática (2014 a 2022) .....	18
2. Propósito e funcionalidade das ferramentas CAT.....	21
3. Vantagens e desvantagens da utilização de ferramentas CAT.....	25
4. Reflexões sobre a formação em ferramentas CAT no ensino superior em Portugal .....	28
<b>III. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO: O IMPACTO DA FORMAÇÃO EM FERRAMENTAS CAT</b> .....	37
1. Faixas etárias e habilitações literárias.....	38
2. Ocupação atual dos inquiridos e utilização das ferramentas CAT .....	39
2.1. Utilização de apenas uma ferramenta CAT .....	42
2.2. Utilização de duas ferramentas CAT: memoQ e SDL Trados Studio .....	44
3. A formação em CAT ao longo das últimas décadas.....	45
3.1. Faixa etária dos inquiridos com mais de 60 anos.....	46
3.2. Faixa etária dos 51 aos 60 anos.....	47
3.3. Faixa etária dos 41 aos 50 anos.....	50
3.4. Faixa etária dos 31 aos 40 anos.....	54

3.5. Faixa etária dos 20 aos 30 anos.....	59
4. Satisfação dos inquiridos quanto à formação que receberam .....	64
4.1. Análise das respostas dos inquiridos que não receberam formação académica em CAT .....	65
4.2. Análise das respostas dos inquiridos que receberam formação académica em CAT .....	69
4.2.1. Respostas dos inquiridos satisfeitos com a formação académica em CAT .....	70
4.2.2. Respostas dos inquiridos insatisfeitos com a formação académica em CAT .....	73
5. As ferramentas CAT e os estudantes.....	76
6. As ferramentas CAT e os tradutores .....	79
6.1. Influência das memórias de tradução e bases terminológicas .....	82
6.2. Vantagens e desvantagens da utilização de ferramentas CAT.....	89
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>98</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>105</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Número de projetos realizados em cada ferramenta CAT .....	7
Figura 2 – Número de projetos por área temática.....	8
Figura 3 – Exemplo de tradução de software puro .....	9
Figura 4 – Exemplo de tradução de interface .....	9
Figura 5 – Modelo de Competências do EMT (2009) .....	22
Figura 6 – Faixa etária a que pertencem os inquiridos .....	38
Figura 7 – Habilitações literárias dos inquiridos .....	39
Figura 8 – Ocupação atual dos inquiridos .....	40
Figura 9 – Ferramentas CAT mais utilizadas pelos inquiridos .....	41
Figura 10 – Ferramentas utilizadas por tradutores que só utilizam uma ferramenta CAT.....	42
Figura 11 – Faixas etárias dos tradutores que só utilizam uma ferramenta CAT.....	42
Figura 12 – Ocupação dos tradutores que utilizam o memoQ e o SDL Trados Studio .....	44
Figura 13 – Ocupação dos tradutores que utilizam o memoQ e o SDL Trados Studio por faixa etária	45
Figura 14 – Ferramentas em que os inquiridos dos 51 aos 60 anos receberam formação .....	49
Figura 15 – Ferramentas favoritas dos inquiridos dos 51 aos 60 anos .....	49
Figura 16 – Ferramentas em que os inquiridos dos 41 aos 50 anos receberam formação .....	51
Figura 17 – Número de ferramentas em que os inquiridos dos 41 aos 50 anos receberam formação	52
Figura 18 – Ferramentas mais intuitivas para os inquiridos dos 41 aos 50 anos.....	54
Figura 19 – Ferramentas menos intuitivas para os inquiridos dos 41 aos 50 anos .....	54
Figura 20 – Ferramentas em que os inquiridos dos 31 aos 40 anos receberam formação .....	55
Figura 21 – Número de ferramentas em que os inquiridos dos 31 aos 40 anos receberam formação	56
Figura 22 – Ferramentas mais intuitivas para os inquiridos dos 31 aos 40 anos.....	58
Figura 23 – Ferramentas menos intuitivas para os inquiridos dos 31 aos 40 anos .....	58
Figura 24 – Ferramentas em que os inquiridos dos 20 aos 30 anos receberam formação .....	60
Figura 25 – Número de ferramentas em que os inquiridos dos 20 aos 30 receberam formação .....	61
Figura 26 – Ferramentas favoritas dos inquiridos dos 20 aos 30 anos .....	62
Figura 27 – Ferramentas mais intuitivas para os inquiridos dos 20 aos 30 anos.....	63
Figura 28 – Ferramentas menos intuitivas para os inquiridos dos 20 aos 30 anos .....	63
Figura 29 – Formação académica em CAT dos inquiridos.....	65
Figura 30 – Formação em CAT de acordo com as faixas etárias .....	65
Figura 31 – Nível de intuição das ferramentas segundo os utilizadores que não receberam formação académica em CAT .....	67
Figura 32 – Formação em CAT de acordo com as faixas etárias .....	69
Figura 33 – Ferramentas em que se deu formação de qualidade no ensino superior .....	72
Figura 34 – Formação em CAT de acordo com as faixas etárias .....	73
Figura 35 – Ferramentas em que se deu formação com menos qualidade no ensino superior.....	75
Figura 36 – Tipo de entidade de acolhimento pela qual os alunos que realizaram estágio optaram ..	76
Figura 37 – Ferramentas utilizadas durante o estágio curricular dos inquiridos.....	77
Figura 38 – Utilização de ferramentas CAT nas unidades curriculares de tradução língua 1 – língua 2 .....	78
Figura 39 – Tipo de utilização de ferramentas CAT.....	80
Figura 40 – Razão pela qual não recorrem a memórias de tradução e bases terminológicas com frequência .....	84

Figura 41 – Razões pelas quais os inquiridos recorrem a memórias de tradução e bases terminológicas.....	85
Figura 42 – Sente que as memórias de tradução influenciam, de certa forma, as suas escolhas de tradução? .....	86
Figura 43 – Prefere realizar projetos com recurso a TM ou realizar a tradução sem nenhum tipo de apoio?.....	87
Figura 44 – Vantagens da utilização de ferramentas CAT segundo os inquiridos .....	90
Figura 45 – Pensa que a utilização das CAT tem desvantagens? .....	92
Figura 46 – Razões pelas quais a utilização das CAT tem desvantagens.....	92

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Vantagens e desvantagens do uso das CAT .....	26
Quadro 2 – Lista de instituições de ensino superior que oferecem cursos em Estudos de Tradução e/ou com unidades curriculares da área.....	31
Quadro 3 – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 51 aos 60.....	48
Quadro 4 – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 41 aos 50.....	50
Quadro 5 – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 31 aos 40.....	55
Quadro 6 – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 21 aos 30.....	59

## INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, os avanços na tecnologia têm permitido que o *software* de tradução assistida por computador (CAT) e a tradução automática (MT) tenham vindo a ser desenvolvidos de forma incessante. Este progresso constante é uma mais-valia para os tradutores, uma vez que torna, entre outros aspetos, a tarefa de tradução mais produtiva. No entanto, para que a tradução enquanto atividade seja o mais rentável possível, tanto a nível financeiro como a nível de tempo, o tradutor deverá dominar não só o processo tradutivo em si, mas também as ferramentas que o auxiliam durante todo o processo de tradução. Para tal, o tradutor terá de investir no desenvolvimento da sua competência tradutiva e, conseqüentemente, no conhecimento e domínio das ferramentas de tradução assistida por computador, para que as possa dominar e utilizar em seu benefício.

Em Portugal, à data da redação do presente relatório, existem pelo menos catorze instituições de ensino superior que oferecem cursos de Tradução ou cursos que contêm unidades curriculares relacionadas com a tradução nos seus planos curriculares. Ainda um número considerável delas oferece unidades curriculares em que se ensina e aprende a trabalhar com as ferramentas de tradução assistida por computador: a Universidade de Coimbra, a Universidade de Aveiro, a Universidade do Minho, a Universidade do Porto, a Universidade de Lisboa, a Universidade Nova de Lisboa, o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP), a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, o Instituto Politécnico de Bragança e a Universidade Católica Portuguesa.

Para averiguar o que se tem feito nas últimas décadas no que concerne à formação académica recebida pelos tradutores portugueses, o presente relatório tem como propósito apurar o desenvolvimento e a situação atual do ensino-aprendizagem de ferramentas CAT. Para tal, foi realizado um questionário sobre estas ferramentas, dirigido a tradutores, estudantes e docentes da área da Tradução, por forma a ser possível defender e sustentar a essência deste trabalho com dados concretos. No primeiro capítulo do presente relatório, far-se-á uma contextualização do estágio e da entidade em que teve lugar. Aqui, é, em primeiro lugar, apresentada a entidade de acolhimento, para passar, num segundo momento, a relatar o estágio curricular: como teve início, quais foram os projetos que me foram atribuídos e o *software* de tradução assistida por computador que foi utilizado. No segundo capítulo, dedicado ao enquadramento teórico, explora-se o surgimento e evolução das ferramentas de tradução assistida por computador, explica-se o propósito destes sistemas, consideram-se as vantagens e as desvantagens da utilização das ferramentas CAT e, por fim, analisa-se a situação académica atual a partir de um quadro que apresenta as instituições de ensino superior portuguesas que oferecem unidades curriculares na área da Tradução, com o intuito de averiguar se têm, nos seus planos de

estudo, unidades curriculares em que se ensina e aprende a utilizar ferramentas CAT. A seguir, no terceiro capítulo, apresenta-se o questionário realizado e analisam-se as respostas dadas pelos inquiridos a questões que tentavam averiguar, para além da sua informação pessoal e experiência na área da Tradução, a sua relação com as ferramentas CAT, o tipo de formação que receberam nas mesmas – se a houve –, qual a utilização que fazem delas e as suas vantagens e desvantagens, entre outros dados. Por fim, existe um momento de reflexão geral sobre as respostas dadas e as conclusões que se podem retirar sobre a formação que os tradutores têm recebido nas últimas décadas.

## I. O ESTÁGIO CURRICULAR

Desde o momento em que ingressei no Mestrado em Tradução, soube que, no último ano, teria de escolher uma das alternativas que o Mestrado oferece para concluir este ciclo de estudos. Como considero que a parte prática é muito importante na área das Letras, e em especial, da Tradução – pois confere aos alunos finalistas a oportunidade de experienciar a realidade profissional nas suas áreas de estudo ao mesmo tempo que os prepara para o que, em princípio, virá depois da conclusão do curso – decidi, portanto, optar pelo estágio curricular. Uma das grandes vantagens do estágio é, sem dúvida, a possibilidade de estar em contacto com profissionais da nossa área e aprender a parte prática do ofício diretamente com eles, até porque, desta forma, também nos permite estabelecer uma rede de contactos que poderá ser útil no futuro. No final do primeiro ano do Mestrado, ponderei estagiar na área da Tradução Audiovisual. No entanto, após maior reflexão, senti que estaria a restringir-me a uma só área, especialmente depois de ter estado em contacto com tantas outras que despertaram a minha curiosidade durante o primeiro ano do curso. Por esta razão, decidi procurar uma empresa que oferecesse mais variedade dentro de todas as áreas que a tradução engloba, categoria essa em que se destacou a SMARTIDIOM.

Nesse sentido, no dia 6 de julho de 2021 entrei em contacto com a SMARTIDIOM através de um e-mail em que me apresentei, expliquei o porquê do contacto e coloquei algumas questões. Obtive, no próprio dia, uma resposta afável e esclarecedora por parte da Dra. Joana Faria, *Chief Executive Officer Assistant* da empresa, o que me fez prontamente decidir que gostaria de realizar o meu estágio na SMARTIDIOM. Após ter questionado sobre o número de vagas para estágio e se seria possível estagiar na empresa, recebi alguns dias depois uma resposta recetiva e positiva, indicando-me pormenores práticos sobre os procedimentos a seguir. Nesse sentido, realizei, a 26 de julho, dois testes de tradução (nos pares de línguas de inglês-português e espanhol-português, respetivamente nas áreas de *software* e de *marketing*). Posteriormente, recebi o resultado dos testes, revelando uma apreciação muito positiva.

### 1. A entidade de acolhimento

#### 1.1. A SMARTIDIOM

A SMARTIDIOM é uma empresa de tradução que foi fundada a 31 de maio de 2012, com sede em Leiria, tendo também um escritório no Porto. Embora os serviços mais procurados pelos clientes sejam a tradução e a localização, a empresa oferece um total de sete serviços em 107 idiomas: tradução, localização, transcrição, *copywriting*, interpretação, locução e legendagem. Para além disso, a SMARTIDIOM conta com clientes de mais de 35 países e é certificada pelas normas ISO 9001:2015 (Sistemas de Gestão de Qualidade) e ISO 17100:2015 (Serviços de Tradução), sendo que a primeira

garante a qualidade das traduções e a última especifica os requisitos de qualidade necessários à realização das traduções, que garante, entre outros aspetos, que o trabalho de tradução está a ser realizado por um nativo da língua de chegada, motivo pelo qual nunca pude fazer retroversões.

Esta informação, que me foi pessoalmente transmitida pela Adriana Carmo (*Digital Marketeer*), pela Ana Ferreira (*Team Leader e Localization Project Manager*) e pela Joana Faria (*Quality Manager e Chief Executive Officer Assistant*) durante as formações que recebi no início do estágio, pode ser também consultada na página *web* da SMARTIDIOM<sup>1</sup>, onde o visitante encontra igualmente informação sobre os serviços que presta a empresa, os clientes, contactos e, ainda, curiosidades sobre a tradução como atividade económica, que podem ser encontradas no seu blogue.

## 1.2. A receção

Apesar de o estágio ter sido realizado à distância, no dia 21 de setembro de 2021 desloquei-me a Leiria para conhecer as instalações da SMARTIDIOM, formalizar o estágio com algumas assinaturas e receber o computador da empresa, para depois poder iniciar o trabalho no dia 27 de setembro. À chegada, fui recebida pela Dra. Carla Gaspar, que me mostrou a sede. Após ter visitado todas as divisões, conversámos sobre o trabalho que eu viria a desempenhar durante o estágio e as minhas expectativas. Ofereceu-me uma caixa de boas-vindas que continha diversos objetos: um cartão com o logótipo da SMARTIDIOM que dizia “Welcome, Smartie. We are now family.”, uma bolsa de pano, uma garrafa de vidro, marcadores, uma caneta, um lápis de minas, vários cadernos com frases motivadoras, uma caixa de Smarties e uma pequena caixa com as “regras do jogo”, um conjunto de cartões que explica os valores pelos quais a empresa se rege: humildade, empatia, integridade, evolução, positivismo, profissionalismo e rigor. No fundo da caixa dizia “És importante para nós”, uma mensagem que demonstra, desde logo, o tipo de empresa que a SMARTIDIOM é: uma empresa que valoriza as pessoas que fazem parte da equipa e que vê potencial no que elas têm para oferecer. Esta mensagem faz com que todos os novos colaboradores se sintam bem acolhidos e integrados na família empresarial, o que, a meu ver, não acontece em muitas empresas, especialmente em empresas grandes. Como consequência, também motiva, tanto os estagiários como os colaboradores, a fazer o melhor trabalho possível, dando prioridade aos resultados. Por fim, foram-me dados a ler uns documentos com toda a informação necessária sobre os diversos cargos que iria desempenhar durante o estágio.

---

<sup>1</sup> Cf. <https://smartidiom.pt/pt/>

## 2. O estágio

### 2.1. Procedimentos

Durante o estágio, comprometi-me a trabalhar das 9h às 18h, com uma hora de almoço das 13h às 14h, todos os dias, com exceção das segundas e as sextas-feiras, uma vez que, nestes dias, tinha aulas de *Tradução Russo-Português I* e *Seminário de Metodologia* a horas que coincidem com o horário do estágio. Sendo assim, à segunda-feira trabalhava das 9h às 11h e das 16h30 às 18h, enquanto à sexta-feira trabalhava das 9h às 16h, com uma hora de almoço. De acordo com os documentos que assinei na empresa, estava apta a desempenhar quatro funções: *translator*, *reviewer*, *reviser* e *proofreader*. Como indicam os nomes dos cargos, *translator* é a pessoa responsável pela tradução, *reviewer* é quem faz a revisão do documento produzido pelo tradutor apenas na língua de chegada, *reviser* faz uma revisão bilingue do documento e *proofreader* é aquele que fica responsável pela revisão das revisões na língua de chegada. Apesar de poder desempenhar qualquer um destes cargos, aquele que desempenhei com mais frequência foi o de *translator*. Também realizei duas tarefas como *reviewer*, mas consistiram apenas na revisão de textos internos da empresa, como orçamentos e termos de condições, que foram redigidos em inglês pela Ana Ferreira, uma das *Project Managers* (PM) da SMARTIDIOM e, como tal, não serão considerados no número total de projetos de tradução realizados.

Todo o processo de receção e entrega dos projetos foi efetuado através do Outlook até ao dia 22 de dezembro, o meu penúltimo dia de estágio, visto que a SMARTIDIOM começou a utilizar, a partir dessa data, uma plataforma de gestão de projetos nova: a XTRF. No entanto, havia um cliente específico cujas traduções e revisões tinham de ser entregues aos revisores do projeto através da plataforma que a empresa utiliza para facilitar a comunicação entre os colaboradores, o Slack, sobre a qual falarei posteriormente. Inicialmente, o trabalho pelo Outlook não era muito fácil de gerir, mas após um período de adaptação, começou a ser mais simples. No entanto, nas ocasiões em que me atribuíam vários projetos no mesmo dia, era um pouco difícil manter os e-mails organizados. Apenas tive um dia de contacto com a plataforma XTRF, mas posso afirmar que permitia uma organização muito mais adequada dos projetos, embora tivesse a desvantagem de não se poder ver quem seria o revisor do projeto nem receber a avaliação e *feedback* dos projetos através da plataforma.

Portanto, apenas posso explicar os processos de receção e entrega de projetos que realizei na maior parte do tempo do estágio. O processo mais simples era, sem dúvida alguma, o dos projetos que tinham de ser entregues pelo Slack. Nesta plataforma, que permite o contacto entre todos os colaboradores da Smartidiom, existem diversos canais destinados a grupos específicos de colaboradores: há canais para os linguistas, para os estagiários, para certos tipos de projetos mais confidenciais aos quais os estagiários não têm acesso, etc. Existe um canal para cada grupo da empresa

e um deles era destinado aos projetos de um cliente específico, sendo sempre atribuídos e entregues neste canal. O PM que atribuía o projeto tinha de indicar, neste canal específico, os nomes do tradutor e do revisor, o ID da tarefa e, se houvesse, fornecer materiais de apoio. O tradutor tinha de aceder a um ficheiro Excel na *Google Drive* da SMARTIDIOM, que serve de planificador dos projetos deste cliente, onde se poderia encontrar toda a informação sobre o projeto, tal como prazos de entrega da tradução, da revisão e de entrega do projeto ao cliente, o ID do projeto, o WWC<sup>2</sup>, o número total de palavras (para o revisor), o *link* de acesso ao Memsourc – que é a ferramenta CAT que este cliente prefere – as iniciais do nome do tradutor, o prazo de entrega para o tradutor, as iniciais do nome do revisor, o prazo de entrega para o revisor, a avaliação da etapa de tradução e de revisão, e notas que podem ser úteis no processo de tradução. Portanto, o tradutor tinha de procurar pelo ID do projeto em questão, entrar no *link* do Memsourc com as credenciais da SMARTIDIOM e realizar o projeto. Após terminar a tradução, o tradutor tinha de exportar o projeto em formato bilingue, alterar o nome do ficheiro para “(ID do projeto)\_TR” e entregá-lo no correspondente grupo do Slack. Como nos projetos deste cliente não era preciso entregar relatório de *Quality Assurance* (QA) nem formulário de validação do projeto, o processo de entrega era mais simples. Posteriormente, o revisor seguia os mesmos passos do tradutor, fazia a revisão da tradução, exportava e entregava o ficheiro bilingue no Slack com o nome “(ID do projeto)\_RB”, para que o tradutor pudesse ver as alterações que foram feitas. No fim, o projeto era entregue ao cliente pelo PM responsável pelo projeto.

No entanto, e como já foi referido, o processo de receção e entrega de projetos era predominantemente realizado através do Outlook: i) o tradutor recebia um e-mail de um *Project Manager* com as informações do projeto (tipo de trabalho, línguas de trabalho, WWC, a ferramenta em que o trabalho tinha de ser realizado, o prazo de entrega com as iniciais do tradutor e do revisor, uma enumeração dos ficheiros a entregar, as credenciais de acesso à ferramenta CAT que ia ser utilizada no projeto, indicações de como finalizar o projeto nessa ferramenta, as instruções do cliente, que nem sempre acompanham a encomenda, e as instruções do PM); ii) realizava-se o projeto, seguindo as instruções dadas; iii) o tradutor entregava os documentos do projeto – normalmente, o(s) ficheiro(s) bilingue(s) (a tradução), o relatório de QA e o formulário de validação do projeto, devidamente preenchido (que consistia num ficheiro Word com as informações do projeto que serve como prova de entrega de cada projeto); iv) o revisor procedia à revisão do projeto; v) eram entregues ao PM e ao tradutor os documentos revistos, o relatório de QA, o formulário de validação do projeto do revisor e uma avaliação da tradução de 1 a 5 (em que 5 é Muito Bom); vi) o PM entregava o projeto ao cliente.

Por fim, é importante notar que se deve fazer uma distinção entre entrega de avaliação da tradução e *feedback*, porque a avaliação é sempre entregue aos tradutores, enquanto o *feedback* nem

---

<sup>2</sup> Do inglês *weighted word count*: é o “peso real” do projeto, que se calcula a partir da percentagem do projeto que já está traduzida automaticamente devido às memórias de tradução.

sempre é dado, provavelmente devido à grande carga de trabalho que o revisor podia ter naquele momento ou à falta de tempo.

## 2.2. Os projetos

Durante os três meses de estágio, foram-me atribuídos maioritariamente projetos de tradução EN-PT, sendo que dos 104 projetos que realizei no total, apenas dois pertenciam ao par de línguas espanhol-português. Acabei por ter menos contacto do que esperava com textos espanhóis, mas aqueles que me atribuíram foram interessantes e desafiantes. Para além disso, trabalhei com cinco ferramentas CAT: memoQ, Memsource, Smartling, GlobalLink (PD) e SDL Trados Studio.

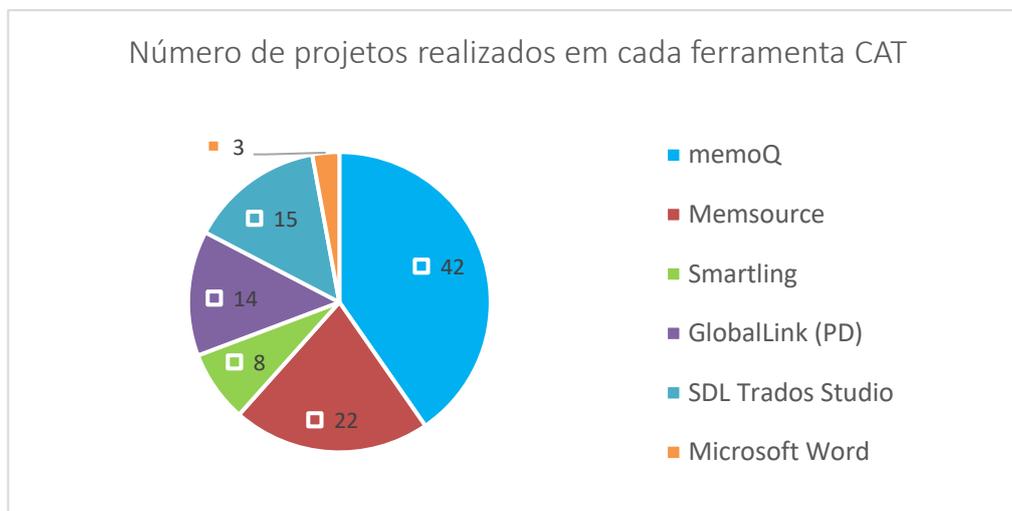


Figura 1 – Número de projetos realizados em cada ferramenta CAT

Antes de iniciar o estágio, apenas tinha experiência com o memoQ e algum contacto com o Memsource. No que toca às restantes, tive de aprender a trabalhar com elas por mim mesma, uma vez que não as conhecia e também porque não recebi qualquer formação nelas, o que me atrasou muito a realização de certos projetos. De facto, às vezes, até demorava mais a tentar entender as ferramentas do que a traduzir os documentos. Se o estágio tivesse decorrido em regime presencial, talvez pudesse ter aprendido a utilizar todas estas ferramentas com os outros tradutores, que já têm vários anos de experiência. Uma vez que não tive essa possibilidade, tive de pedir ajuda muitas vezes aos PM e aos revisores dos projetos pelo Slack ou procurar tutoriais na internet quando me deparava com algum problema que não conseguia mesmo resolver por mim própria.

Para além das várias ferramentas que se utilizam na empresa, a SMARTIDIOM trabalha também com documentos procedentes de diversas áreas temáticas, mas os textos que recebi com mais frequência pertenciam às áreas de *software* e *marketing*, como se pode verificar através do gráfico representado na figura 2:

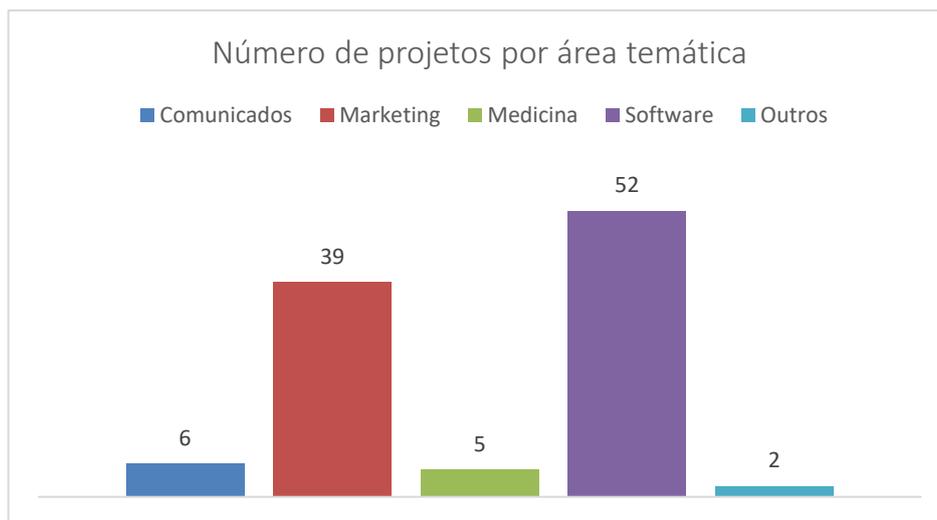


Figura 2 – Número de projetos por área temática

Na categoria “comunicados” foram incluídos os projetos que consistiram na tradução de e-mails que os *CEO* de algumas empresas escreveram para os colaboradores. Já os textos de *marketing* podem ser divididos em três categorias: publicidade, campanhas de sensibilização e artigos informativos com o propósito de vender um serviço. Os textos de medicina pertenciam principalmente à área da medicina dentária, mas também traduzi algumas bulas e inventários de instrumentos médicos, que, na minha opinião, são um pouco mais difíceis de traduzir porque costumam consistir em palavras soltas que nem sempre vêm acompanhadas de contexto suficiente para que o tradutor saiba a que instrumento o texto se refere. A grande maioria dos textos que traduzi pertencia à categoria de textos de *software*, embora alguns deles possam encaixar-se também na categoria do *marketing*. Considero pertinente dividir esta categoria em duas subcategorias: tradução de *software* e tradução de interface. Considerei como tradução de *software* qualquer documento em que apenas constassem palavras soltas e *placeholders*<sup>3</sup>, e como tradução de interface qualquer texto que fizesse parte da interface da aplicação ou *website* do cliente, isto é, a parte do produto final que o consumidor vê e com a qual pode interagir – podendo estes também ter *placeholders*, mas não em tanta abundância como nos documentos que se inserem na subcategoria anterior. Penso que a diferença se torna mais evidente e esclarecedora em termos práticos com exemplos das figuras 3 e 4. Finalmente, a categoria denominada “outros” apenas abrange dois projetos, sendo um deles uma tradução jurídica e o outro uma tradução de um plano de desinfeção a ser posto em prática na empresa do cliente.

<sup>3</sup> Um símbolo ou valor que pode ser substituído por um tipo específico de informação.

is [1]	é [1]
is from [1] until [2]	é de [1] até [2]
is in [1] [2]	é em [1] [2]
is in the last [1]	está no último [1]
is [1] ago	está há [1]
is in the year [1]	é no ano [1]
is [1] [2] for [3]	é [1] [2] para [3]

Figura 3 – Exemplo de tradução de software puro

You've seen all new shopping emails from the past {1} days.	Já viu todos os e-mails de compras dos últimos {1} dias.
Mark all above as read	Marcar tudo o que está acima como lido
You're all caught up!	Não há nada de novo para ver!
How you can save time:	Como poupar tempo:
See favorite brands first	Veja as suas marcas favoritas primeiro
Filter by categories	Filtre por categorias
Preview messages	Pré-visualizar as mensagens
Select your Favorite Brands	Selecione as suas marcas favoritas
Shop now	Comprar agora
{1} RECENT MESSAGES	{1} Mensagens recentes

Figura 4 – Exemplo de tradução de interface

No início do estágio não recebi muitos projetos. Tanto eu como a minha colega estagiária, a Filipa, começámos e terminámos o estágio no mesmo dia. No dia 27 de setembro apresentámo-nos à equipa e tivemos duas pequenas formações por ZOOM, uma sobre o departamento de *marketing* e a outra sobre o departamento de produção, para entendermos melhor a forma como funciona a SMARTIDIOM. Depois, no dia 28, tivemos uma formação sobre as normas ISO e outra sobre o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD). Por fim, no dia 29, recebi o meu primeiro projeto de tradução, no memoQ e com um WWC de 332 – um projeto pequeno. O volume de trabalho começou a aumentar gradualmente. No início, os projetos levavam o seu tempo a chegar e eram normalmente pequenos, o que é natural, visto que ainda estava a começar a habituar-me a algumas ferramentas e procedimentos novos. Como na primeira semana de estágio só me deram um projeto, decidi ler os guias de estilo dos clientes e da SMARTIDIOM. Na segunda semana de estágio recebi sete projetos com os seguintes WWC: 20, 282, 255, 486, 38, 300 e 50. Tendo em conta os valores, posso dizer que nesta semana não recebi um volume de trabalho muito grande. Para além disso, os projetos desta semana foram ainda todos realizados no memoQ (à exceção de um, que foi realizado no Smartling). No entanto, pouco a pouco começou a aumentar o volume de trabalho e, com ele, a variedade de ferramentas CAT novas em que devia realizar os projetos. Certas tarefas levaram mais tempo a ser realizadas pois não tive tempo suficiente para me ambientar com antecedência a cada uma das ferramentas que utilizei.

### 2.3. Retrospectiva

Penso que o estágio foi uma experiência muito positiva por me ter colocado em contacto com uma realidade que nunca tinha experienciado. Desta forma, acabei por ficar com uma ideia mais clara daquilo que o futuro me reserva, para além de me ter ajudado a arranjar mecanismos próprios para saber lidar com a realidade profissional, que é um pouco diferente da realidade académica à qual estou habituada. O único aspeto que gostava que tivesse sido diferente é o facto de o estágio ter sido realizado à distância. Queria ter experienciado a realidade profissional de um tradutor numa empresa de tradução em regime presencial e ter tido a oportunidade de trabalhar diretamente com outros tradutores, pois penso que teria sido uma experiência completamente diferente e, talvez, mais proveitosa. De igual modo, antes da realização do estágio, não considerava que o domínio das ferramentas de tradução assistida por computador pudesse ter tanto impacto no processo de tradução. Agora, gostava de ter investido mais tempo a aprender a utilizá-las antes do início do estágio, porque assim não teria sentido tanto o impacto da utilização das ferramentas na qualidade do meu trabalho.

Esta experiência fez-me questionar se existem outros tradutores que sentem o mesmo em relação às ferramentas CAT. Será que este é um dos aspetos da tradução que me causa dificuldade devido à minha falta de experiência ou é um sentimento geral entre os tradutores? Se é um sentimento geral, a que se deve esta insegurança ao utilizar *software* de tradução assistida por computador? Qual é o papel das instituições de ensino superior e das empresas de tradução na formação da competência instrumental dos tradutores e como podem ajudá-los a desenvolvê-la para conseguirem dominar as ferramentas? De que modo é que a formação em ferramentas CAT afeta a utilização das mesmas? Para responder a estas perguntas, é necessário conhecer a história das ferramentas de tradução assistida por computador, estudar a situação atual e compará-la com a das últimas décadas, entender como mais tradutores se sentem em relação à utilização das CAT e como é que a formação que receberam teve impacto no modo como as utilizam.

## II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO: AS FERRAMENTAS CAT

A Tradução é, para além de uma área de estudos, uma atividade económica tão competitiva e exigente como qualquer outra. Como tal, esta atividade tem de ser rentável para os tradutores, de modo que possam viver dela. Mas, para aumentar essa rentabilidade, o tradutor tem de ser capaz de realizar o seu trabalho de modo competitivo, isto é, de forma mais rápida e eficaz. Nesse sentido, foram desenvolvidos programas de tradução assistida por computador, conhecidos como ferramentas CAT (do inglês *CAT Tools – Computer-Assisted Translation Tools*), com o propósito de auxiliar o tradutor durante o processo de tradução, tornando o seu trabalho mais célere, menos exaustivo e, conseqüentemente, mais produtivo “through the use of technology, collective translation, recycling translations, reusing translations, professional competence, profit-seeking, labour-saving, and cost-saving” (Chan 2015, p. 43).

### 1. Origem e desenvolvimento de sistemas de tradução assistida por computador

As ferramentas de tradução assistida por computador têm estado em constante evolução desde que surgiram nos anos 60 – mais especificamente, desde 1966 –, passando, segundo Chan (2015), por quatro fases ou períodos: i) um período de germinação; ii) um período de crescimento constante; iii) uma década de crescimento rápido; e iv) um período de desenvolvimento global. No entanto, e considerando que o estudo de Chan não contempla o acontecido após 2014, podemos ainda identificar uma quinta fase que abrange o fim do período de desenvolvimento global até à atualidade: a década da nuvem e da tradução automática. Graças a este desenvolvimento tecnológico, hoje em dia podemos contar com o auxílio de mais de 100 sistemas de tradução assistida por computador.

#### 1.1. O período de germinação (1966 a 1983)

A tradução automática advém da invenção do primeiro computador. Na década de 40, o aparecimento do ENIAC, o primeiro computador, despertou a curiosidade dos académicos Warren Weaver e Andrew D. Booth, que foram os primeiros a propor que se tirasse proveito das funcionalidades dos computadores na tradução. Na década seguinte, em 1954, deu-se um acontecimento marcante no desenvolvimento da tradução automática: Leon Dostert e Peter Sheridan utilizaram o IBM701, o primeiro computador científico comercial da *International Business Machines Corporation* (IBM), para fazer uma demonstração pública de tradução de um documento em russo para inglês. Dez anos mais tarde, o governo dos Estados Unidos da América criou o *Automatic Language Processing Advisory Committee* (ALPAC), um comité que tinha como finalidade averiguar o estado em que se encontrava a tradução automática na época. Como resultado, em 1966, o ALPAC publicou um relatório intitulado

“Languages and Machines: Computers in Translation and Linguistics”, em que se concluía que “there is no immediate or predictable prospect of useful machine translation” (ALPAC, 1966, p. 32). Este relatório mencionava que era cada vez mais evidente que a tradução automática de alta qualidade não seria algo concretizável durante muito tempo, uma vez que esta era duas vezes mais cara que tradução humana e não satisfazia as expectativas dos clientes. No entanto, sugeria que se começasse a apostar na tradução assistida por computador, que tinha como propósito melhorar e auxiliar a tradução humana. Apesar de este relatório do ALPAC ter condenado a investigação sobre a tradução automática na Europa e na Rússia, pode dizer-se que um dos aspetos mais positivos que resultou dele foi a introdução deste novo conceito de tradução assistida por computador.

Este período foi igualmente marcado por outros acontecimentos importantes na história da tradução assistida por computador. É, efetivamente, neste período, mais concretamente entre os anos de 1960 e 1980, que começou a ganhar corpo a ideia de memória de tradução (TM) (Hutchins, 1998, pp. 287–307). Em 1978, Alan Melby – um académico que pertencia ao Grupo de Investigação em Tradução da Brigham Young University e que desenvolveu, em conjunto com os seus colegas, um sistema de tradução interativo a que chamou ALPS (*Automated Language Processing Systems*) e incorporou o que na época correspondia a um sistema de memórias de tradução numa ferramenta chamada *Repetitions Processing*, cuja finalidade era encontrar segmentos semelhantes entre textos.

No ano seguinte, em 1979, Peter Arthern sugeriu que se utilizasse um método de “translation by text-retrieval”, isto é, a informação seria armazenada de modo que qualquer porção de texto em qualquer das línguas envolvidas pudesse ser imediatamente localizada juntamente com a sua tradução nas línguas de chegada (Arthern, 1979, p. 95).

Mais tarde, em outubro de 1980, Martin Kay publicou “The Proper Place of Men and Machines in Language Translation”, um artigo que o tornou um pioneiro nesta área por propor a criação de um sistema de tradução automática em que o ecrã era dividido em duas janelas: o texto a ser traduzido apareceria na janela de cima e a tradução seria realizada na de baixo, para que o tradutor pudesse visualizar os textos de partida e de chegada simultaneamente e editar a tradução com o auxílio de recursos específicos à tradução, tal como a consulta de dicionários, por exemplo (Kay, 1980, pp. 9–18). Esta ideia foi revolucionária para a época em que foi proposta e causou grande impacto na investigação que se seguiu nesta área. Contudo, um dos problemas que este sistema apresentava estava relacionado com a correspondência dos segmentos: aqueles que tinham uma correspondência guardada no sistema existiam em números reduzidos, o que minimizava a possibilidade da reutilização de segmentos e o propósito de ter um sistema de memórias de tradução. Por isso, por volta do ano 1980, alguns investigadores começaram a recolher e a armazenar amostras a fim de transferir e partilhar os seus recursos de tradução.

## 1.2. O período de crescimento constante (1984 a 1992)

Entre 1984 e 1992 deu-se um período de crescimento contínuo, que permitiu que se desenvolvessem os primeiros sistemas de tradução assistida por computador. São três as datas mais marcantes neste período: 1984, ano em que se fundaram as primeiras empresas de ferramentas CAT – a Trados, na Alemanha, e a Star Group, na Suíça; 1988, em que se comercializaram pela primeira vez os sistemas de tradução assistida; e 1992, ano em que houve uma expansão regional do desenvolvimento de sistemas CAT, surgindo novas empresas em mais países a criar *software* CAT.

Em 1984, Jochen Hummel e Iko Knyphausen fundaram a empresa alemã Trados, em Stuttgart, que foi criada, inicialmente, para fornecer serviços linguísticos durante um projeto de tradução que receberam da IBM nesse mesmo ano. Para auxiliar os tradutores no decorrer desse projeto, a empresa desenvolveu um *software* de tradução assistida por computador.

Neste mesmo ano, foi fundada a empresa suíça STAR – originalmente, STAR AG – que tinha como propósito fornecer serviços de edição técnica manual e de tradução com recurso a tecnologia da informação e a automatização. Após dois anos, a STAR abriu um escritório na Alemanha para conseguir acompanhar a crescente procura de *software* no mercado da localização e, mais tarde, começou a desenvolver programas próprios – o GRIPS e o Transit, sendo que o primeiro servia como gestor de informação e o segundo permitia a utilização de memórias de tradução.

A comercialização de sistemas de tradução assistida por computador arrancou em 1988 quando Eiichiro Sumita e Yutaka Tsutsumi lançaram a ferramenta ETOC (*Easy to Consult*), que funcionava como um dicionário eletrónico avançado. Com esta ferramenta, o tradutor podia introduzir qualquer frase que o sistema extraía-la-ia do seu próprio dicionário. Se não existissem correspondências, o sistema realizava uma análise gramatical da frase que consistia em tirar algumas das palavras, mas manter aquelas que tinham mais impacto na estrutura da frase. A seguir, o que sobrasse da redução da frase era comparado com frases bilingues guardadas na base de dados para encontrar outras frases com estruturas semelhantes que eram, depois, apresentadas ao tradutor. Assim, este podia copiar e colar a frase no *Editor*, rever a frase e completar a tradução. Embora o sistema não utilizasse o termo “memória de tradução” e fosse chamado de “dicionário”, esta ferramenta continha as características base dos sistemas de memórias de tradução atuais. Contudo, o único defeito desta ferramenta era o facto de apenas utilizar correspondências perfeitas e não reconhecer *fuzzies*<sup>4</sup>, o que afetava drasticamente a reutilização de traduções (Sumita & Tsutsumi, 1988, p. 2).

Ainda em 1988, a Trados desenvolveu o TED, um *plugin* que servia como processador de texto, que mais tarde veio a tornar-se no primeiro Translator’s Workbench editor. Por volta desta altura, a

---

<sup>4</sup> Um *fuzzy* é um segmento que apenas corresponde parcial ou aproximadamente ao segmento do texto de partida (Bowker, 2005, p. 14).

Trados decidiu dividir a empresa, passando a parte dos serviços de tradução para a INK, nos Países Baixos, para que se pudesse concentrar no desenvolvimento de software de tradução. Dois anos depois, a Trados lançou a primeira versão do MultiTerm, com uma abordagem inovadora em termos de armazenamento de dados numa só base de dados.

Mais tarde, em 1991, a STAR AG lançou, finalmente, a Transit 1.0, que estava em desenvolvimento desde 1987 e que era utilizada exclusivamente para produção *in-house*. Esta ferramenta continha modelos que constituem características padrão dos sistemas CAT atuais, tais como um editor de tradução com janelas de língua de partida e de chegada separadas, mas sincronizadas entre si, um motor de memória de tradução, uma componente de gestão de terminologia e características de gestão de projeto.

Um dos momentos mais importantes neste período da história das ferramentas de tradução assistida por computador foi o lançamento do primeiro sistema comercial em 1992 pela Trados, que marca o início da existência de sistemas de tradução assistida por computador comerciais. Também neste ano, foram lançadas as ferramentas Translator's Workbench I e Translator's Workbench II, sendo esta última a primeira ferramenta a incorporar um sistema de memórias de tradução e funções de alinhamento. Posteriormente, nos Estados Unidos, a IBM lançou o Translation Manager / 2, uma ferramenta que continha o seu próprio editor e um sistema de memórias de tradução que utilizava segmentos *fuzzy* para recolher material já existente da sua base de dados de tradução.

### **1.3. A década de crescimento rápido (1993 a 2003)**

Entre 1993 e 2003, as ferramentas de tradução assistida por computador sofreram um crescimento muito rápido, graças, em parte, ao aparecimento de mais sistemas comerciais – o que implica maior competição entre empresas –, ao suporte de mais formatos de documentos e de línguas de trabalho, ao desenvolvimento de mais funções integradas e à a posição dominante do Trados no mercado.

Antes de 1993, apenas existiam três ferramentas disponíveis no mercado – o Translator's Workbench II da Trados, o Translation Manager / 2 da IBM e o Transit 1.0 da STAR –, mas apenas neste espaço de tempo, foram desenvolvidos cerca de vinte sistemas para comercialização, entre os quais se encontram: o Déjà Vu, o Eurolang Optimizer, o SDLX, o Wordfast e o MultiTrans.

O sistema Déjà Vu foi desenvolvido em Espanha pela Atril, depois de 1993. Inicialmente, esta ferramenta fora criada para uso profissional *in-house* e consistia num sistema personalizável de tradução assistida por computador que combinava tecnologia de memórias de tradução com técnicas de tradução automática baseada em exemplos (Chan, 2015, p. 8). Esta empresa começou por trabalhar com sistemas de tradução automática, mas não obtiveram bons resultados. Para além disso, devido a

limitações técnicas, este sistema apenas era capaz de processar ficheiros de texto simples e, como tal, a Atril decidiu virar a sua atenção para a criação e desenvolvimento do seu próprio *software* de memórias de tradução. Assim, em 1993, esta empresa lançou o Déjà Vu 1.0 – *software* concebido para ser uma ferramenta de tradução profissional – que produzia resultados aceitáveis de forma económica. Esta ferramenta CAT foi pioneira em certos aspetos: i) foi a primeira ferramenta de TM para Windows e a ser diretamente integrada no Microsoft Word; ii) foi a primeira ferramenta de tradução profissional a estar disponível ao público a preço acessível. Mais tarde, em 1996, foi lançada uma nova versão do Déjà Vu com inúmeras funcionalidades novas que tinham sido sugeridas pelos utilizadores: um editor universal, o Déjà Vu Interactive (DVI), um módulo de manutenção de base de dados com uma ferramenta de alinhamento e um módulo de manutenção de terminologia.

Em 1994, a empresa francesa Eurolang desenvolveu o sistema Eurolang Optimizer, cujos componentes incluíam a área de trabalho do tradutor, um servidor de pré-tradução que recorre a uma base de dados de memória de tradução e terminologia, para além de uma ferramenta de gestão de projetos destinada a várias línguas e utilizadores.

Já no Reino Unido, em 1998, a SDL começou a adquirir e a desenvolver *software* e *hardware* de tradução e localização, tanto para uso próprio como comercial. A SDL lançou o SDLX, que consistia num conjunto de ferramentas de base de dados de memória de tradução, que tinha sido criado com o propósito de ser utilizado *in-house* pela empresa, pelo que era já um produto bem desenvolvido quando foi lançado ao público.

Um ano mais tarde, Yves Champollion – um tradutor *freelancer* com mais de 25 anos de experiência – criou a primeira versão da ferramenta que ficou conhecida como Wordfast. Esta primeira versão funcionava através do Microsoft Word e continha algum *software* de memórias de tradução. A maior vantagem do Wordfast era o facto de que, até 2002, podia ser adquirido de forma gratuita, embora o tradutor tivesse de criar uma conta na página *web* da empresa. A quarta versão do Wordfast, que chegou aos mercados em 2003, já permitia a importação e tradução de documentos PDF.

Ainda em 1999, foi criada a MultiCorpora R&D Inc., que se dedicava exclusivamente ao fornecimento de soluções de tecnologia linguística a empresas, governos e fornecedores de serviços linguísticos. Três anos depois, a empresa lançou o MultiTrans 3, uma ferramenta que oferecia tradução com base em corpus e que introduziu uma nova tecnologia de tradução: *Advanced Leveraging Translation Memory* (ALTM), um sistema que fornecia traduções já realizadas no seu contexto original e que quase não precisava de manutenção de alinhamento para que se obtivesse um alinhamento de boa qualidade. Em 2003, foi lançada a versão 3.5 do MultiTrans, com novas funcionalidades: alinhamento de texto automático melhorado para todos os pares de línguas, pré-tradução baseada em *corpus* opcional, suporte e capacidade de análise de mais tipos de ficheiros, flexibilidade de importação e exportação, e compatibilidade completa com o Microsoft Office 2003.

Por fim, em 2003, na Rússia, a empresa responsável pelo desenvolvimento de produtos e serviços de tradução automática PROMT, lançou o @prompt XT, que, para além de outras funcionalidades, era capaz de processar documentos PDF, tornando-o num dos primeiros *software* de tradução a suportar ficheiros PDF juntamente com o Wordfast.

Foi durante esta década que a Trados viu um grande desenvolvimento nos seus produtos e se tornou numa empresa de CAT líder de mercado. Em 1994, a Trados anunciou o lançamento da nova versão do Translator's Workbench para Windows. Também neste ano, lançou o MultiTerm Professional 1.5, que se inseria no Translator's Workbench. O que tornava o MultiTerm interessante era a sua capacidade de fornecer pesquisas bem-sucedidas através de *fuzzies*, mesmo quando as palavras continham erros ortográficos. Mais tarde, em 2002, foi lançado o Trados 5.5 e, em 2003, o Trados Workbench já oferecia análises linguísticas mais aperfeiçoadas e estava projetado para aumentar a produtividade de tradutores individuais ou grupos de trabalho pequenos.

Os produtos da Trados tornaram-se tão populares que muitos outros sistemas de tradução assistida por computador foram projetados para serem compatíveis com o Translator's Workbench, como por exemplo, o SDLX (1999), que era compatível com os formatos de importação e exportação do Trados Translator's Workbench; o Trans Suite 2000 (2000), que tinha a capacidade de processar os ficheiros RTF do Trados; o Wordfast 3.22 (2001), que já conseguia abrir diretamente as memórias de tradução das versões 2 e 3 do Translator's Workbench.

#### **1.4. O período de desenvolvimento global (2004 a 2013)**

Durante esta década, os constantes avanços na tecnologia possibilitaram a atualização das ferramentas de tradução assistida por computador já existentes e o desenvolvimento e lançamento ao público de novas ferramentas. O aparecimento de cerca de trinta ferramentas novas nesta década proporcionou aos compradores a possibilidade de adquirir as ferramentas que melhor se adaptassem às suas necessidades e orçamento.

Chan (2015, p. 22) verifica que existe um padrão no foco do desenvolvimento dos sistemas de tradução assistida por computador de 2004 a 2013: i) a constante compatibilidade com Windows e Microsoft Office; ii) a disponibilidade de sistemas *online* ou integrados na rede; iii) a integração de controlo de fluxo de trabalho nos sistemas CAT; iv) a adoção de novos formatos.

A primeira versão do sistema operativo Windows foi lançada em 1985 e dominou a indústria dos computadores muito rapidamente, apesar de a Apple ter lançado o Mac OS um ano antes. À medida que a utilização deste sistema operativo se começou a tornar mais predominante, os tradutores começaram a realizar traduções em computadores com Windows. Portanto, as empresas de CAT consideraram que seria uma mais-valia adaptar os seus produtos ao sistema operativo maioritário, o

que implicaria que, primeiramente, as ferramentas CAT fossem compatíveis com o sistema Windows e, mais tarde, que houvesse a possibilidade de as integrar no Microsoft Office. Embora tenham sido desenvolvidos sistemas CAT independentes do Microsoft Office, também foram criados alguns que funcionavam como extensões do Office, tornando possível, por exemplo, o acesso a dicionários e bases de dados num documento Word. Em 2003, alguns sistemas CAT já eram compatíveis com o Office; no entanto, nos anos a seguir continuou a apostar-se no desenvolvimento e atualização dos mesmos. Para além disso, o sistema Windows sofreu atualizações significativas durante esta década: em 2005, introduziu-se o Windows Vista; em 2009, o Windows 7; e, em 2012, o Windows 8. Cada uma destas versões era muito distinta da anterior e, nesse sentido, as empresas de CAT tiveram de acompanhar de perto estas atualizações para que os seus próprios produtos estivessem sempre atualizados e fossem compatíveis com todas as versões do Windows.

Foi também durante este período que teve início a era da Internet, que começou gradualmente a integrar vários aspetos do dia-a-dia das pessoas, tanto no âmbito doméstico como no profissional. Um dos objetivos de algumas empresas nesta década era a criação de maiores bases de dados que contivessem segmentos de textos já traduzidos, de modo a facilitar e a tornar mais rápido o trabalho dos tradutores. No entanto, dadas as dimensões destas bases de dados, não era possível armazená-las num computador de trabalho. Por esta razão, foram criados servidores que tinham a capacidade de armazenar grandes quantidades de dados. Para aceder a esses servidores, muitos dos sistemas CAT desta altura começaram a funcionar à base de servidores, da *web* ou da nuvem. Como tal, nesta década, as ferramentas CAT começaram a integrar funcionalidades *online* para facilitar o acesso aos servidores que continham memórias de tradução, bases terminológicas (TB) e, nalguns casos, até projetos de clientes. Mais tarde, também começaram a surgir sistemas CAT *online*, tal como o Memsource, que podiam ser utilizados em qualquer plataforma a partir de um *browser*, tornando possível o trabalho em qualquer dispositivo e em qualquer lugar. Por fim, as funcionalidades *online* de algumas ferramentas igualmente permitiram que vários tradutores trabalhassem num só projeto em tempo real.

O desenvolvimento dos sistemas CAT nesta década trouxe, de igual modo, vantagens para o próprio funcionamento das empresas de tradução. Recorde-se que a tarefa dos gestores de projeto passa por comunicar com os clientes, receber as encomendas de tradução, atribuir os projetos aos tradutores, certificar-se de que o projeto foi corretamente realizado e entregar o produto final ao cliente. Se todo o processo de receção e entrega de projetos for feito por computador, é importante que o gestor de projeto tenha acesso ao projeto e às suas informações através do computador com que está a trabalhar. Já existiam alguns sistemas de gestão de trabalho, mas funcionavam de forma individual, ou seja, não estavam integrados em nenhuma ferramenta CAT. Para facilitar o acesso aos projetos e o trabalho de verificação dos gestores de projeto, nesta década, foram introduzidas nos

sistemas CAT muitas funcionalidades de controlo de fluxo de trabalho novas, tais como, gestão de projetos, controlo de conteúdo, verificação ortográfica e controlo de qualidade.

Este desenvolvimento, manifestado numa grande oferta no mercado de sistemas CAT, trouxe consequentemente um inconveniente, ao qual teve de se dar resposta: a incompatibilidade de ficheiros entre as distintas ferramentas CAT e a difícil partilha de dados entre projetos realizados com recurso a diferentes ferramentas. Deste modo, se um tradutor utilizasse mais do que uma ferramenta e pretendesse, por exemplo, importar uma TM criada por si numa ferramenta para outra, não o poderia fazer, pois só conseguia aceder à TM na ferramenta de origem. Portanto, para resolver este problema, a Localization Industry Standards Association (LISA) ajudou a desenvolver e a promover normas de troca de dados, tais como, SRX (*Segmentation Rules eXchange*), TMX (*Translation Memory eXchange*), TBX (*Term-Base eXchange*) e XLIFF (*XML Localisation Interchange File Format*) (Chan, 2015, p. 22).

### 1.5. A década da nuvem e da tradução automática (2014 a 2022)

Desde 2014, as empresas de CAT têm tido dois focos: melhorar as funcionalidades que as suas ferramentas já possuíam e torná-las mais acessíveis de forma *online* e a sistemas não Windows. Para exemplificar o tipo de funcionalidades que têm sido melhoradas e introduzidas nos sistemas CAT, focar-me-ei naqueles que são considerados os mais avançados e completos: o SDL Trados Studio e o memoQ. Como tal, pesquisei sobre as funcionalidades novas que o Trados<sup>5</sup> tem introduzido na última década, consultei as páginas relativas às diferentes versões do Trados<sup>6</sup>, verifiquei os *change logs* de todas as versões do memoQ<sup>7</sup> e selecionei as atualizações e os desenvolvimentos mais relevantes que as ferramentas receberam na última década.

Em 2014, o SDL Trados Studio apostou na velocidade de certas funcionalidades, conseguindo uma fusão rápida de vários ficheiros num só projeto e oferecendo tempos de processamento mais rápidos. Para além disso, introduziu uma função de *backup* automático, o *autosave*, que permitia ao tradutor recuperar dados que não tivessem sido guardados por ele, mantendo o documento sempre atualizado. Tanto a ferramenta de alinhamento como a funcionalidade de criação de um dicionário a partir de uma TM sofreram alterações e foram renovadas. Nesta versão do Trados, também era possível bloquear segmentos com correspondência de 100% (para que não fossem alterados por ninguém), o sistema começou a reconhecer sequências alfanuméricas e passou a ser possível editar os segmentos de partida em quase todos os tipos de ficheiros.

O ano seguinte viu poucos desenvolvimentos. O SDL Trados Studio integrou o AutoCorrect, um corretor automático que continha as mesmas opções que o Microsoft Word. Integrou também: i) o

---

<sup>5</sup> Cf. <https://signsandSYMPTOMsoftranslation.com/2016/10/10/studio-features-by-version/>

<sup>6</sup> Cf. <https://www.trados.com/>

<sup>7</sup> Cf. <https://www.memoq.com/downloads>

Autosuggest 2.0, que recorria em tempo real aos fornecedores de TM, concordância e MT; ii) a função Retrofit, que atualizava um ficheiro SDLXLIFF com alterações feitas num ficheiro Word de chegada; iii) um novo tipo de ficheiro Excel bilingue; iv) símbolos, marcadores, AnyTM (para utilizar TM em diferentes línguas); v) o suporte de ficheiros PDF digitalizados, com reconhecimento de 14 línguas. Por fim, a Trados redefiniu a imagem da *interface* da ferramenta e adicionou novas línguas de *interface* – italiano, russo, coreano (além do inglês, francês, alemão, espanhol, chinês e japonês).

Quanto ao memoQ, a versão de 2015 apostou numa forte atualização de funcionalidades de gestão de projetos, de recursos como TM, TB e *Corpus*, bem como na introdução da exportação de documentos multilingues.

Dois anos mais tarde, ocorreram atualizações significantes tanto para o Trados como para o memoQ. No caso do Trados, trabalharam na correção de segmentos *fuzzy*: os segmentos eram corrigidos utilizando recursos de TB, TM alinhadas e atuais, e MT. Houve desenvolvimentos nas correspondências completas de TU (*translation unit*), ou seja, todo um segmento curto contido num segmento mais longo é sugerido pelo AutoSuggest e há também uma nova janela que apresenta correspondências de fragmentos de TU. Tornou-se possível abrir um ficheiro no Studio ao clicar com o botão direito do rato no explorador de ficheiros do Windows e as línguas recentemente utilizadas começaram a ser apresentadas na criação de um novo projeto. Duas funções muito interessantes que foram integradas nesta versão do Trados são o Advanced Filter Display, que permite uma pesquisa de texto simultânea nos segmentos de partida e de chegada, e a AdaptiveMT, uma ferramenta gratuita de tradução automática que aprende e melhora continuamente e em tempo real para poupar tempo e dinheiro, minimizando futuras pós-edições. Já o memoQ: i) incorporou alterações de TB; ii) atualizou propriedades de recursos como TM, TB e LiveDocs; iii) começou a permitir a importação de TB a partir de ficheiros CSV (*comma-separated values*); iv) passou a permitir a exportação de vários documentos para um único documento RTF de duas colunas; v) permitiu a importação de ficheiros de referência nos *corpora* do LiveDocs; vi) deu aos tradutores a possibilidade de confirmar segmentos de projetos sem atualizar a TM. Uma das alterações mais importantes no que concerne às TB era a possibilidade de se atribuir TB diferentes ao servidor de um projeto, tornando, assim, desnecessário que uma TB que esteja inserida num projeto contenha todas as línguas do projeto.

Em 2019, o Trados introduziu o Tell me (what you want to do), uma funcionalidade que permite ao tradutor escrever uma palavra ou frase e o Studio irá sugerir comandos, opções e definições às quais o tradutor possa querer aceder para poupar tempo na procura de funcionalidades. Para além desta nova funcionalidade, focou-se na melhoria de funcionalidades já existentes, tais como o assistente de projeto, a funcionalidade de QA e a gestão de memórias de tradução. Ainda neste ano, o memoQ lançou a sua nona versão, que contava com uma nova *interface* na seleção de opções de importação de documentos e no menu de gestão de projetos na *web*, melhorias de MT (integrando a versão mais

recente do serviço de MT da Microsoft, o Translator Text API v3.0) e de QA (que passou a ser configurável, ou seja, o tradutor podia definir o tipo de problemas que queria que o QA apontasse). Mais tarde, anunciou a integração do Antidote (um *software* de escrita assistida líder de mercado) para melhorar a qualidade de tradução, uma nova ferramenta de pré-visualização de PDF e do Intento, um *plugin* que fornecia acesso a mais de 20 motores de MT.

No ano seguinte, o memoQ manteve-se na versão 9, mas recebeu atualizações importantes: i) o memoQ 9.2 introduziu uma opção para selecionar recursos para pré-tradução, uma funcionalidade de verificação gramatical aperfeiçoada e melhorias de MT; ii) o memoQ 9.3 apresentou a integração do *plugin* de MT Amazon, novas funcionalidades de gestão de projetos e opções adicionais de adição e remoção de TB e TM de um projeto; iii) o memoQ 9.4 incorporou uma grande variedade de funcionalidades novas e melhoradas para tornar o trabalho mais simples e rápido, tal como uma funcionalidade de manutenção de recursos (TM e TB) para identificar aqueles que já não estão em uso, uma atualização da funcionalidade de verificação gramatical e a possibilidade de importação direta de ficheiros SDLTM, permitindo uma fácil importação de memórias de tradução criadas no Trados Studio; iv) o memoQ 9.5 anunciou funcionalidades avançadas na gestão de projetos, opções de exportação de ficheiros otimizadas, um corretor ortográfico mais completo e a integração de novos *plugins* de MT – a Alexa e a TexTra.

2021 foi um ano de desenvolvimento da componente *online* e dos *plugins* de tradução automática para o Trados e para o memoQ, respetivamente. Começando pelo Trados, é evidente que o foco esteve na acessibilidade *online* da ferramenta: i) foi introduzido o SDL Trados Live, uma ferramenta que permite maior flexibilidade entre o trabalho na nuvem e o trabalho local, uma vez que sincroniza os projetos e inclui as TM e as TB dos projetos, possibilitando a sua utilização *offline* e o armazenamento de um projeto local na nuvem; ii) a AppStore foi incorporada no sistema do Studio; iii) foi inserido no sistema do Studio um fórum comunitário. No que concerne a funcionalidades já existentes, as *tags* sofreram atualizações. Começou a ser possível que as *tags* fossem inseridas automaticamente nos segmentos, poupando tempo e esforço ao tradutor e aquelas que contêm informação sobre a formatação do documento, tal como tipo de letra e cor, são inseridas automaticamente nos segmentos de tradução, para garantir que a formatação foi replicada corretamente no documento de chegada. Quanto ao memoQ, a aposta na tradução automática é inegável: foi introduzido um motor de MT que adiciona *plugins* de MT, o ModernMT. Este motor tem suporte para mais de 2000 combinações linguísticas e conta com tecnologia autodidata para traduções mais exatas. Para além disso, também os outros *plugins* de MT, tal como o Amazon Translate, o Tilde MT e o Kantan MT, foram melhorados em termos de velocidade e segurança. Também se desenvolveram as funcionalidades de gestão de projetos e os PM começaram a ter permissão para traduzir, total ou parcialmente, segmentos na fase de preparação do projeto.

Apesar de 2022 ainda não ter terminado e haver lugar para muito desenvolvimento, estas ferramentas já passaram por um número considerável de atualizações. O Trados continua a apostar no trabalho na nuvem, na sua integração e sincronização com o trabalho local/*offline* e na melhoria de aspetos como a velocidade de visualização de texto, a utilização da AppStore e a estabilidade da ferramenta no geral. Também estão a testar uma versão BETA de um novo Manager para tornar a gestão de projetos mais intuitiva e simples. Já o memoQ introduziu novas línguas no MultiTerm e melhorou o desempenho e a fiabilidade das funcionalidades de auto-tradução. A versão 9.10 adicionou duas funcionalidades novas ao *plugin* do DeepL e integrou um *plugin* para ser utilizado no memoQ com o motor de MT eTranslation da União Europeia. Por fim, a versão 9.12, a mais recente, apostou em funcionalidades que tornam o processo de tradução mais rápido e que ajudam o tradutor a manter a ferramenta organizada. Para além disso, o grande foco desta versão está na tradução automática, especialmente com a integração dos *plugins* NiuTrans e Globalese.

Apesar de toda a aposta no desenvolvimento das ferramentas CAT já existentes, um aspeto que chamou a atenção de muitos tradutores foi o facto de a maior parte delas apenas serem compatíveis com os sistemas Windows da Microsoft, impossibilitando e limitando o seu acesso a tradutores que possuem sistemas operativos macOS da Apple ou Linux (Kornacki, 2018, pp. 101–102). Para resolver este problema, algumas empresas de CAT abordaram o problema de outra forma e apostaram nas ferramentas *online* e na nuvem. Desta forma, os tradutores podem aceder às mais diversas ferramentas em qualquer plataforma (computador, *tablet*, telemóvel, etc.) desde que tenham acesso à Internet e um *browser* instalado. Portanto, nesta última década, começaram a aparecer cada vez mais ferramentas CAT baseadas na nuvem: em 2014, o Redokun; em 2015, o SmartCAT, com o qual muitos tradutores estão familiarizados; em 2016, o Weglot, o Wordbee e o Matecat, também muito conhecidos pelos tradutores, especialmente, *freelancer*; e, em 2017, o Lokalise. Estas ferramentas têm oferecido boas soluções de tradução assistida por computador aos tradutores que utilizam os sistemas operativos não Windows e ainda a possibilidade de traduzir a partir de um *tablet* ou telemóvel, o que seria completamente impossível com um *software* local como o memoQ ou o Trados.

## 2. Propósito e funcionalidade das ferramentas CAT

Trabalhar como tradutor requer cada vez mais competências que não estão diretamente relacionadas com a transferência linguística de um texto de uma língua para outra, pois há toda uma série de passos intermédios que o tradutor terá de dominar para conseguir chegar ao processo de tradução *per se* e depois entregar o projeto finalizado. Neste sentido, autores como Kiraly (2000), Kelly (2002) e o grupo de investigação PACTE (2003) têm investigado acerca do conjunto de competências que engloba a atividade tradutiva. Kiraly (2000, pp. 10–14) distingue entre *translation competence* (competência de tradução) e *translator competence* (competência tradutiva). A primeira consiste na

habilidade para compreender um texto escrito numa língua e produzir um texto de chegada “adequado” aos falantes dessa língua com base no texto original, enquanto a segunda faz referência a um conjunto de competências muito mais amplo, entre as que inclui a capacidade de utilizar ferramentas informáticas de forma eficaz durante o processo de tradução, a capacidade para entender e satisfazer as expectativas dos clientes e a capacidade para utilizar diversas tecnologias de forma eficaz.

Os peritos que participaram no desenvolvimento do EMT (*European Master's in Translation*) fazem uma divisão ligeiramente diferente: consideram que a competência tradutiva é uma combinação de aptidões e conhecimentos que se divide em seis competências que se relacionam entre si.

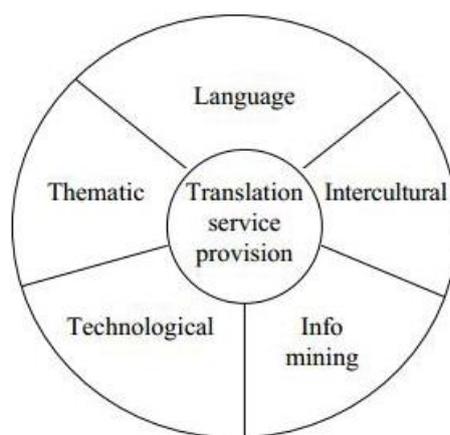


Figura 5 – Modelo de Competências do EMT (2009)

De acordo com o seu Modelo de Competências, o EMT considera como parte da competência tradutiva as seguintes subcompetências:

1. A competência para a prestação de serviços de tradução, que, por sua vez, se divide em duas dimensões: a dimensão interpessoal e a dimensão de produção, que se relacionam com a gestão de clientes, o conhecimento do mercado e o reconhecimento e resolução de problemas de tradução.
2. A competência linguística, ou seja, os conhecimentos necessários ao domínio das línguas de partida e de chegada.
3. A competência intercultural, que está diretamente relacionada com a competência linguística, uma vez que, para além de ter de se compreender a língua, também têm de se entender as suas alusões culturais.
4. A competência de procura de informação, ou seja, ser capaz de procurar informação de forma crítica em fontes diversas e fiáveis.
5. A competência temática, que está relacionada com os conhecimentos especializados que os documentos a serem traduzidos requerem.

6. A competência tecnológica, que implica a utilização correta das ferramentas de tradução assistida por computador e todas as suas funcionalidades mais importantes, tais como o uso de memórias de tradução, bases terminológicas, etc.

Este modelo demonstra que, para se conseguir realmente traduzir, não basta ser fluente em duas línguas, pois tem de se dominar outro conjunto de competências para além da linguística. Kiraly dividiu a capacidade de tradução em apenas duas competências que, por si só, explicam bem que há muitas subcompetências envolvidas durante o processo de tradução. No entanto, a divisão do EMT é mais minuciosa e explica ainda melhor a forma como as subcompetências estão relacionadas entre si e como cada uma delas afeta e é necessária à competência tradutiva.

No que concerne à utilização de ferramentas de tradução assistida por computador, uma das subcompetências cada vez mais necessárias é a competência instrumental. Com o desenvolvimento das tecnologias utilizadas no dia-a-dia, as pessoas começaram a trabalhar cada vez mais à distância. Esta nova realidade trouxe consigo numerosas vantagens, mas ao mesmo tempo alguns inconvenientes. Entre os aspetos negativos, destaca-se a pressão que se coloca nos trabalhadores, que devem estar sempre disponíveis para receber trabalho; entre os positivos, acelera e facilita o trabalho das pessoas, permitindo-lhes trabalhar em praticamente qualquer lugar. Como consequência deste desenvolvimento tecnológico, as encomendas de tradução também começaram a chegar aos tradutores com cada vez mais frequência em suporte digital, em todo o tipo de formatos e documentos: um documento Word, um PowerPoint, um PDF, em certos casos, imagens (formatos JPEG, JPG, PNG, etc.), ou qualquer outro tipo de ficheiro. O trabalho do tradutor consiste em passar o texto contido nestes documentos de uma língua para a outra, mantendo o mesmo tipo de ficheiro e a sua formatação, alterando apenas o idioma do texto. No entanto, e apesar de, como se referiu anteriormente, possuir certas competências tecnológicas, o tradutor não tem forçosamente de dominar todas as técnicas de formatação de todos estes ficheiros ou ter conhecimento da forma como se converte documentos para poder modificar o texto que contêm. É aqui que entram as ferramentas CAT, que foram concebidas, entre outros objetivos, para permitir uma conversão fácil dos documentos dentro do programa e a sua divisão em segmentos. Recorde-se que, já em 2003, como aponta Chan, os sistemas das ferramentas CAT eram capazes de reconhecer os mais diversos formatos:

Computer-aided translation systems of this period could handle more document formats directly or with filters, including Adobe InDesign, FrameMaker, HTML, Microsoft PowerPoint, Excel, Word, QuarkXPress, even PDF by 2003. Trados 6.5, for example, supported all the widely used file formats in the translation community, which allowed translators and translation companies to translate documents in Microsoft Office 2003 Word, Excel and PowerPoint, Adobe InDesign 2.0, FrameMaker 7.0, QuarkXPress 5, and PageMaker. (Chan, 2015, p. 12)

Portanto, o que se espera das ferramentas CAT é que sejam capazes de fazer uma análise preliminar do documento original, reconhecer os diversos tipos de ficheiros, que os processem e organizem de uma forma estruturada para que possam ser traduzidos e que, no fim, exportem o documento final traduzido no mesmo tipo de ficheiro, idealmente com a mesma formatação do original. Desta forma, o tradutor apenas terá de intervir na tradução do texto, visto que a ferramenta realizará este trabalho de formatação e conversão por ela mesma e produzirá um documento igual ao original, só que com o texto noutra língua.

No entanto, as vantagens e desvantagens das ferramentas de tradução assistida por computador não são as mesmas para todos os tipos de textos ou áreas temáticas. As funcionalidades presentes nos sistemas CAT beneficiam especificamente a tradução técnica, por diversas razões: i) estes textos beneficiam da segmentação em frases, uma vez que costumam ser curtas; ii) o vocabulário técnico é muito objetivo, o que facilita a criação de um glossário objetivo que pode ser reutilizado noutros textos técnicos com menos probabilidade de a tradução não ser adequada; iii) os termos técnicos são repetidos várias vezes ao longo do mesmo texto e nos textos de outros projetos da mesma área ou semelhantes. Segundo Youdale, “[i]t is widely held that commercial and technical texts are ‘simpler’ and more repetitive than literary texts and are therefore more suited to MT and CAT applications” (Youdale, 2020, p. 15). Efetivamente, e ao contrário do que acontece nos textos literários, os textos técnicos utilizam vocabulário e construções muito objetivas, o que torna mais simples a sua divisão em frases que não necessitam de contexto para ser possível compreendê-las ao serem lidas individualmente. De igual modo, a tradução técnica é “usually free from emotive language, connotations, sound-effects and original metaphor, if it is well written” (Newmark, 1988, p. 151), características que, normalmente, são encaradas como um fator que traz dificuldade ao tradutor e que estão presentes em maior abundância nos textos literários. No entanto, embora os textos deste género contenham maior variedade lexical e estruturas mais complexas do que os textos literários, são “much more rule-bound in terms of modes of expression” (Youdale, 2020, p. 15). É especialmente por esta razão que os textos técnicos são mais recetivos ao uso de ferramentas CAT, não por serem textos mais simples.

No caso da tradução literária, “conventional wisdom strongly suggests that CAT tools and MT are simply not appropriate for literary translation” (Youdale, 2020, p.17), principalmente porque as ferramentas CAT e a tradução automática reconhecem palavras, mas nem sempre reconhecem contexto ou significado. Certas funcionalidades das CAT não beneficiam a tradução destes textos pois: i) pode ser difícil segmentar o texto em frases; ii) o vocabulário não é objetivo, pelo que a utilização de um glossário pode levar a traduções inadequadas por não ter em conta o contexto em que as palavras se encontram. No geral, segundo este autor, é a falta de terminologia consistente e fraseologia padrão que tornam a utilização de ferramentas CAT menos atrativa, não a complexidade [léxica] destes textos (Youdale, 2020,

p.15). Contudo, apesar de não se reger por tantas regras como a tradução técnica e não partilhar do mesmo tipo de complexidade, a tradução literária é complexa noutros aspetos. Newmark considera que este tipo de tradução é o mais exigente de todos, já que o esforço para fazer com que a palavra, a frase e o texto sejam coerentes requer compromisso e reajustamentos contínuos (1998, p. 162). Para além disso, “[t]he need for creativity in translation solutions and the inability of computers to deal with polysemy, idioms and various forms of linguistic complexity common in literary language” (Youdale, 2020, p. 17) são fatores que contribuem para a complexidade da tradução destes textos. Os textos literários são ricos em criatividade e subjetividade, especialmente porque também são uma forma de expressão artística. Devido a escolhas estilísticas do autor do texto original, durante o processo de tradução, pode ser necessário alterar a ordem de algumas orações, dividir uma oração em duas ou juntar várias numa única. Também as diferenças de pontuação entre o texto de partida e o texto de chegada podem tornar a segmentação do texto mais complicada. Por todas estas razões, considera-se que, até ao momento, a tradução literária não beneficia da utilização de ferramentas de tradução assistida por computador durante o processo tradutivo, mas poderá vir a beneficiar de certas funcionalidades, como explica Youdale em *Using Computers in the Translation of Literary Style: Challenges and Opportunities*.

### **3. Vantagens e desvantagens da utilização de ferramentas CAT**

Apesar do inegável auxílio que as ferramentas CAT prestam aos tradutores, estas podem, no entanto, dificultar o trabalho de alguns tradutores, nomeadamente, daqueles que têm menos experiência na utilização destes recursos informáticos. Visto que não trabalhei apenas com uma ferramenta durante o estágio, penso que me é possível fazer uma súmula dos prós e contras da utilização deste tipo de ferramentas. Como tal, elaborei o seguinte quadro, com base na minha experiência e nas conclusões de um estudo desenvolvido por Bowker (2005), que abordarei a seguir:

VANTAGENS	DESVANTAGENS
Poupa tempo e esforço ao tradutor	A TM e a TB têm influência nas escolhas do tradutor, podendo induzi-lo em erro se estiverem desatualizadas e/ou não forem adequadas
Cria consistência dentro do próprio documentos e entre projetos	A TM e a TB podem contradizer as instruções do cliente
Maximiza a produtividade	Não é útil para todos os tipos de tradução (por exemplo, tradução não técnica)
A TB fornece a tradução correta de certos termos na maior parte das vezes	São difíceis de dominar: é preciso muito tempo e prática

**Quadro 1** – Vantagens e desvantagens do uso das CAT

Embora os aspetos positivos sejam muito vantajosos, os aspetos negativos podem acabar por ter muito impacto no desempenho de um tradutor que não tenha muita experiência. Dado que aumenta a produtividade, o tradutor pode sentir-se pressionado pela ideia de querer fazer mais em menos tempo e pode ter tendência a confiar em demasia nas TM e nas TB que lhe foram disponibilizadas, acabando por pensar que está a fazer um trabalho bom de forma segura, mas fazer, porém, más escolhas de tradução, uma vez que estas podem conter inadequações ou estar desatualizadas. Não quero dizer que não se deva confiar nas TM e nas TB, apenas quero frisar que o tradutor deve ter espírito crítico e saber se determinada TM é ou não útil e reutilizável.

No artigo “Productivity vs Quality? A pilot study on the impact of translation memory systems”, Bowker (2005) analisa o resultado de um estudo-piloto que desenvolveu com nove alunos da *School of Translation and Interpretation of the University of Ottawa*. Nesta experiência, Bowker dividiu nove alunos em três grupos e deu a todos 40 minutos para traduzir um anúncio de emprego de francês para inglês. Os alunos do grupo A tinham de traduzir o texto sem ajuda de qualquer TM, mas podiam aceder a outros recursos, tais como dicionários e bases terminológicas. O grupo B tinha de traduzir o anúncio com acesso a uma TM previamente preparada com segmentos provenientes de diversas traduções. Por fim, o grupo C também tinha de traduzir o mesmo texto com acesso a uma TM que continha segmentos com 100% de correspondência, só que continha erros plantados propositadamente. Com este estudo,

Bowker pretendia determinar se existe alguma relação entre a produtividade, a qualidade das traduções e a utilização de uma TM, para além de confirmar o modo como a produtividade e a qualidade são afetadas pelas memórias de tradução. No fim, obteve os seguintes resultados:

- Grupo A:
  1. Produtividade: dois alunos não conseguiram acabar a tradução no tempo dado, enquanto o terceiro conseguiu terminar apenas um rascunho. Todos afirmaram que precisavam de mais tempo e que, tendo em conta as circunstâncias, até estavam satisfeitos com o trabalho que produziram.
  2. Qualidade: tendo em conta o tempo de que tinham dispostos, a tradução produzida era adequada. Não havia erros graves, nem omissão ou adição de informação. No entanto, os decalques sintáticos do francês eram predominantes, provavelmente porque os alunos não tiveram tempo para rever, embelezar e adaptar o texto.
- Grupo B:
  1. Produtividade: todos os alunos terminaram a tradução, tendo demorado entre 22 e 40 minutos, e ficaram satisfeitos com o resultado final.
  2. Qualidade: todos fizeram uso da TM, utilizaram muitos segmentos com correspondência de 100% sem lhes fazerem alterações e editaram aqueles que não tinham uma correspondência de 100%. Apesar de as traduções não conterem erros, os segmentos da TM vinham de documentos diferentes e os alunos acabaram por adotar as inconsistências existentes nas diferentes TM, originando aquilo a que Bowker chama de *sentence salad*.
- Grupo C:
  1. Produtividade: todos os alunos terminaram a tradução, fazendo uso dos 40 minutos na totalidade, e, enquanto dois alunos ficaram satisfeitos com a tradução final, o terceiro disse que preferia ter dispostos de mais tempo para poder fazer uma revisão.
  2. Qualidade: um aluno questionou os erros que encontrou na TM, enquanto os outros dois aceitaram sem duvidar o indicado na TM sem a questionar. Nos segmentos que não tinham correspondência de 100%, todos detetaram e corrigiram a maior parte dos erros, provavelmente porque esperavam que esses segmentos não correspondessem completamente, demonstrando que confiam cegamente em segmentos de 100%.

Com este estudo, Bowker conclui que, apesar de as TM facilitarem o trabalho do tradutor e aumentarem a sua produtividade, podem, no entanto, afetar a qualidade do trabalho se este confiar em demasia nelas, especialmente quando é confrontado com prazos de entrega curtos. Nestas situações, o

tradutor não é tão crítico em relação ao material que lhe é fornecido e pode ficar mais tentado a aceitar irrefletidamente as sugestões que a TM lhe oferece, mesmo que não se adequem ao contexto ou contenham erros.

Como esta autora refere, a qualidade do conteúdo das memórias de tradução depende da habilidade dos tradutores que as criam e uma TM vazia ou de má qualidade não é útil. Com efeito, uma TM pode tornar-se inútil pelo simples facto de estar repleta de segmentos mal construídos desde o momento em que foram criadas ou por estarem desatualizadas, seja por falta de atenção, falta de experiência por parte do tradutor ou por conflitos técnicos da própria ferramenta. No entanto, para que os tradutores consigam criar boas TM e saber quando podem ou não confiar nelas, têm de dominar as ferramentas CAT e praticar muito.

#### **4. Reflexões sobre a formação em ferramentas CAT no ensino superior em Portugal**

Para dominar as ferramentas CAT, os utilizadores necessitam de compreender muito bem as suas funcionalidades, o que apenas é possível através de muita prática e boa formação. É essencial que os tradutores sejam capazes de fazer a tarefa que está na base da sua função – traduzir um documento de uma língua para a outra –, mas também é cada vez mais importante que os tradutores possuam outro tipo de competências, tais como a competência tecnológica e a de procura de informação, por exemplo, que lhes permitam dominar estas ferramentas informáticas. Uma vez que tanto as ferramentas CAT como as necessidades dos clientes e consumidores estão em constante desenvolvimento, os tradutores têm de ser capazes de se adaptarem rápida e eficazmente a todas as mudanças que advêm desse desenvolvimento.

Como foi referido em linhas anteriores, as encomendas de tradução não chegam sempre em formato Word ao tradutor. Quando tal acontece, o tradutor pode, evidentemente, receber um ficheiro PDF para traduzir, tentar convertê-lo para que o texto seja editável (seja para ficheiro Word ou outro qualquer) e depois voltar a convertê-lo para PDF. Contudo, o risco de o documento final não ficar formatado como o documento de partida é elevado e todo este processo pode levar algum tempo ao tradutor. Para não perderem tempo desnecessariamente, os tradutores utilizam cada vez mais ferramentas CAT, tanto por questões de formatação e conversão como de acessibilidade a traduções anteriormente realizadas. No entanto, devido ao globalismo e à crescente necessidade de traduzir grandes volumes de trabalho, os tradutores começaram a depender cada vez mais das ferramentas de tradução assistida por computador, como constata Marshman e Bowker quando afirmam que “[w]ith the growing pressure of high volumes and short deadlines, translators have increasingly turned towards information and communication technologies (ICTs) and computer-aided translation (CAT) tools” (Marshman & Bowker, 2012, p. 69).

Devido à grande procura por parte dos clientes e dos volumes de trabalho cada vez maiores que enviam, as empresas de tradução sentiram a necessidade de implementar a utilização de ferramentas CAT no local de trabalho para garantir uma maior produtividade e rapidez. Como tal, as empresas exigem cada vez mais que os novos tradutores dominem as ferramentas de tradução assistida por computador, para que as entidades empregadoras não tenham de ensinar os tradutores a utilizar o *software* com que terão obrigatoriamente de trabalhar.

The need for technologies in the translation industry has clearly affected translator education in Canada, where all BA programmes in translation currently include at least one course on translation technologies. However, financial, time and other restrictions often make teaching these technologies and the skills required to choose, learn, use and evaluate them very challenging. (Marshman & Bowker, 2012, p. 69)

Nesse sentido, fui pesquisar quantas instituições de ensino superior portuguesas oferecem atualmente unidades curriculares de informática aplicada à tradução nos seus planos curriculares. Para tal, consultei todos os planos de estudos dos cursos de licenciatura e de mestrado oferecidos pelas instituições de ensino superior portuguesas – universidades e politécnicos – e procurei por unidades curriculares dedicadas à informática aplicada à tradução. Para organizar essa informação, elaborei um quadro (quadro 2) em que constam as instituições de ensino superior que oferecem cursos em Estudos de Tradução e aquelas que contêm unidades curriculares da área da Tradução, que podem ou não abordar as ferramentas CAT.

A vermelho aparecem assinaladas as instituições de ensino superior que não oferecem cursos ou unidades curriculares da área da Tradução, a amarelo aquelas cujos cursos contêm unidades curriculares da área da Tradução, mas que não contemplam no seu plano de estudos o ensino das ferramentas CAT, e a verde aquelas cujos planos curriculares oferecem unidades curriculares dedicadas à informática aplicada à tradução. Para além disso, também foram adicionadas colunas que indicam o número de unidades curriculares dedicadas ao ensino-aprendizagem de ferramentas CAT existentes em cada curso, tanto de licenciatura como de mestrado, e ainda se faz uma distinção entre UC obrigatórias e opcionais no plano de estudos de cada curso.

INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	LICENCIATURA	NÚMERO DE UNIDADES CURRICULARES QUE SE DEDICAM AO ENSINO DE CAT	MESTRADO	NÚMERO DE UNIDADES CURRICULARES QUE SE DEDICAM AO ENSINO DE CAT
Universidade de Coimbra	Línguas Modernas	0	Tradução	1 obrigatória
Universidade de Aveiro	Tradução	2 obrigatórias	Tradução Especializada	1 obrigatória
Universidade do Minho	Línguas Aplicadas	0	Tradução e Comunicação Multilíngue	1 obrigatória e 1 opcional
Universidade do Porto	Línguas Aplicadas	0*	Tradução e Serviços Linguísticos	1 obrigatória e 1 opcional
Universidade de Lisboa	Tradução	1 obrigatória	Tradução	1 opcional
Universidade Nova de Lisboa	Tradução	1 obrigatória e 1 opcional	Tradução	1 obrigatória
Universidade do Algarve	Línguas e Comunicação	1 opcional		
Universidade da Beira Interior	Estudos Portugueses e Espanhóis	0		
Universidade dos Açores			Tradução e Assessoria Linguística	0
Universidade da Madeira			Linguística: Sociedades e Culturas	0

Universidade Católica Portuguesa	Línguas Estrangeiras Aplicadas	0	Tradução	1 obrigatória
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP)	Assessoria e Tradução	2 obrigatórias	Tradução e Interpretação Especializadas	0
Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais	Tradução e Interpretação Português/Chinês – Chinês/Português	2 obrigatórias		
Instituto Politécnico de Bragança	Línguas Estrangeiras: Inglês e Espanhol	0	Tradução	1 obrigatória

**Quadro 2** – Lista de instituições de ensino superior que oferecem cursos em Estudos de Tradução e/ou com unidades curriculares da área

\*Não tem unidades curriculares dedicadas às ferramentas CAT, mas estas são utilizadas durante as UC de Tradução Geral

Este quadro revela que, destas catorze instituições de ensino superior, apenas onze oferecem cursos de Tradução, quer seja de licenciatura ou mestrado. O número é ainda menor quando consideramos as instituições que oferecem os dois ciclos de estudo em Tradução – licenciatura e mestrado –, sendo que as únicas que o fazem são a Universidade de Aveiro, a Universidade de Lisboa, a Universidade Nova de Lisboa e o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. O quadro 2 revela, ainda, que a maior parte dos cursos de Tradução pertencem ao segundo ciclo de estudos superiores: há apenas cinco cursos de licenciatura, enquanto há dez cursos de mestrado. Contudo, todas as cinco licenciaturas em Tradução incluem no seu plano de estudos unidades curriculares dedicadas ao ensino-aprendizagem de ferramentas CAT e apenas oito dos dez mestrados em Tradução o fazem.

Quanto aos cinco cursos de licenciatura que oferecem formação em ferramentas CAT: i) a Universidade de Aveiro, o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto e o Instituto Politécnico de Leiria têm duas unidades curriculares dedicadas às ferramentas CAT, que são obrigatórias nos seus planos de estudo – esta é uma boa aposta, principalmente porque quanto mais formação houver, mais bem preparados acedem ao mundo profissional os futuros tradutores; ii) a Universidade

Nova de Lisboa oferece uma unidade curricular sobre ferramentas CAT obrigatória (Informática para a Tradução<sup>8</sup>) e uma opcional (Informática Avançada para Tradução<sup>9</sup>), que serve para aprofundar os conhecimentos adquiridos na UC obrigatória, se os alunos assim o desejarem; iii) a Universidade de Lisboa apenas oferece uma unidade curricular dedicada às CAT; iv) por fim, o Instituto Politécnico de Bragança, a Universidade Católica Portuguesa e a Universidade do Algarve, embora não ofereçam cursos de Tradução, todas elas incluem unidades curriculares opcionais da área da Tradução em outros cursos – Línguas Estrangeiras: Inglês e Espanhol, Línguas Estrangeiras Aplicadas e Línguas e Comunicação –, o que é um aspeto positivo porque dão aos alunos a oportunidade de estar em contacto com a área da Tradução ou com as ferramentas CAT, caso estes desejem enveredar por esta área, realizando um mestrado na mesma.

Relativamente aos oito cursos de mestrado que oferecem unidades curriculares dedicadas à informática aplicada à tradução: i) tanto a Universidade do Porto como a Universidade do Minho disponibilizam duas unidades curriculares sobre ferramentas CAT, mas em ambos os casos, apenas uma dessas unidades curriculares é obrigatória, deixando à escolha do estudante a opção de continuar com a sua aprendizagem e prática com uma unidade curricular extra; ii) a Universidade de Coimbra, a Universidade de Aveiro, a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade Católica Portuguesa e o Instituto Politécnico de Bragança apenas oferecem uma unidade curricular relacionada com ferramentas CAT; iii) por fim, o plano de estudos de Tradução da Universidade de Lisboa apenas disponibiliza aos estudantes uma unidade curricular opcional sobre ferramentas CAT, deixando a escolha aos alunos.

Tendo em conta estes dados e a minha experiência, posso afirmar que, apesar de a maior parte das instituições de ensino superior reconhecerem que é importante o ensino-aprendizagem de informática aplicada à tradução, a oferta de unidades curriculares relacionadas com ferramentas CAT é reduzida e os conteúdos programáticos nem sempre correspondem à realidade profissional. Nesse sentido, e embora os tradutores recém-graduados sejam capazes de traduzir de forma adequada, são lançados para o mercado de trabalho sem experiência suficiente nesta vertente da tradução.

Esta escassa experiência com ferramentas CAT repercute negativamente nas empresas de tradução que, por um lado, veem atrasar o desenvolvimento de projetos em que intervêm estes tradutores em início de carreira e, por outro, veem-se obrigadas a fornecer mais formação aos tradutores, o que supõe um investimento de dinheiro e de tempo, que poderia ser utilizado de forma mais rentável se estes já dominassem as suas ferramentas de trabalho. Por esta razão, há entidades empregadoras insatisfeitas com o desempenho dos tradutores recém-graduados, como mencionam Marshman e Bowker (2012, p. 69), quando citam o trabalho desenvolvido por Samson e o relatado no CTISC de 1999:

---

<sup>8</sup> Cf. <https://guia.unl.pt/pt/2022/fcsh/program/9252/course/01100178>

<sup>9</sup> Cf. <https://guia.unl.pt/pt/2022/fcsh/program/9252/course/711121071>

These challenges and gaps in education [financial, time and other restrictions] have likely contributed to what has been described as inadequate implementation of technologies in the translation industry (CTISC 1999: 37), as well as to dissatisfaction among employers of recent graduates of translator education programmes (Samson 2005: 104).

Certo é que as ferramentas CAT são algo relativamente recente e que têm sofrido um rápido desenvolvimento, e é normal que as instituições de ensino superior ainda estejam a adaptar-se ao ensino da sua utilização. Não entanto, este “processo de adaptação” pode ter um efeito indesejado: os estudantes acabam por não beneficiar completamente da formação recebida e sentem-se mal preparados para trabalhar com as ferramentas CAT no dia-a-dia, o que pode mesmo desencorajá-los de as utilizar com mais frequência.

Em alternativa à insuficiência ou falta de formação, muitos tradutores optam pela autoaprendizagem, como constata estudos desenvolvidos por diversos autores e instituições, como o projeto eCoLoRe (Marshman & Bowker, 2012, p. 70). Este projeto foi financiado pela União Europeia e decorreu desde o início de 2002 até ao início de 2010 com o propósito principal de criar um repositório de dados de livre acesso para a formação de tradutores na utilização de ferramentas de tradução. Em 2003, Wheatley relatou os resultados obtidos a partir de um inquérito que fez parte do projeto eCoLoRe, intitulado de *Translation Memory Survey*, que se focava na utilização individual de memórias de tradução.

Este estudo resume muito bem os problemas que mantêm os tradutores – principalmente, *freelancer* – afastados da utilização de TM. Wheatley (2003), chegou à conclusão de que 54% dos inquiridos que utilizam um sistema de TM refere ter aprendido a utilizá-lo de forma independente. Para além disso, verificou que 34% dos inquiridos sentiu dificuldade na aprendizagem das tecnologias de tradução, 38% considerou que beneficiaria de formação adicional e 25% referiu sentir-se pouco confiante nas suas competências tecnológicas.

De forma semelhante, Lagoudaki (2006) realizou um inquérito internacional sobre a utilização de sistemas de memórias de tradução por profissionais linguísticos. Neste estudo, verificou que 51% dos inquiridos que utilizam sistemas de TM são autodidatas, 18% realizaram um pequeno curso ou seminário, 12% apenas recebeu formação na empresa onde trabalham e 7% receberam formação da empresa que desenvolveu o sistema (2006, pp. 15–16). Para além disso, dos inquiridos que mencionaram não utilizar sistemas de TM, 28% dizem não os utilizar porque não são ferramentas adequadas ao tipo de trabalho que realizam, enquanto 16% deles mencionam ter adquirido uma destas ferramentas, mas não conseguiram utilizá-la (2006, p. 14). Lagoudaki refere também que uma outra razão que dissuade os tradutores de utilizar estes sistemas é “a lack of time and energy to search for a

suitable TM tool and learn how to use it” (2006, p. 14), o que realça o esforço e tempo que tem de se investir na aprendizagem destas ferramentas.

Com base nestes dados, considero pertinente reforçar a importância do tempo de formação que os tradutores recebem. Fazendo uso das palavras de Marshman e Bowker (2012, p. 70), existe uma necessidade óbvia de “better technology-related education for translators to allow the industry to adopt technologies and meet market needs effectively”. Quanto mais tempo de formação o tradutor receber, mais prática vai ter e mais confiante se vai sentir na sua competência instrumental. Consequentemente, tradutores mais confiantes têm mais capacidade de se adaptarem às necessidades do mercado e contribuirão de forma mais eficaz para a sua entidade empregadora. Além disso, com mais proficiência nas ferramentas, também serão capazes de identificar quais são as funcionalidades das ferramentas em que têm mais problemas e de os resolver mais rapidamente.

Para solucionar este problema, é necessário continuar a apostar e a desenvolver a formação académica em ferramentas CAT. No entanto, pode ser um desafio para as instituições de ensino superior, que precisam de proporcionar melhores condições tanto aos estudantes como aos docentes da área da Tradução. Primeiro, o mais importante é que as unidades curriculares não abordem apenas a teoria por detrás das ferramentas CAT: os estudantes devem possuir conhecimentos teóricos básicos sobre o funcionamento das ferramentas, mas o que têm realmente de aprender é a utilizá-las de forma adequada, o que apenas é possível se as utilizarem com a maior frequência possível. Para que isso aconteça, as universidades têm de garantir que os alunos têm acesso ao *software*, o que pode ser uma dificuldade dado os preços das licenças. Nesse sentido e para apoiar as instituições de ensino superior, algumas empresas de ferramentas CAT oferecem parcerias e programas académicos. Tanto o memoQ, como o Trados, como, ainda, o Memsourc (as ferramentas mais utilizadas pela maioria dos tradutores) têm programas académicos – *Academic Program – University and Student offer*<sup>10</sup>, *Trados Academic Partner Program*<sup>11</sup> e *Student CAT Tool Training*<sup>12</sup>, respetivamente – que colaboram com as instituições de ensino superior, podendo, deste modo, assegurar a cada estudante inscrito nos seus cursos de Tradução uma licença gratuita. Segundo as páginas *web* das empresas Trados<sup>13</sup>, Memsourc<sup>14</sup> e memoQ<sup>15</sup>, estas têm acordos de parceria com as seguintes instituições de ensino superior:

- Trados: Universidade do Minho e o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.

<sup>10</sup> Cf. <https://www.memoq.com/services/academic-program>

<sup>11</sup> Cf. <https://www.trados.com/education/>

<sup>12</sup> Cf. <https://www.memsourc.com/academic/>

<sup>13</sup> Cf. <https://www.trados.com/education/partners/list.html/list/Location/Portugal>

<sup>14</sup> Cf. <https://www.memsourc.com/academic/>

<sup>15</sup> Cf. <https://www.memoq.com/services/academic-program-students>

- Memsource: Universidade Católica Portuguesa, Universidade de Aveiro, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Universidade do Minho e a Universidade Autónoma de Lisboa.
- memoQ: Universidade de Coimbra, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Évora, Universidade de Aveiro, Universidade do Porto, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Universidade do Minho e o Centro de Línguas do Instituto Politécnico de Bragança.

Algo que pode ajudar os estudantes de Tradução a adquirirem um perfeito domínio das ferramentas CAT poderá passar por fazer alterações no plano de estudos dos cursos de Tradução, o que pode ser um desafio para as instituições de ensino superior pois podem não ter recursos suficientes (poucos docentes, sobreposições de horários, falta de instalações, etc.) para permitir a integração de mais unidades curriculares destinadas ao ensino de informática aplicada à Tradução, quer sejam obrigatórias ou opcionais. Esta integração concederia aos alunos mais tempo e oportunidades para praticar e aprender a trabalhar com as ferramentas, para não serem lançados para o mercado de trabalho com falta de segurança na sua utilização. Para além destas mudanças que as instituições de ensino superior poderiam implementar, um fator muito importante é considerar a atitude com que tanto os alunos como os docentes encaram a aprendizagem e o ensino de ferramentas CAT. Como a aptidão para alguém se adaptar à tecnologia influencia o quão rápido cada aluno aprende a utilizar ferramentas CAT, é importante que se tenha em conta as necessidades específicas de cada um deles. Se um aluno não tiver competências informáticas suficientes para se sentir confortável com a utilização de *software* de tradução assistida por computador, terá mais dificuldades em adaptar-se à sua utilização e em acompanhar o resto dos colegas com maior aptidão informática. Se as dificuldades persistirem durante muito tempo, o aluno pode até mesmo ficar desencorajado de continuar esta aprendizagem. Para além de este aluno ter de ser perseverante e ter uma grande vontade de aprender, também o docente pode detetar as dificuldades e as necessidades do aluno e encontrar estratégias que o ajudem a adaptar-se melhor à utilização das ferramentas. Também a incorporação das ferramentas CAT em disciplinas relacionadas com a tradução da língua 1 para a língua 2 poderia ajudar os estudantes a praticar mais (Marshman & Bowker, 2012, p. 72). Como tal, também cabe aos docentes analisar o programa das unidades curriculares dedicadas às ferramentas CAT e apurar se o que é abordado durante as aulas corresponde à realidade profissional, assegurando-se de que o que estão a ensinar será útil em termos práticos quando os estudantes terminarem o curso e começarem a trabalhar. Marshman e Bowker referem também que uma possível abordagem seria encarar a educação tecnológica de uma forma mais abrangente com o auxílio de um recurso multifacetado e versátil de ensino e aprendizagem que apoie a incorporação de tecnologias em todo o espectro da educação dos tradutores de uma forma

significativa (Marshman & Bowker, 2012, p. 73). Atualmente, a utilização de ferramentas de tradução assistida por computador é cada vez mais inevitável e os tradutores não a podem ignorar. Têm de procurar aprender sobre as ferramentas, estar constantemente atualizados e utilizá-las no seu dia-a-dia profissional – e académico, no caso dos estudantes –, pois só através da prática irão conseguir dominá-las e, conseqüentemente, retirar o seu máximo proveito. Esta é uma responsabilidade maioritariamente do próprio tradutor, mas também dos docentes e das instituições de ensino superior, nomeadamente, no início da sua formação, uma vez que é esperado que os novos tradutores iniciem as suas carreiras com pelo menos algum conhecimento sobre a utilização das ferramentas CAT.

### III. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO: O IMPACTO DA FORMAÇÃO EM FERRAMENTAS CAT

Para melhor entender a relação entre as ferramentas CAT e os seus utilizadores, decidi realizar um estudo que permitisse averiguar o tipo de formação em CAT que os tradutores têm recebido ao longo das últimas décadas e o impacto que estas têm nos seus trabalhos. Para tal, preparei um questionário com quarenta e quatro perguntas sobre a relação dos tradutores com as ferramentas CAT e divulguei-o num grupo de tradutores chamado “Tradutores Com Vida”, no *Facebook* – ao qual pertencem vários estudantes e tradutores de várias nacionalidades, de todas as faixas etárias e áreas – e por e-mail, com a ajuda da Doutora Cornelia Plag, a todos os alunos, ex-alunos e docentes do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Embora pareça um questionário demasiado extenso pelo número de perguntas, é importante notar que o mesmo está dividido em ramos, ou seja, conforme as respostas dos inquiridos, as questões que lhes serão apresentadas a seguir variarão, acabando por não responder às quarenta e quatro perguntas.

O questionário organiza-se, portanto, da seguinte maneira: um primeiro grupo de perguntas em que é pedida informação sobre o inquirido, tal como a faixa etária a que pertence, a sua ocupação atual, as suas habilitações literárias, se tem formação académica em Tradução, anos de experiência profissional na área da Tradução e se recebeu formação em ferramentas CAT e em quais; um segundo grupo de perguntas dedicado às ferramentas em si, como o qual se pretende averiguar se o inquirido as utiliza com frequência, há quanto tempo as utiliza, se gosta das ferramentas e quais prefere, entre outras questões; depois deste grupo de perguntas, o questionário divide-se em dois ramos, um destinado aos atuais estudantes de Tradução e outro destinado aos profissionais; no ramo dos estudantes, colocam-se perguntas sobre o estágio curricular, sobre a utilização das ferramentas CAT durante as aulas e durante o estágio e sobre se gostam de as utilizar; já no ramo dos profissionais, as questões focam-se no tipo de utilização que fazem das CAT, no quão intuitivas são, na relação do tradutor com as memórias de tradução e bases terminológicas, e no papel que o cliente tem na tradução final; num último grupo de perguntas comuns a todos os inquiridos, faz-se uma pequena reflexão sobre as vantagens, desvantagens e desafios que as ferramentas CAT propõem aos utilizadores. O objetivo deste último grupo de questões é tentar identificar os aspetos em que as ferramentas CAT são mais vantajosas e aqueles em que os utilizadores têm mais dificuldades, para poder encontrar um padrão no que toca aos desafios, e apurar onde é que os utilizadores precisam de receber mais formação ou praticar mais para conseguirem dominar estas ferramentas. A este questionário responderam 90 pessoas, cujas respostas analisaremos nas páginas seguintes.

## 1. Faixas etárias e habilitações literárias

De modo a caracterizar os inquiridos, as primeiras questões incidiam sobre a sua faixa etária e formação académica. Quando coloquei a questão “Pertence a que faixa etária?” decidi ordenar os inquiridos por décadas e colocar como opções de escolha múltipla as seguintes faixas etárias: i) menos de 20; ii) 20 – 30; iii) 31 – 40; iv) 41 – 50; v) 51 – 60; vi) mais de 60. Contudo, penso que não devia ter incluído a opção “menos de 20” e podia ter apresentado as opções das faixas etárias de meia em meia década, tal como, 20 – 25, 26 – 30, 31 – 35, etc., para poder classificar melhor os resultados que obtive e apurar certos dados em ainda mais detalhe. Como demonstra a figura 6, no universo dos inquiridos não existem tradutores profissionais com menos de 20 anos, o que era um resultado esperado. Para além disso, constata-se que a maior parte dos inquiridos (31 pessoas) pertence à faixa etária dos 20 aos 30 anos, 21 pessoas encontram-se na faixa etária dos 31 aos 40 anos, 24 pessoas indicaram que têm entre 41 e 50 anos, existem 12 pessoas na faixa etária dos 51 aos 60 anos e, por fim, apenas duas pessoas têm mais de 60 anos.

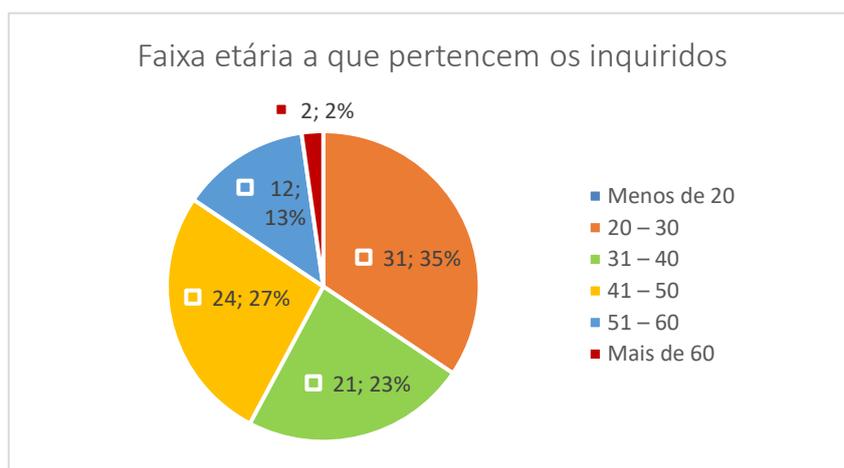


Figura 6 – Faixa etária a que pertencem os inquiridos

No que diz respeito às suas habilitações literárias, a maioria das pessoas que responderam ao inquérito tem formação superior, quer seja licenciatura ou mestrado. De acordo com a figura 7, e como era espectável, nenhum dos tradutores tem apenas o ensino básico. No entanto, 2% dos inquiridos não possuem um curso superior, tendo apenas concluído o ensino secundário – ambos são tradutores *freelancer*, um deles tem mais de 60 anos e estudou línguas estrangeiras e o outro tem entre 41 e 50 anos e estudou Secretariado. Do resto dos inquiridos, 34% apenas concluíram a licenciatura – de notar que alguns destes poderão estar neste momento inscritos num curso de mestrado e/ou já a trabalhar como tradutores; e 59% dos inquiridos, a grande maioria, concluíram o mestrado. É também de assinalar que, um dos inquiridos é doutorando, três concluíram o doutoramento e uma pessoa possui uma pós-graduação. Considero ser importante referir também que apenas 13 destas 90 pessoas não se

formaram na área da tradução, tendo realizado a sua formação académica nas seguintes áreas: i) não ligadas às línguas (Direito, Engenharia, História, Química e Secretariado) – 6 pessoas; ii) ligadas às línguas (Jornalismo, Ensino de PLE e Educação de Adultos, Línguas e Literaturas, Filologia/Linguística e Línguas Estrangeiras) – 7 pessoas.

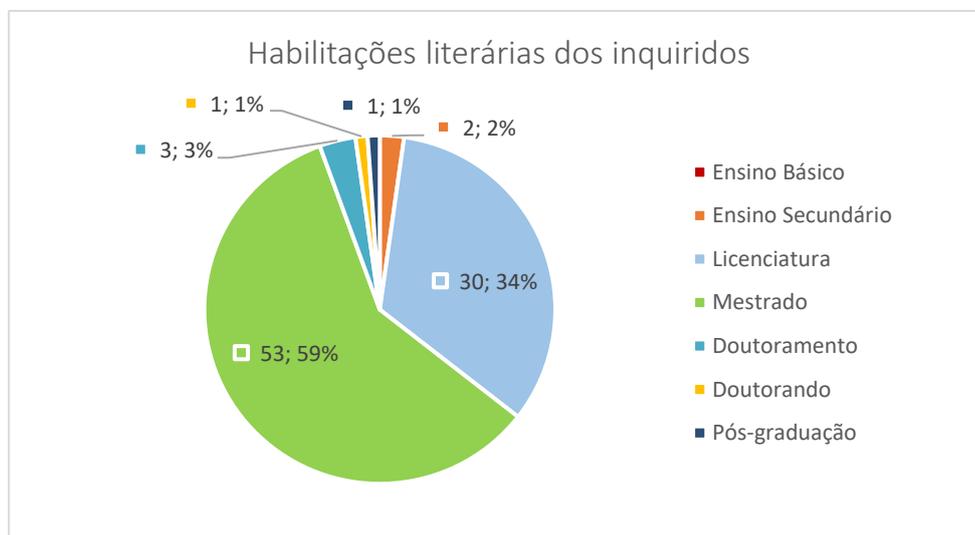


Figura 7 – Habilitações literárias dos inquiridos

## 2. Ocupação atual dos inquiridos e utilização das ferramentas CAT

A grande maioria das pessoas que respondeu a este questionário, tanto portuguesas como estrangeiras, diz ser tradutor *freelancer*. Como se pode verificar pelo gráfico representado na figura 8, do total de 90 inquiridos, 53 responderam que trabalham como tradutores *freelancer*, 23 são tradutores em empresas ou agências de tradução, 13 são estudantes, 8 são docentes e, por fim, existem casos individuais de pessoas que não se identificam com nenhuma das opções apresentadas no questionário: uma tradutora à procura do primeiro emprego, uma consultora linguística numa empresa, um tradutor numa organização internacional, um tradutor num organismo internacional, um tradutor numa instituição europeia e uma técnica superior. É relevante constatar que 15 inquiridos têm mais do que uma ocupação: i) seis inquiridos são docentes e tradutores *freelancer*; ii) três são estudantes e tradutores *freelancer*; iii) dois são estudantes e tradutores numa empresa/agência de tradução; iv) dois identificaram-se como tradutores numa empresa/agência de tradução e tradutores *freelancer*; v) uma inquirida é tradutora *freelancer* e advogada; vi) um é tradutor numa empresa/agência de tradução e tradutor numa instituição pública. Como tal, dos restantes inquiridos, 41 são só tradutores *freelancer*, 18 somente trabalham como tradutores numa empresa/agência de tradução, apenas 8 se identificaram como sendo simplesmente estudantes e 2 são apenas docentes.

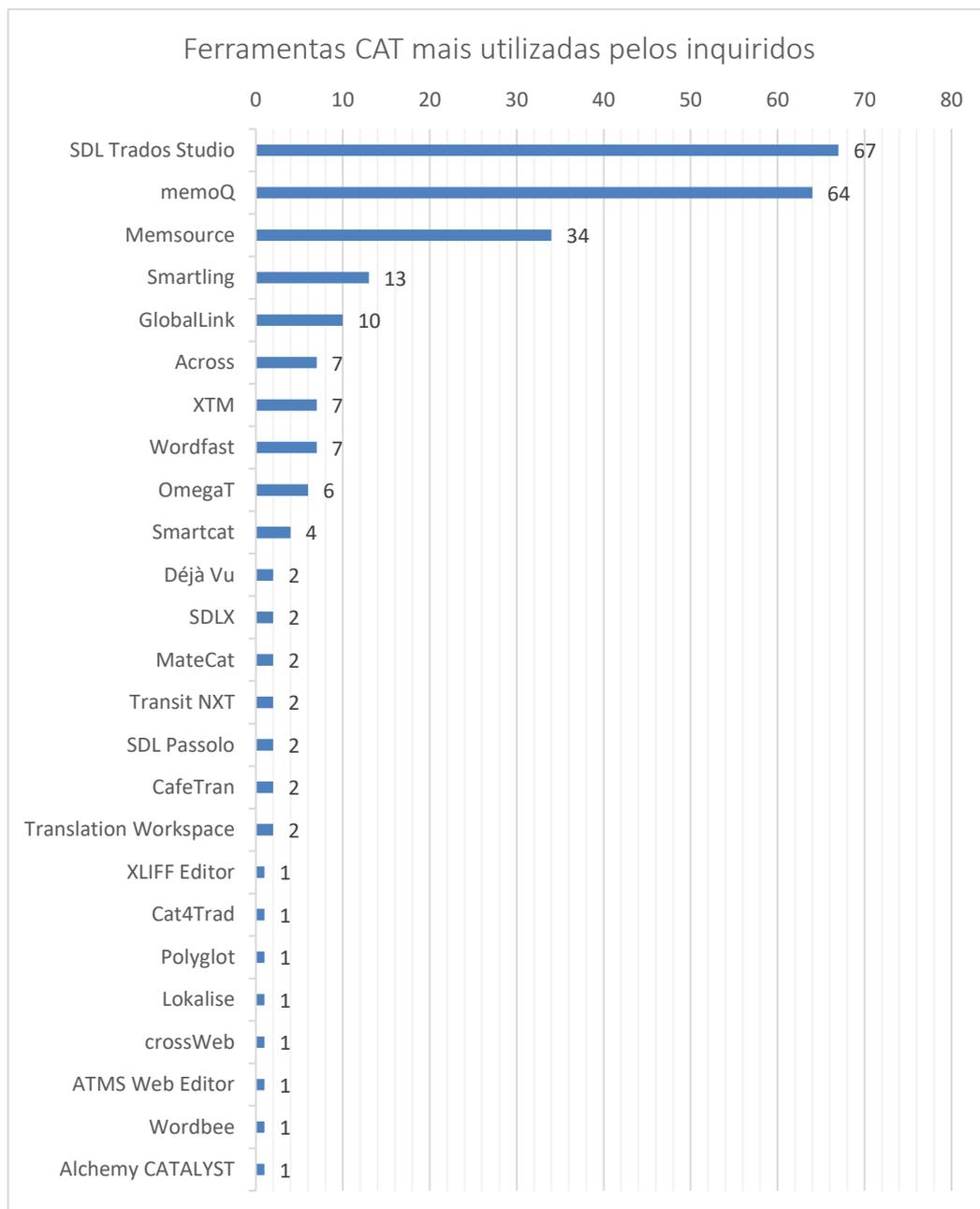


Figura 8 – Ocupação atual dos inquiridos

Aparentemente, o facto de a maior parte dos inquiridos trabalhar como tradutor *freelancer* causou alguns problemas no preenchimento do inquérito, que não contemplava a realidade laboral destes profissionais. Confesso que a minha escassa experiência não me permitiu ver que a realidade dos tradutores *freelancer* é diferente e que, portanto, algumas questões por mim colocadas não fizeram muito sentido para estes profissionais. Consequentemente, alguns dos inquiridos deixaram essas mesmas questões em branco, enquanto outros se mostraram confusos com as perguntas ou tentaram responder, fazendo, no entanto, a observação de que o questionário estava muito direccionado para tradutores que trabalham em empresas e que as realidades profissionais são muito distintas. Agradeço aos inquiridos que me alertaram para esta situação pois é uma realidade relativamente à qual não tinha qualquer tipo de conhecimento.

Mais à frente no questionário, os inquiridos também responderam à pergunta “Alguma vez utilizou ferramentas de tradução assistida por computador (TAC ou CAT, em inglês)?”. Das respostas obtidas, confirma-se que o uso das ferramentas CAT é frequente entre os profissionais da área e que, das 90 pessoas que responderam ao questionário, apenas três pessoas não utilizam ferramentas CAT de todo: duas delas pertencem à faixa etária dos 41 aos 50 anos e uma a faixa dos 20 aos 30 anos. De acordo com as respostas individuais de cada um destes inquiridos, pode verificar-se que uma pessoa respondeu que realiza as traduções com o auxílio do Microsoft Word (que, apesar de não ser uma ferramenta CAT, é muitas vezes utilizado para fazer traduções) e outras duas não responderam.

A pergunta seguinte visava averiguar qual é/são o(s) *software* de trabalho que os inquiridos utilizam, admitindo, portanto, mais do que uma opção de resposta. Das respostas obtidas e que se apresentam no gráfico seguinte (figura 9), constata-se muito claramente quais são as ferramentas de tradução assistida por computador que dominam o mercado:



**Figura 9** – Ferramentas CAT mais utilizadas pelos inquiridos

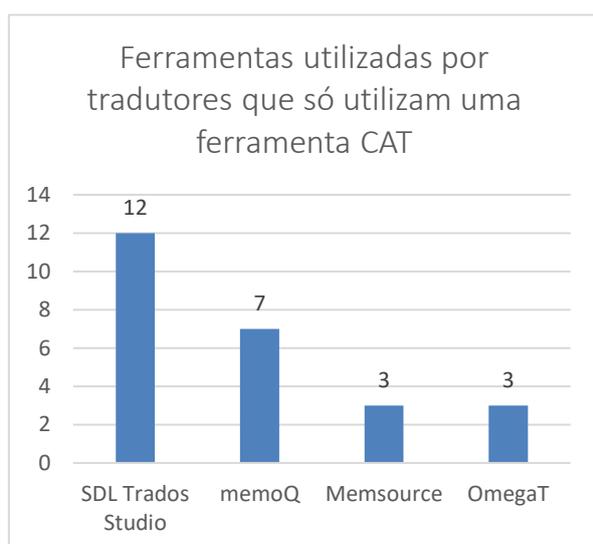
De acordo com o gráfico, a ferramenta mais utilizada pelos inquiridos é o SDL Trados Studio (67 respostas), seguida muito de perto pelo memoQ (64 respostas). A terceira ferramenta mais usada é, como se vê, o Memsource (34 respostas), com cerca de metade de respostas que o SDL Trados Studio. Depois do Memsource, o número de respostas que receberam os outros programas informáticos cai de

uma forma drástica: assim, o Smartling e o GlobalLink receberam apenas 13 e 10 respostas, respetivamente (menos de metade de respostas que o Memsource). Abaixo destes, aparecem o Across, o XTM, o Wordfast, o OmegaT e o Smartcat, também com números de respostas muito próximos, entre as sete e as quatro respostas. A seguir, encontram-se as ferramentas que só têm duas respostas: Déjà Vu, SDLX, MateCat, Transit NXT, SDL Passolo, CafeTran e Translation Workspace. Por fim, no fundo do gráfico surgem as CAT que apenas obtiveram uma resposta: XLIFF Editor, Cafe4Trad, Polyglot, Lokalise, crossWeb, ATMS Web Editor, Wordbee e Alchemy CATALYST.

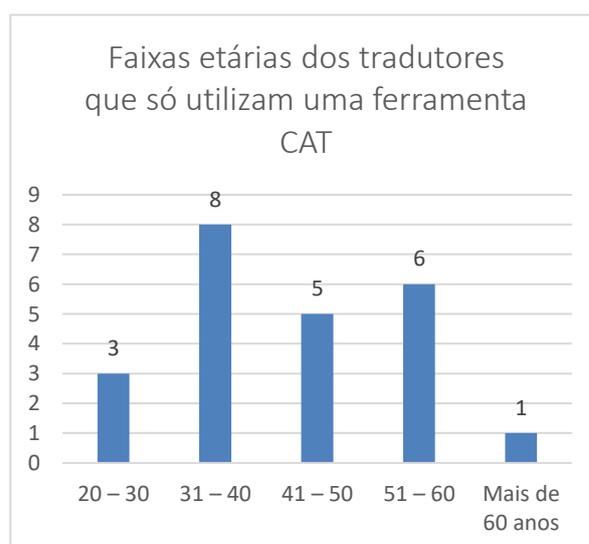
Dos dados conclui-se, por um lado, que as ferramentas que dominam o mercado atual são o memoQ e o SDL Trados Studio e, por outro, que das duas, e apesar de não haver uma diferença muito significativa entre o número de respostas obtidas por ambas, a ferramenta mais utilizada atualmente pelos tradutores que fazem parte do universo dos inquiridos é o SDL Trados Studio.

### 2.1. Utilização de apenas uma ferramenta CAT

Com a existência de tantas ferramentas de tradução assistida por computador, também é interessante estudar quantas ferramentas utilizam os inquiridos e relacionar essa informação com a faixa etária a que pertencem e com a sua ocupação atual, para apurar quais são as faixas etárias que utilizam mais ferramentas CAT e em que tipo de trabalho. A partir dos dados fornecidos pelos inquiridos pode verificar-se que: i) 23 utilizam apenas uma ferramenta CAT; ii) 24 utilizam duas ferramentas CAT; iii) 19 utilizam três ferramentas CAT; iv) 7 utilizam quatro ferramentas CAT; v) 6 utilizam cinco ferramentas CAT; vi) 2 utilizam seis ferramentas CAT; vii) 4 utilizam sete ferramentas CAT; viii) 2 utilizam oito ferramentas CAT; ix) 3 inquiridos não responderam, uma vez que não trabalham com ferramentas CAT.



**Figura 11** – Ferramentas utilizadas por tradutores que só utilizam uma ferramenta CAT



**Figura 10** – Faixas etárias dos tradutores que só utilizam uma ferramenta CAT

Das 23 pessoas que responderam que só utilizam uma ferramenta CAT, doze apenas utilizam o SDL Trados Studio, sete apenas utilizam o memoQ, três utilizam o Memsources e uma só utiliza o OmegaT. Deste grupo de inquiridos, três têm entre 20 e 30 anos, oito pertencem à faixa etária dos 31 aos 40 anos, cinco dizem ter entre 41 e 50 anos, seis pessoas têm entre 51 e 60 anos e apenas uma que tem mais de 60 anos.

Estes dados indicam que a geração dos 20 aos 30 e a dos inquiridos com mais de 60 anos são as gerações que menos se limitam a utilizar apenas uma ferramenta CAT no trabalho, enquanto todas as outras gerações têm uma maior tendência para utilizar apenas uma ferramenta. No entanto, como somente existem duas pessoas com mais de 60 anos neste universo de inquiridos, não é possível fazer-se uma recolha de dados suficiente para se poderem tirar conclusões significantes sobre esta faixa etária.

Quanto aos restantes, é sabido que cada vez mais jovens utilizam mais do que uma ferramenta de tradução assistida por computador. Um dos principais motivos é o facto de se ter tornado mais comum recorrer a várias ferramentas, especialmente no caso de empresas e agências de tradução, que trabalham com diversos clientes, alguns dos quais têm preferência por determinada(s) ferramenta(s) CAT, obrigando a que os tradutores tenham de adaptar-se às necessidades e exigências dos clientes. Outro motivo pode residir nos descontos de estudante na aquisição de licenças que algumas empresas de ferramentas CAT oferecem aos jovens em formação, o que lhes permite adquirir um maior número de ferramentas. Seja qual for o caso, ambas as razões podem justificar o facto de haver menos jovens a utilizar apenas uma ferramenta de tradução assistida por computador.

Quando cruzamos estes números com a ocupação dos inquiridos, vemos que destas 23 pessoas que apenas utilizam uma ferramenta, 15 são tradutores *freelancer*, 4 são tradutores numa empresa/agência de tradução, outros 4 são docentes, 3 são estudantes, uma pessoa é tradutora numa instituição europeia e outra é tradutora numa organização internacional – de notar que, neste grupo, há pessoas que têm mais do que uma ocupação, daí os números referidos. Visto que há tantos profissionais *freelancer* neste grupo, é expectável que estejam dispersos por todas as faixas etárias, o que justifica o número elevado de inquiridos que têm entre 31 e 60 anos e que somente utilizam uma ferramenta CAT.

Estes dados apontam para o facto de os tradutores *freelancer* apostarem mais numa só ferramenta de trabalho. Com efeito, a aquisição de uma ferramenta CAT é um grande investimento por parte dos tradutores *freelancer* e é natural que, sabendo que têm de investir numa ferramenta CAT, prefiram apostar em ferramentas líderes de mercado, que, como se viu nas respostas dos inquiridos, costuma ser o SDL Trados Studio, por considerarem ser a mais completa e a que tem mais funcionalidades.

Posto isto, constata-se pelas respostas obtidas que, apesar de o SDL Trados Studio ser a ferramenta mais cara, é também a mais utilizada pelos tradutores que escolhem trabalhar com uma só

CAT. Dos tradutores que dizem trabalhar apenas com o Trados, cinco pertencem à faixa etária dos 31 aos 40 anos, quatro à dos 51 aos 60 anos e um à dos 20 aos 30. Quando cruzamos estes dados com o modo como exercem a sua profissão, isto é, por conta própria ou por conta de outrem, vemos que a maioria dos inquiridos das duas primeiras faixas etárias anteriormente referidas é tradutor *freelancer* (quatro, sendo que um deles é também docente), dois são tradutores numa empresa ou agência de tradução, um apenas é docente, outro é tradutor numa organização internacional e o último é tradutor numa instituição europeia; e no que diz respeito à faixa etária dos 20 aos 30, a única pessoa que utiliza o SDL Trados Studio trabalha numa empresa/agência de tradução, o que quer dizer que, provavelmente, trabalha com esta ferramenta porque a empresa/agência para a qual trabalha assim o decidiu. Por último, pode também concluir-se de todo o exposto que apenas os tradutores *freelancer* com uma carteira de clientes já estabelecida decidem apostar em ferramentas mais caras.

## 2.2. Utilização de duas ferramentas CAT: memoQ e SDL Trados Studio

A seguir ao grupo de pessoas que apenas utiliza uma ferramenta CAT, há um grupo de inquiridos que se destaca: um grupo de 15 pessoas que utilizam duas ferramentas em concreto – o memoQ e o SDL Trados Studio. Este resultado não surpreende se tivermos em conta os resultados apresentados na figura 9. Quando confrontados com a questão “Com quais [ferramentas CAT] gosta mais de trabalhar?”, apenas responderam 77 inquiridos. No entanto, destes 77, 13 mencionaram tanto o memoQ como o SDL Trados Studio nas suas respostas.

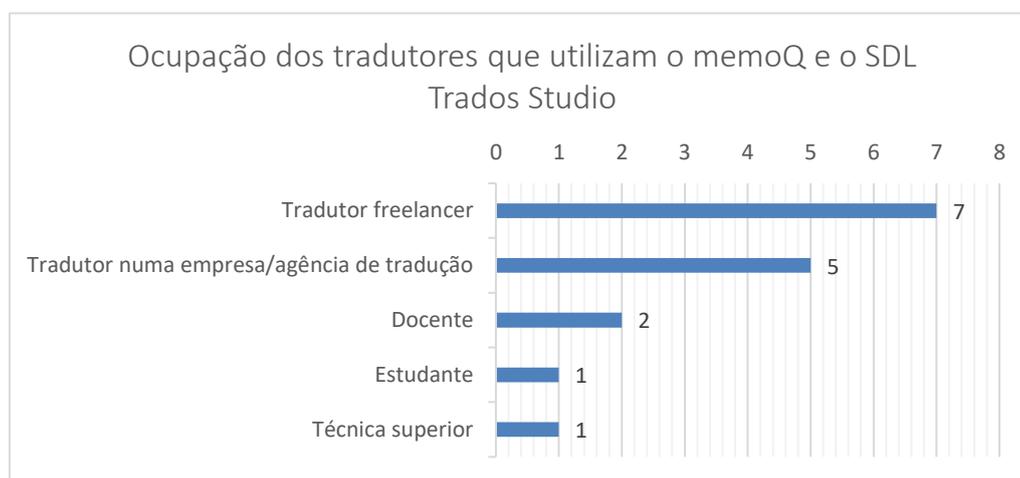


Figura 12 – Ocupação dos tradutores que utilizam o memoQ e o SDL Trados Studio

Conforme se verifica na figura 12, destas quinze pessoas, sete são tradutores *freelancer*, cinco trabalham numa empresa ou agência de tradução, duas pessoas são docentes (uma é docente e *freelancer*), uma delas é estudante e a última é técnica superior. Estes dados demonstram que, apesar de o memoQ e o Trados serem duas ferramentas dispendiosas, os tradutores *freelancer* preferem investir o seu dinheiro nas ferramentas que dominam o mercado. Esta aposta pode dever-se ao facto de

tanto o memoQ como o Trados serem ferramentas muito completas ou, então, à exigência ou preferência dos clientes com que trabalham.

Penso que o mais interessante neste caso será relacionar a faixa etária destes inquiridos com a sua ocupação atual para analisar em que faixas etárias e em que tipo de situação laboral se utiliza mais do que uma CAT.

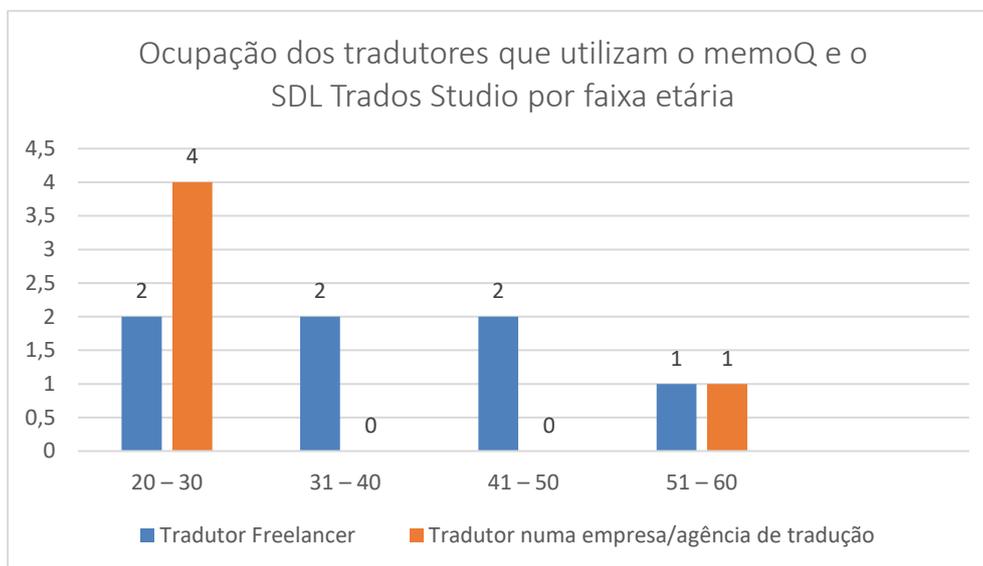


Figura 13 – Ocupação dos tradutores que utilizam o memoQ e o SDL Trados Studio por faixa etária

Portanto, ao estudar o grupo dos tradutores *freelancer* em detalhe (representado a azul na figura 13), verifiquei que os números de inquiridos estão distribuídos de forma equilibrada: i) dos 20 aos 30 – 2 inquiridos; ii) dos 31 aos 40 – 2 inquiridos; iii) dos 41 aos 50 – 2 inquiridos; iv) dos 51 aos 60 – 1 inquirido; v) mais de 60 – 0 inquiridos. No entanto, ao analisar o grupo dos tradutores que trabalham numa empresa ou agência de tradução (representado a laranja na figura 13), observei que este grupo apenas consta de quatro tradutores com idades entre os 20 e os 30 anos e um tradutor que tem entre 51 e 60 anos. Visto que há mais tradutores que trabalham em empresas ou agências de tradução com idades entre os 20 e os 30 anos do que tradutores *freelancer* nesta mesma faixa etária, como demonstra o gráfico da figura 13, considero ser seguro afirmar que os jovens que trabalham com mais do que uma ferramenta CAT têm uma maior tendência para trabalhar em empresas ou agências de tradução, provavelmente porque, como estão no início das suas carreiras, não têm tanta possibilidade de comportar os custos que as ferramentas CAT representam para os tradutores *freelancer*, por isso, optam por trabalhar em empresas ou agências de tradução.

### 3. A formação em CAT ao longo das últimas décadas

De forma a tentar encontrar um padrão ou alguma tendência na formação académica em CAT durante as últimas décadas, estudei as respostas individuais dos inquiridos por faixa etária com especial atenção aos seguintes fatores: anos de experiência profissional na área da Tradução, formação

académica em CAT e em Tradução, o grau de intuição das ferramentas que cada inquirido utiliza e a ferramenta com a qual mais gostam de trabalhar. Como tal, decidi organizar as respostas por faixas etárias, para ter uma ideia do que tem acontecido em cada década, e começar a análise dos resultados pela última faixa etária, a dos inquiridos com mais de 60 anos, para poder ter um termo de comparação cronológico. De notar que os fatores selecionados para conduzir este estudo são dos mais relevantes, uma vez que: i) os anos de experiência com tradução podem indicar em que década é que os inquiridos terminaram os estudos em Tradução, que pode não coincidir com a mesma década em que outros inquiridos da mesma faixa etária o tenham feito; ii) tanto a formação académica em CAT como em Tradução podem indicar o estado do ensino nas respetivas décadas e o necessário para se aceder a uma carreira na área da Tradução; iii) é interessante saber o quão intuitiva é uma ferramenta CAT para um utilizador que nunca tenha tido formação para tentar perceber em que aspetos é que a formação pode melhorar, a importância da formação e quais são as melhores ferramentas para quem está a começar; iv) fazer uma distinção entre as ferramentas mais utilizadas para formação e aquelas de que os inquiridos mais gostam também é pertinente para apurar se as ferramentas em que receberam formação são aquelas que os inquiridos continuam a utilizar na vida profissional, para entender em quais ferramentas as universidades devem apostar mais ou menos.

### **3.1. Faixa etária dos inquiridos com mais de 60 anos**

Este é o grupo de inquiridos mais pequeno de todos, integrado neste inquérito por apenas duas pessoas, mas não deixa de ser revelante. Um destes inquiridos tem um curso superior em Tradução e trabalha numa organização internacional, enquanto o outro tem o ensino secundário e trabalha como tradutor *freelancer*. É expectável que o inquirido que não realizou um curso superior na área não tenha recebido formação académica em ferramentas CAT, o que se comprova pela informação que forneceu. Contudo, o inquirido que completou o ensino superior na área da Tradução também não recebeu esta formação. Apesar de a amostra ser pequena, estas pessoas têm 30 e 34 anos de experiência na área, o que significa que iniciaram as suas carreiras mais ou menos na mesma altura, entre 1988 e 1992, e que ambas concluíram os estudos antes ou durante estes anos. Portanto, pode deduzir-se através destes dados que antes da década de 90 não existia formação em CAT, pois, como já foi referido no capítulo II, as primeiras ferramentas CAT apenas começaram a ser lançadas para o público em meados da década de 90.

No caso do tradutor *freelancer*, a escolha de ferramenta de trabalho é muito pessoal porque, no geral, não há uma força superior que o obrigue a utilizar outras ou mais do que uma ferramenta. Como tal, de acordo com as respostas deste tradutor, depreende-se que ele apenas desenvolveu um interesse pelas ferramentas CAT depois de ter começado a trabalhar. O inquirido refere que trabalha com o SDL

Trados Studio há 22 anos, ou seja, oito anos depois de iniciar a sua carreira como tradutor. Naquela altura, o SDL Trados Studio era considerado uma das melhores ferramentas de tradução assistida por computador e, muito provavelmente, este inquirido escolheu apostar na melhor ferramenta do mercado, aprendeu a utilizá-la e continuou a fazê-lo até aos dias de hoje. Como atualmente o SDL Trados Studio ainda é visto como uma das ferramentas CAT líder no mercado, o inquirido pode não ter sentido necessidade de mudar e, não tendo pressão para utilizar outras ferramentas por parte de uma entidade empregadora, manteve-se fiel a esta ferramenta.

No que concerne ao outro inquirido desta faixa etária, sabe-se pelos dados que proporcionou que apenas começou a utilizar ferramentas de tradução assistida por computador seis anos depois de ter começado a trabalhar. No entanto, e ao contrário do outro inquirido, referiu que, apesar de gostar de utilizar ferramentas CAT, trabalha diariamente com o Trados, o OmegaT e o MateCAT porque a organização para a qual trabalha assim o exige.

Relativamente às ferramentas CAT preferidas de cada um deles, enquanto o tradutor *freelancer* diz gostar do SDL Trados Studio (embora seja a única ferramenta com que alguma vez trabalhou), o tradutor que trabalha numa organização internacional refere que as ferramentas preferidas dele são o OmegaT e o MateCAT, excluindo o Trados.

No que toca ao quão intuitivas são as ferramentas com que trabalham, o tradutor *freelancer* diz que o Trados é intuitivo para utilizadores que nunca tenham tido formação. No entanto, penso que esta afirmação se pode dever ao facto de ele apenas ter utilizado o Trados durante 22 anos, tendo-se tornado proficiente nesta ferramenta. Já o outro tradutor, considera que, das três ferramentas com que trabalha diariamente, nenhuma delas é intuitiva, reforçando a importância da formação em CAT e a ideia de que o Trados é uma ferramenta pouco intuitiva devido à sua complexidade e que sem formação não se consegue tirar o máximo partido dela.

### **3.2. Faixa etária dos 51 aos 60 anos**

Dos 90 participantes neste inquérito, 12 pertencem a esta faixa etária, das quais a maioria (nove pessoas) tem um curso superior em Tradução, enquanto as restantes três não têm formação na área. Contudo, os dados mais relevantes a observar nesta faixa etária são aqueles relativos à formação académica em ferramentas CAT: apenas cinco pessoas têm formação, o que demonstra que a maioria dos inquiridos pertencentes a esta faixa etária não recebeu formação em ferramentas CAT antes de iniciar a sua carreira profissional. Pode tentar-se encontrar explicação para esta afirmação com os anos de experiência em tradução. Apesar de a maioria dos inquiridos ter mais de 30 anos de experiência, os valores variam entre 12 e 36 anos (como se pode verificar pelo quadro 3), ou seja, estes inquiridos começaram a trabalhar na área entre 1986 e 2010 – um período de tempo consideravelmente longo.

Nesse sentido e como apenas três inquiridos têm menos de 20 anos de experiência profissional, é preferível considerar-se a média de anos de experiência deste grupo. Portanto, em média, este grupo tem 28 anos de experiência e foi introduzido no mercado de trabalho na década de 90, em 1994, quando a aposta na formação em ferramentas CAT ainda não era comum.

30+	32	30
30	36	19
35	30	14
35	12	30

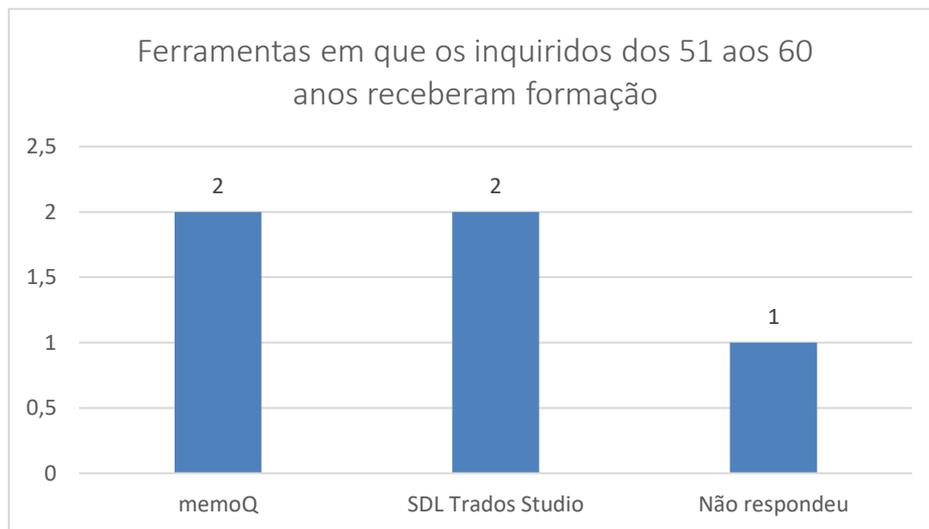
**Quadro 3** – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 51 aos 60

Ao analisar o quadro 3 verifica-se que há uma certa discrepância nos anos de experiência. A verde-escuro encontram-se as pessoas que começaram a trabalhar na área da Tradução ainda no fim da década de 80, a verde-claro estão marcadas as pessoas que iniciaram as suas carreiras na década de 90, o amarelo representa uma pessoa que começou a trabalhar no início da década de 2000, o laranja representa uma pessoa que iniciou a sua carreira no fim da década de 2000 e, por fim, a vermelho está representada uma pessoa que começou a trabalhar na área na década de 2010. Para além disso, as células do quadro cujos limites estão delimitados a azul-escuro representam as pessoas que não receberam formação académica em CAT, que, como se pode ver pelo quadro, abrange a maior parte dos inquiridos com mais de 30 anos de experiência.

Não é surpreendente que os inquiridos com 12, 14 e 19 anos de experiência tenham recebido formação académica em CAT porque iniciaram os seus percursos na área da Tradução mais tarde na vida e todos devem ter terminado o ensino superior depois de 2003. No entanto, o mais surpreendente é encontrar duas pessoas com mais de 30 anos de experiência que tiveram formação académica em CAT. Ao verificar as respostas individuais de cada um destes inquiridos, verifiquei que a razão pela qual estas duas pessoas tiveram formação académica em CAT deve-se ao facto de terem realizado um curso de mestrado em Tradução mais tarde, depois de terem começado a trabalhar como tradutores.

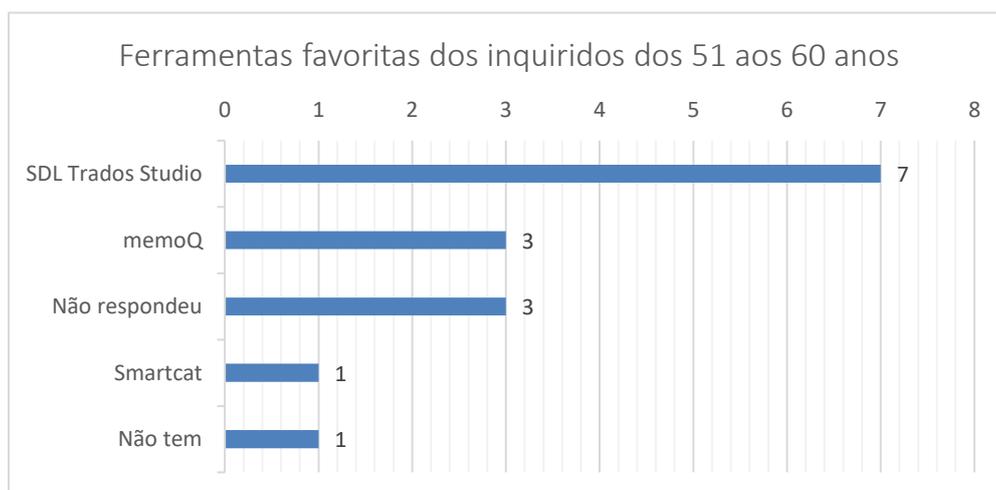
Embora a amostra dos inquiridos que receberam formação em CAT enquanto estudavam seja reduzida, o objetivo deste estudo é também apurar em que ferramentas é que se tem dado formação nas últimas décadas e, apesar de terem realizado o curso entre os anos de 1990 e 2010, é interessante descobrir quais as ferramentas em que se dava formação no ensino superior durante essas décadas. De acordo com a figura 14, dos inquiridos que responderam, dois afirmaram que tiveram formação no

memoQ (que só foi lançado ao público em 2004) enquanto estudavam e outros dois mencionaram ter tido formação no SDL Trados Studio. Uma vez que pelo menos três destas pessoas completaram os seus estudos superiores depois da década de 2000, não surpreende que tanto o Trados como o memoQ sejam as escolhas principais, como se verá melhor quando analisar os dados das faixas etárias dos 20 aos 30 anos e dos 31 aos 40 anos.



**Figura 14** – Ferramentas em que os inquiridos dos 51 aos 60 anos receberam formação

No entanto, quando questionados sobre as suas ferramentas CAT favoritas – note-se que os inquiridos puderam selecionar mais do que uma opção de resposta – responderam da seguinte forma: sete inquiridos têm como ferramenta favorita o SDL Trados Studio, três inquiridos têm o memoQ como ferramenta de eleição, um inquirido prefere o Smartcat, um inquirido não tem uma ferramenta favorita e um não respondeu. Se há algo que o gráfico representado abaixo comprova é a predominância de utilizadores do Trados numa das faixas etárias menos jovens.



**Figura 15** – Ferramentas favoritas dos inquiridos dos 51 aos 60 anos

Relativamente à pergunta que visava averiguar a facilidade de utilização das ferramentas que os inquiridos utilizam – “Considera que as ferramentas que utiliza são intuitivas para um utilizador que não tenha tido nenhum tipo de formação sobre elas?” –, duas pessoas responderam de forma positiva, cinco deram uma resposta negativa, duas deram respostas elaboradas e três não responderam. Neste caso, inclui-se dentro do grupo de respostas “não respondeu” as pessoas que não estão atualmente a trabalhar como tradutores (duas delas) e uma pessoa que deu uma resposta pouco objetiva (“razoavelmente intuitivas”). Das duas pessoas que responderam de forma positiva, uma apenas respondeu “sim” à questão e a outra respondeu “Read the Manual. memoQ, sim, é intuitivo, mas também requer um bocado de autoaprendizagem. A Ajuda (Help) explica tudo!”. Nenhuma das cinco pessoas que deram respostas negativas deram uma justificação que sustentasse a opinião delas, simplesmente responderam “não”. Por fim, as pessoas que responderam de forma elaborada referiram que é preciso formação e que um utilizador sem formação apenas consegue utilizar as funcionalidades básicas das CAT. Tendo em conta estes dados, pode concluir-se que a grande maioria dos inquiridos pertencentes a esta faixa etária concorda que é necessário ter formação nas ferramentas CAT, não só para as utilizar corretamente, mas também para retirar o máximo proveito de todas as suas funcionalidades.

### 3.3. Faixa etária dos 41 aos 50 anos

No universo de inquiridos que têm entre 41 e 50 anos começam a notar-se algumas diferenças significativas. Este grupo é composto por 24 pessoas, das quais 17 têm um curso superior em Tradução, enquanto 7 não têm formação na área, tornando-o no grupo que tem mais pessoas sem formação académica superior na área. Em termos de experiência profissional dos inquiridos, os anos de experiência em tradução variam entre 3 e 30 anos (quadro 4), sendo que a média se encontra nos 16 anos de experiência. Como tal, em média, começaram a trabalhar na área em 2006.

15	25	15	3	14	8	15	14
15	15	17	25	30	24	25	10
10	20	10	15	17	11	5	27

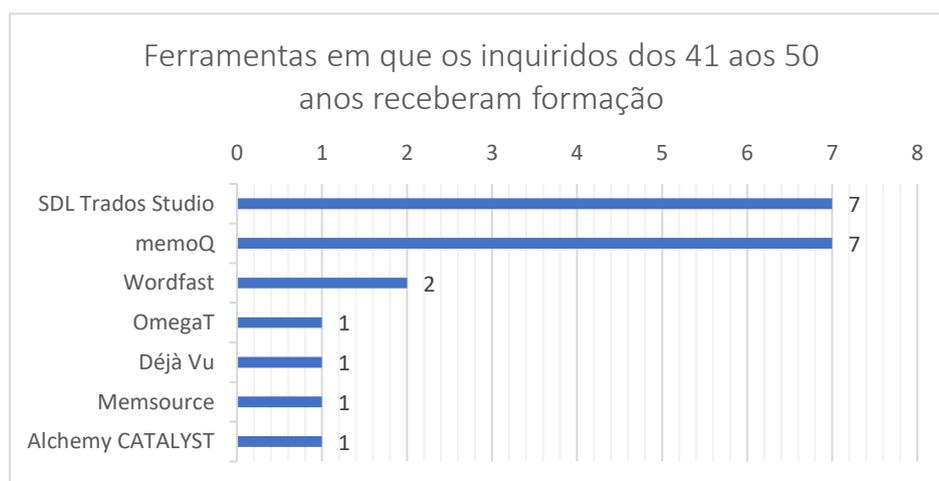
**Quadro 4** – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 41 aos 50

Como se pode ver pelo quadro acima apresentado, destes 24 inquiridos: i) um iniciou a sua carreira no início da década de 90 (a roxo) e, portanto, não recebeu formação em CAT antes de entrar no mercado de trabalho, como seria de esperar; ii) cinco iniciaram as suas carreiras no final da década

de 90 (a verde-escuro), quando ainda era pouco comum a formação em ferramentas CAT no ensino superior e destes inquiridos, um refere ter recebido formação em CAT enquanto estudava, o que poderá ter ocorrido mais tarde; iii) onze iniciaram as suas carreiras durante a primeira década de 2000 (a verde-claro), havendo mais inquiridos que dizem ter recebido formação em CAT – de notar que os inquiridos a verde-claro que dizem não ter recebido formação em CAT não frequentaram um curso superior em Tradução, portanto, é normal não terem recebido esta formação; iv) quatro iniciaram as suas carreiras no início da década de 2010 (a amarelo) e todos tiveram formação académica em CAT; v) três iniciaram as suas carreiras no final da década de 2010 (a vermelho) e apenas um destes inquiridos diz não ter recebido formação em CAT (apesar de ter realizado um curso de mestrado em Tradução).

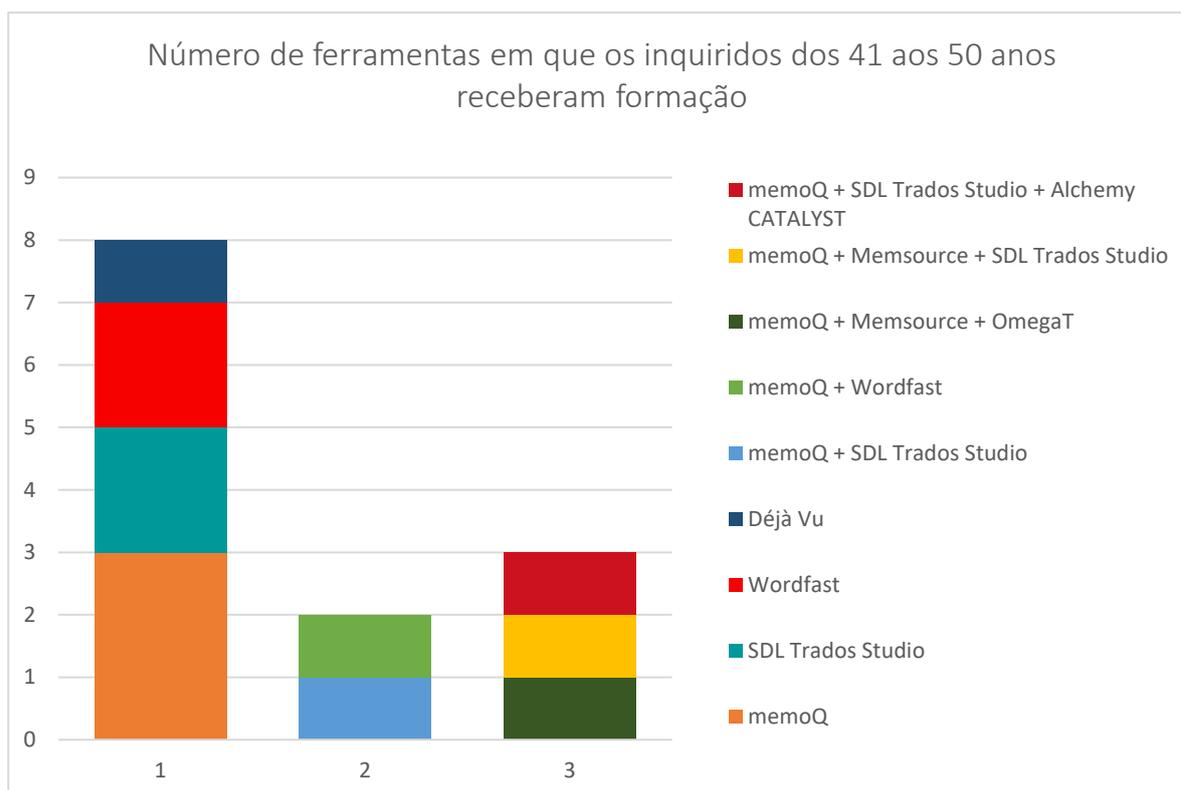
Embora haja um elevado número de pessoas que não receberam formação académica em CAT (células delimitadas a azul), a verdade é que a maioria teve formação em CAT enquanto estudava e, das onze pessoas que dizem não ter recebido formação, sete cursaram estudos na área da Tradução e uma só fez a licenciatura em Tradução.

Para além disso, as treze pessoas que receberam formação em CAT dizem ter utilizado as seguintes ferramentas durante as aulas no ensino superior:



**Figura 16** – Ferramentas em que os inquiridos dos 41 aos 50 anos receberam formação

Relembro, de novo, que os inquiridos puderam escolher, na sua resposta, mais do que uma ferramenta. Não é de todo incomum que a maioria tenha tido formação no SDL Trados Studio, uma vez que, como vimos, é a ferramenta que domina o mercado desde que foi lançada. No entanto, a presença do memoQ e o facto de ter recebido tantas respostas como o Trados é uma novidade, o que me leva a pensar que os utilizadores que disseram ter utilizado o memoQ podem ser aqueles que têm menos de 18 anos de experiência em Tradução, uma vez que o memoQ apenas foi lançado em 2004. É, portanto, interessante apurar em quantas ferramentas tiveram formação e em quais especificamente, para poder entender qual é a opção mais comum: ensinar os estudantes a utilizar apenas uma ferramenta CAT ou a utilizar várias e, neste último caso, quais as combinações mais comuns.



**Figura 17** – Número de ferramentas em que os inquiridos dos 41 aos 50 anos receberam formação

Segundo a figura 17, os inquiridos receberam formação em ferramentas CAT de forma diferente: há quem só tenha recebido formação numa ferramenta, quem tenha recebido formação em duas e quem tenha recebido formação em três, apesar de a maioria ter recebido formação em apenas uma. No caso daqueles que receberam formação numa só ferramenta: i) três o fizeram no memoQ; ii) dois no SDL Trados Studio; iii) dois no Wordfast; e iv) um no Déjà Vu. Daqueles que receberam formação em duas ferramentas, o grupo menos predominante, um inquirido respondeu que durante a sua formação aprendeu a trabalhar com o memoQ e o SDL Trados Studio, e o outro mencionou ter utilizado o memoQ e o Wordfast. Por fim, no conjunto de inquiridos que receberam formação em três ferramentas diferentes, um mencionou ter aprendido com o memoQ, o Memsources e o SDL Trados Studio, outro com o memoQ, o Memsources e o OmegaT e, por fim, o último aprendeu com o memoQ, o SDL Trados Studio e o Alchemy CATALYST. De facto, a predominância do memoQ no número de respostas dadas pelos inquiridos é uma novidade relativamente à faixa etária anterior. Talvez esta predominância se deva ao facto de o memoQ ter tido um rápido desenvolvimento desde que foi lançado para o mercado, tornando-se na maior concorrência do Trados.

Para além disso, quando questionados sobre a ferramenta CAT com que mais gostam de trabalhar, os inquiridos responderam muito favoravelmente relativamente ao SDL Trados Studio, que foi escolhido por dez utilizadores, seguido do memoQ, escolhido por oito utilizadores. Este resultado do memoQ continua a demonstrar o crescimento da ferramenta, mas também que os inquiridos desta faixa

etária terminaram o ensino superior mais recentemente – conclusão a que podemos chegar através dos anos de experiência que os inquiridos mencionam ter na área e da questão em que referem quando tiveram o primeiro contacto com as ferramentas. Além do mais, apesar de as ferramentas dominantes serem o Trados e o memoQ, os inquiridos mencionam gostar de utilizar outras ferramentas, tal como o Memsources, o OmegaT, o XTM, o TWS e o Smartling, o que parece indicar que estas ferramentas são indicadas para certos tipos de trabalho de tradução mais específicos. Por exemplo, no que toca à criação de memórias de tradução e ao alinhamento de segmentos, pessoalmente, prefiro utilizar o OmegaT porque foi a primeira ferramenta em que aprendi a criar memórias de tradução, aquela em que me sinto mais confortável a utilizar para esta finalidade e aquela que considero mais intuitiva para essa tarefa.

Relativamente à pergunta destinada a saber se as ferramentas que utilizam são intuitivas para um utilizador que nunca tenha tido formação, os inquiridos responderam de uma forma que eu não antecipava: i) onze pessoas deram uma resposta positiva; ii) seis deram uma resposta negativa; iii) duas deram uma resposta elaborada; iv) cinco pessoas não responderam, uma vez que três delas não utilizam CAT e as outras duas responderam “até certo ponto” e “mais ou menos”, o que não é muito esclarecedor. Dentro do universo de onze inquiridos que responderam de forma positiva, oito responderam simplesmente que sim, enquanto os restantes três inquiridos deram as seguintes respostas: i) “De uma forma geral, sim. Tudo tem a sua curva de aprendizagem, mas sim, são intuitivas. Talvez o Trados seja mais aborrecido”; ii) “Sim, na utilização mais básica, não quando é preciso formatações especiais e outras necessidades que requerem ter um conhecimento mais profundo da ferramenta. Dito isso, existem muitos tutoriais *online* – tem é de haver tempo para os ver e assimilar”; iii) “Lendo as instruções, sim”. Fiquei surpreendida com a quantidade de respostas afirmativas porque este é o grupo que tem mais pessoas que não receberam formação académica em CAT e que utilizam muito o Trados, que, na minha opinião, é uma das ferramentas menos intuitivas. Seria de esperar que este grupo de inquiridos sem formação tivesse tido dificuldade em aprender, assimilar e adaptar-se às ferramentas por si mesmos. Já no grupo de pessoas que deu uma resposta negativa, quatro simplesmente responderam que não, as ferramentas que utilizam não são intuitivas para quem nunca as tenha utilizado, enquanto os outros dois referiram que as ferramentas CAT não são de todo intuitivas e que é preciso formação. Por fim, das pessoas que deram uma resposta elaborada, uma disse que o grau de facilidade em utilizar as ferramentas CAT sem formação prévia apenas depende da capacidade de aprendizagem do tradutor e a outra pessoa mencionou que o grau de facilidade em utilizar CAT sem formação prévia varia de ferramenta para ferramenta, uma vez que todas são diferentes, apesar de realizar praticamente o mesmo trabalho.



**Figura 19** – Ferramentas mais intuitivas para os inquiridos dos 41 aos 50 anos



**Figura 18** – Ferramentas menos intuitivas para os inquiridos dos 41 aos 50 anos

De acordo com as respostas individuais dos inquiridos, as ferramentas CAT mais intuitivas para utilizadores que nunca tenham recebido formação, segundo a figura 18, são: i) Memsource – sete respostas; ii) memoQ – seis respostas; iii) SDL Trados Studio – três respostas; iv) Across, Smartling e XTM – duas respostas; v) TWS, TransitNXT e GlobalLink – uma resposta. Contudo, as ferramentas que os inquiridos referem ser menos intuitivas, segundo a figura 19, são: i) SDL Trados Studio e memoQ – cinco respostas; ii) XTM, OmegaT e Across – uma resposta. Ao compararmos as figuras 18 e 19 pode ver-se que o memoQ, apesar de ser uma das ferramentas consideradas menos intuitiva (cinco respostas), tem seis respostas favoráveis ao grau de facilidade de utilização, por isso, pode concluir-se que é uma ferramenta que é fácil de utilizar sem se receber formação prévia. O mesmo acontece com o Across e com o XTM. No entanto, no caso do Trados, apenas três inquiridos disseram que era uma ferramenta intuitiva, enquanto cinco referiram que era uma ferramenta pouco intuitiva. A partir destes dados, conclui-se que as respostas desfavoráveis do Trados têm mais peso que as favoráveis e que, consequentemente, esta ferramenta é uma das menos intuitivas para um utilizador que nunca tenha tido formação em ferramentas CAT de acordo com os inquiridos que têm entre 41 e 50 anos.

### 3.4. Faixa etária dos 31 aos 40 anos

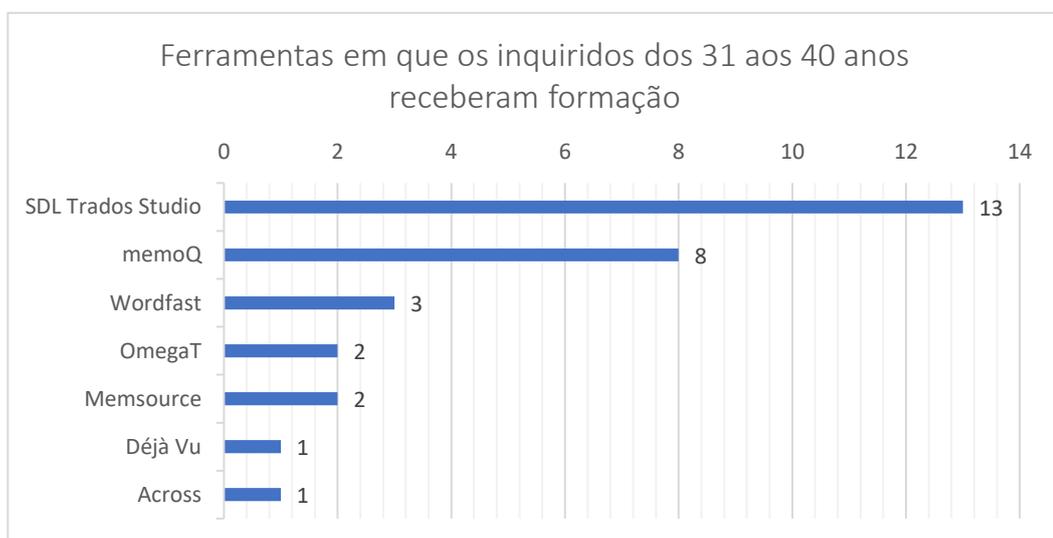
Este grupo de inquiridos contém 21 pessoas, das quais apenas 19 têm um curso superior na área da Tradução e 20 receberam formação académica em CAT. Os anos de experiência com tradução dos inquiridos pertencentes a esta faixa etária varia entre 1 e 18 anos, como se pode verificar pelo quadro 5, tendo uma média de 11 anos de experiência na área.

15	12	12	10	11	9	10
10	16	8	14	12	1	11
11	10	15	11	18	2	14

**Quadro 5** – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 31 aos 40

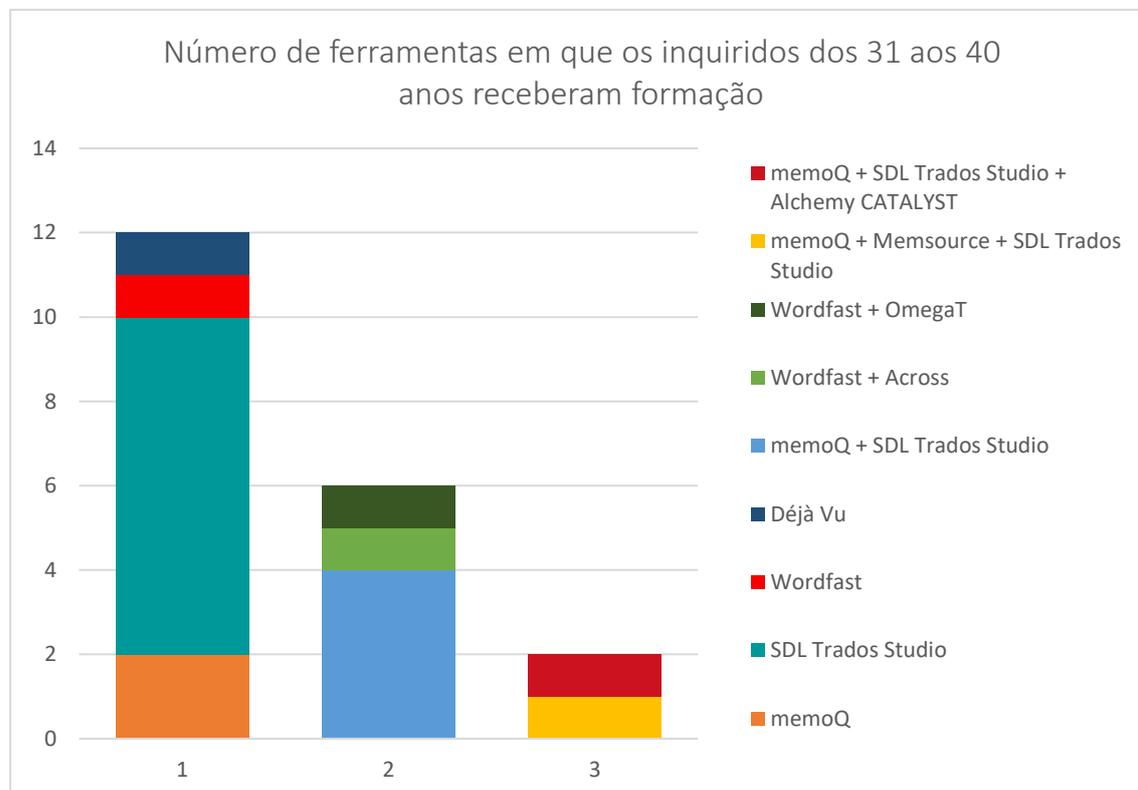
Representado a verde estão os inquiridos que iniciaram as suas carreiras ainda na primeira década de 2000, a amarelo está representada a maioria, ou seja, os inquiridos pertencentes a esta faixa etária que iniciaram as suas carreiras durante a década de 2010 (mais concretamente entre 2010 e 2014) e estão representados a vermelho os inquiridos que apenas iniciaram a sua carreira depois de 2020. Para além disso, o único inquirido que não recebeu formação académica em CAT – representado pela célula delimitada a azul – também não estudou Tradução no ensino superior, portanto, é normal que não tenha recebido esta formação. Mas se há algo que a tabela anterior demonstra é que a aposta na formação académica em ferramentas CAT cresceu muito logo na primeira década de 2000, acompanhando de perto a evolução das ferramentas CAT. Além do mais, a maioria destes inquiridos iniciou a sua carreira entre 2010 e 2014, época em que o uso de ferramentas CAT no ambiente de trabalho já era predominante e resultava, portanto, essencial ter formação prévia.

No que toca às ferramentas de tradução assistida por computador em que os inquiridos desta faixa etária receberam mais formação, é possível ver-se algumas semelhanças com a faixa etária anterior: treze dos inquiridos responderam que receberam formação no SDL Trados Studio, oito no memoQ, três no Wordfast, dois no OmegaT, outros dois no Memsources, um no Across e um no Déjà Vu, como representado na figura 20.



**Figura 20** – Ferramentas em que os inquiridos dos 31 aos 40 anos receberam formação

Comparando este gráfico (figura 20) com o gráfico da década anterior (figura 16), verifica-se que o Trados continua na liderança, e nota-se um grande aumento no uso do SDL Trados Studio como ferramenta de formação, enquanto o memoQ, o Wordfast, o OmegaT, o Déjà Vu e o Memsource mantêm mais ou menos os mesmos valores. No entanto, o Alchemy CATALYST desaparece da lista e aparece o Across.



**Figura 21** – Número de ferramentas em que os inquiridos dos 31 aos 40 anos receberam formação

Para além destes resultados, também é interessante apurar qual é a tendência no número de ferramentas em que se dava formação. De acordo com a figura 21, a grande maioria dos inquiridos (doze pessoas) recebeu formação em apenas uma ferramenta. No entanto, seis pessoas receberam formação em duas ferramentas CAT e outras duas em três. Dos inquiridos que só receberam formação numa ferramenta: i) oito utilizaram o SDL Trados Studio; ii) duas pessoas apenas receberam formação em memoQ, o que indica que estas pessoas apenas cursaram os seus estudos depois de 2005, ano em que foi lançada a primeira versão do memoQ; iii) uma pessoa recebeu formação no Wordfast e outra apenas recebeu formação no Déjà Vu, criando uma grande divergência entre o número de pessoas que recebeu formação nestas duas ferramentas e o número de pessoas que recebeu formação no memoQ e no Trados. Quanto aos inquiridos que receberam formação em duas ferramentas, distinguem-se três grupos: um grupo de quatro pessoas que recebeu formação em memoQ e Trados, um grupo de uma pessoa que recebeu formação em Wordfast e Across, e outro grupo, também de uma pessoa, que recebeu formação em Wordfast e OmegaT. Por fim, dos dois inquiridos que receberam formação em

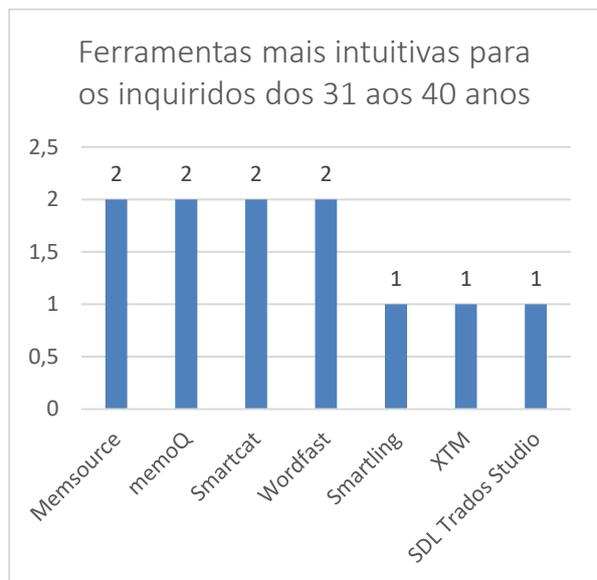
três ferramentas CAT, um recebeu formação em memoQ, Trados e Alchemy CATALYST, e o outro recebeu formação em memoQ, Memsource e Trados.

Tendo em conta estes dados, é de esperar que a ferramenta CAT favorita dos inquiridos seja o SDL Trados Studio, o que é, de facto, comprovado pelas respostas dadas à questão “Com quais [ferramentas] gosta mais de trabalhar?”: i) o SDL Trados Studio é a ferramenta favorita dos inquiridos pertencentes a esta faixa etária, contando com nove respostas positivas; ii) a segunda resposta mais dada foi “não utilizo ferramentas CAT”, com um total de cinco respostas; iii) segue-se o memoQ como terceira resposta mais comum, com quatro respostas a seu favor; iv) aparece em quarto a ferramenta Smartcat, que conta com duas respostas positivas; v) por fim, encontra-se tanto o OmegaT como o Wordfast em último lugar, com apenas uma resposta positiva cada. É interessante ver como o Wordfast se encontra no fim da lista de ferramentas CAT favoritas, uma vez que, como vimos, se apostou muito na formação no Wordfast neste grupo de inquiridos.

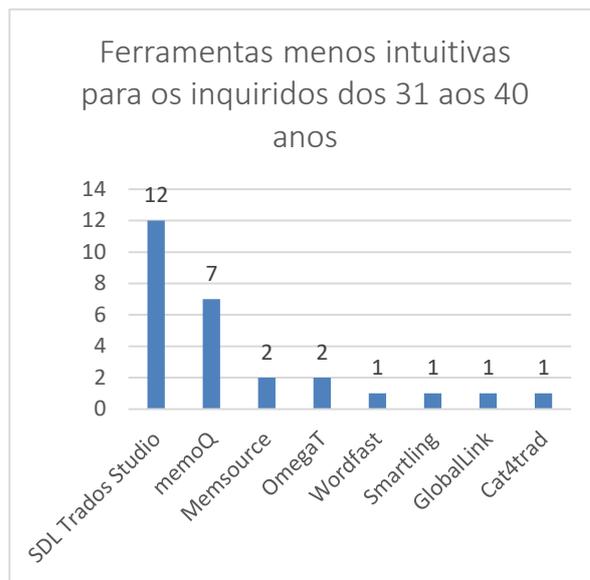
Quando perguntados sobre as ferramentas CAT e o quão intuitivas são para utilizadores que nunca receberam formação nelas, este grupo de inquiridos respondeu de uma forma quase oposta à faixa etária anterior: i) cinco pessoas responderam de forma positiva; ii) três responderam de forma negativa; iii) nove deram respostas elaboradas; iv) quatro não responderam, sendo que três deles não responderam por não estarem atualmente a trabalhar como tradutores e outro deu uma resposta inconclusiva (“talvez”). Dentro do universo de inquiridos que responderam de forma positiva, dois simplesmente responderam que sim, um mencionou que sim, as ferramentas são intuitivas, mas que é preciso prática para as dominar, e o último inquirido respondeu “Sim, mas ainda assim a formação é importante para trabalhar de forma mais eficiente e correta”. Dos três inquiridos que responderam de forma negativa, um respondeu simplesmente que as CAT que utiliza não são intuitivas para utilizadores sem formação, outro referiu que é preciso prática nas ferramentas para as dominar e o último mencionou ser necessário haver formação em CAT para as poder utilizar. No entanto, o maior grupo é o de inquiridos que deu uma resposta elaborada, cujas respostas se dividem em dois tipos de respostas: aqueles que não consideram que as ferramentas tenham um grau de intuição, mas que é preciso formação em CAT para as utilizar (seis pessoas) e aqueles que pensam que a facilidade que um utilizador sem formação teria em utilizar ferramentas CAT apenas depende da ferramenta que está a utilizar, não podendo, portanto, generalizar (três pessoas). Há até inquiridos que fizeram esta discriminação entre ferramentas na resposta: “As alojadas na nuvem sim (wordfast anywhere, SmartCat, memsource...), mas as ferramentas locais (Studio, MemoQ, OmegaT...) geralmente oferecem mais opções e possibilidades e podem ser confusas para quem nunca trabalhou com ferramentas de apoio à tradução”. Para além disso, alguns inquiridos, nas suas respostas, referem que o Trados é uma das ferramentas mais difíceis de dominar: “O Studio é, provavelmente, o *software* mais complicado de ser utilizado no meu ponto de

vista. Ainda assim, todas as outras requerem uma base de conhecimento para as começarem a usar: o seu funcionamento é semelhante, mas todas têm as suas nuances”.

Por todo o exposto, posso afirmar que, de todas as faixas etárias, esta é aquela que tem um sentido mais crítico das ferramentas CAT pois a maioria não as consegue avaliar numa escala que apenas varia entre “intuitivo” e “não intuitivo”, tendo uma opinião muito mais elaborada sobre a utilização das CAT.



**Figura 22** – Ferramentas mais intuitivas para os inquiridos dos 31 aos 40 anos



**Figura 23** – Ferramentas menos intuitivas para os inquiridos dos 31 aos 40 anos

De acordo com as figuras 22 e 23, verifica-se uma diferença acentuada nas ferramentas que os inquiridos consideram ser ou não intuitivas relativamente à faixa etária dos 41 aos 50 anos. Neste grupo de inquiridos, o Trados é visivelmente considerado como a ferramenta menos intuitiva, uma vez que apenas tem uma resposta a seu favor e doze respostas negativas. O mesmo acontece com o memoQ, tendo apenas duas respostas positivas e sete respostas negativas. No entanto, considero que a quantidade de inquiridos que consideram que o SDL Trados Studio é menos intuitivo tem muito mais peso, uma vez que há uma grande diferença entre o número de utilizadores que não consideram o Trados intuitivo e o número de utilizadores que não consideram o memoQ intuitivo. Para além disso, se compararmos estes gráficos (figuras 22 e 23) com os gráficos correspondentes da faixa etária anterior (figuras 18 e 19) o primeiro aspeto que salta à vista é a impressão de que os gráficos foram invertidos. Quanto aos gráficos que representam quais as ferramentas que os inquiridos consideram intuitivas, na faixa etária dos 31 aos 40 anos temos valores muito baixos em todas as ferramentas, apenas variam entre 1 e 2, enquanto no gráfico da faixa etária dos 41 aos 50 anos, os valores variam entre 7 e 1, com uma grande predominância do Trados e do memoQ como as ferramentas mais intuitivas. No entanto, relativamente aos gráficos que representam quais são as ferramentas menos intuitivas na opinião dos

inquiridos, o gráfico da faixa etária dos 31 aos 40 anos revela um aumento acentuado nas respostas do Trados e do memoQ (especialmente nas do Trados), mas os valores das respostas dadas variam entre 12 e 1. Penso que este número de respostas desfavoráveis sobre o Trados (12) tem muito mais peso do que as respostas favoráveis sobre o Trados da geração anterior (7) pois há uma grande diferença entre os números e, na faixa etária dos 31 aos 40, os inquiridos mostram claramente que é imperativo receber formação no Trados para o conseguir dominar.

### 3.5. Faixa etária dos 20 aos 30 anos

O universo de inquiridos que pertencem à faixa etária dos 20 aos 30 anos engloba 31 pessoas. Uma vez que esta é a faixa etária mais jovem, é também aquela que representa, por um lado, todos os jovens que ou ainda não concluíram o curso ou que o fizeram há menos tempo e, por outro, o atual da formação em ferramentas de tradução assistida por computador – a mais relevante do estudo.

Começemos por falar da experiência dos inquiridos. Todos os inquiridos pertencentes a esta faixa etária têm entre 6 meses e 8 anos de experiência.

1	5	1	1	2	5	3
1	3	3	2	6	4	
4	1	4	2	6	1	
6 (meses)	5	4	1	6	1	
1	8	5	1	1	7	

**Quadro 6** – Anos de experiência profissional em Tradução dos tradutores na faixa etária dos 21 aos 30

De acordo com o quadro 6, representado acima, há 16 inquiridos que iniciaram a sua carreira na área entre 2014 e 2019 (representados a verde-claro) e 15 inquiridos que ou ainda estão a estudar ou que começaram a trabalhar nos últimos dois anos (representados a vermelho). Estes dados estão muito equilibrados, o que acaba por ser uma mais-valia para o estudo pois, para além de representar a situação atual, ainda fazem a distinção entre aqueles que ainda estão a estudar e aqueles que acabaram o curso há mais tempo, mas ainda dentro desta faixa etária. Para além disso, todos estes 31 inquiridos estudaram ou estão a estudar uma licenciatura ou mestrado na área da Tradução, o que parece ser uma tendência cada vez mais comum e predominante de década para década, pois, como sabemos, hoje em dia é cada vez mais difícil aceder a determinados postos de trabalho sem se ter formação superior na área, e a Tradução não é exceção. De facto, de acordo com a ISO 17100:2015 (ISO, 2015), as competências requeridas para tradutores são: i) ou ter formação superior em tradução (diploma reconhecido) ou outra designação, desde que inclua formação em tradução; ii) ou ter qualificação

equivalente em qualquer outra área mais dois anos de experiência comprovada em tradução (a tempo inteiro); iii) ou ter, pelo menos, cinco anos de experiência comprovada em tradução (a tempo inteiro). Assim sendo, é muito difícil que uma empresa ofereça um cargo de tradutor a alguém que não tenha formação superior na área e, por vezes, experiência; e mais complicado resulta ainda para alguém estabelecer-se como tradutor *freelancer* sem ter um curso superior ou experiência prévia, uma vez que criar uma carteira de clientes pode ser um desafio, especialmente em áreas tão competitivas como a da Tradução. Portanto, penso que posso concluir que a abordagem mais segura para muitos é completar o ensino superior primeiro e só depois começar a trabalhar, tendência cada vez mais evidente de década para década.

No que diz respeito à formação académica em ferramentas CAT, praticamente todos os inquiridos (29) responderam positivamente, encontrando apenas, duas pessoas que afirmaram não ter recebido formação na matéria. Estes resultados indicam que, na última década, as universidades e instituições de ensino superior têm apostado na inclusão de unidades curriculares dedicadas ao ensino-aprendizagem das ferramentas CAT nos seus currículos, quando comparado com as décadas anteriores, e que esta formação é também cada vez mais comum. Quanto às ferramentas em que se dá mais formação atualmente, a figura 24 demonstra que a CAT em que os inquiridos mais receberam formação deixou de ser o Trados e o memoQ assumiu a liderança – com uma grande diferença entre o número de inquiridos que receberam formação no memoQ e o número de inquiridos que receberam formação no Trados.

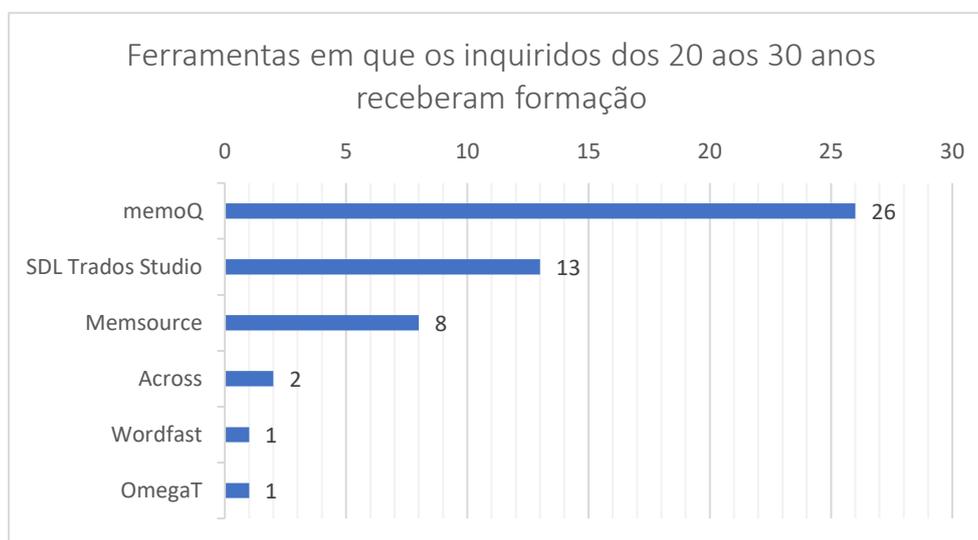
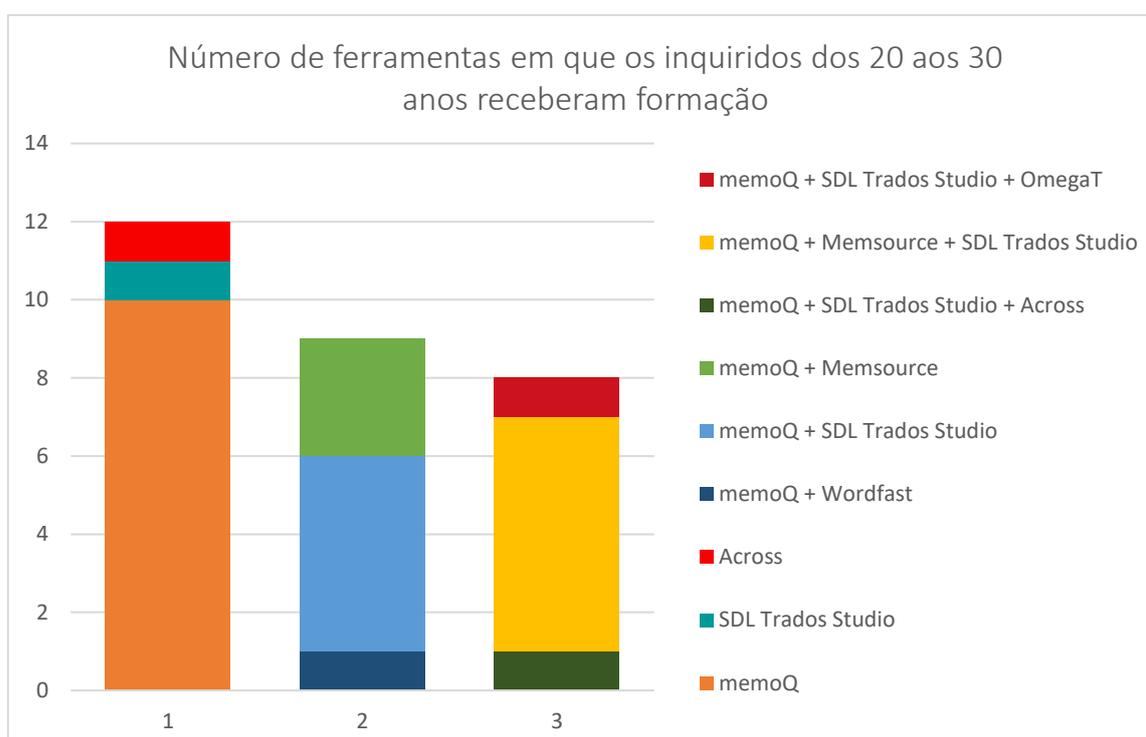


Figura 24 – Ferramentas em que os inquiridos dos 20 aos 30 anos receberam formação

Apesar de o SDL Trados Studio ser atualmente a ferramenta mais utilizada pelos tradutores no geral, tal como se verificou no subcapítulo 2, as instituições de ensino superior apostam, sem dúvida alguma, pela formação no memoQ. A explicação pode residir no facto de que, apesar de que como vimos no capítulo anterior tanto o memoQ como o Trados terem programas académicos e parcerias

com diversas universidades, de modo a possibilitar a disponibilização das ferramentas de forma gratuita aos estudantes, em Portugal, o número de instituições de ensino superior que têm parceria com o memoQ é maior que as que colaboram com o Trados. De modo que, esta predominância do memoQ não é, de todo, estranha.

Tal como nos casos anteriores, também considero pertinente apurar em quantas ferramentas CAT é que os inquiridos receberam formação. De acordo com as respostas, das 29 pessoas pertencentes a esta faixa etária que receberam formação académica em CAT, 12 apenas receberam formação numa única ferramenta, 9 utilizaram duas ferramentas durante as aulas e 8 receberam formação em três ferramentas.



**Figura 25** – Número de ferramentas em que os inquiridos dos 20 aos 30 receberam formação

Dos dados apresentados na figura 25, podem retirar-se as seguintes conclusões: i) começa a ser mais comum receber formação em mais de uma ferramenta CAT; ii) a grande maioria de pessoas (dez inquiridos) que receberam formação académica numa só CAT aprendeu a utilizar o memoQ; iii) apenas uma pessoa recebeu formação só no Trados e só no Across, o que coloca o memoQ num patamar de preferência muito mais elevado; iv) apesar dos dados anteriores, o Trados complementa a formação no memoQ em muitos dos casos, uma vez que o grupo mais predominante na categoria de duas ferramentas de formação é a combinação memoQ e SDL Trados Studio e o grupo predominante na categoria de três ferramentas de formação é a combinação memoQ, SDL Trados Studio e Memsources, demonstrando que é cada vez mais comum utilizar mais do que uma ferramenta nas unidades

curriculares destinadas ao ensino-aprendizagem de ferramentas de tradução assistida por computador no ensino superior.

No entanto, apesar de a ferramenta a que mais alunos de Tradução estão expostos durante o ensino superior atualmente ser o memoQ, verifica-se uma ligeira diferença quando se questiona os inquiridos sobre as suas ferramentas CAT favoritas, o que torna os resultados um pouco inesperados:

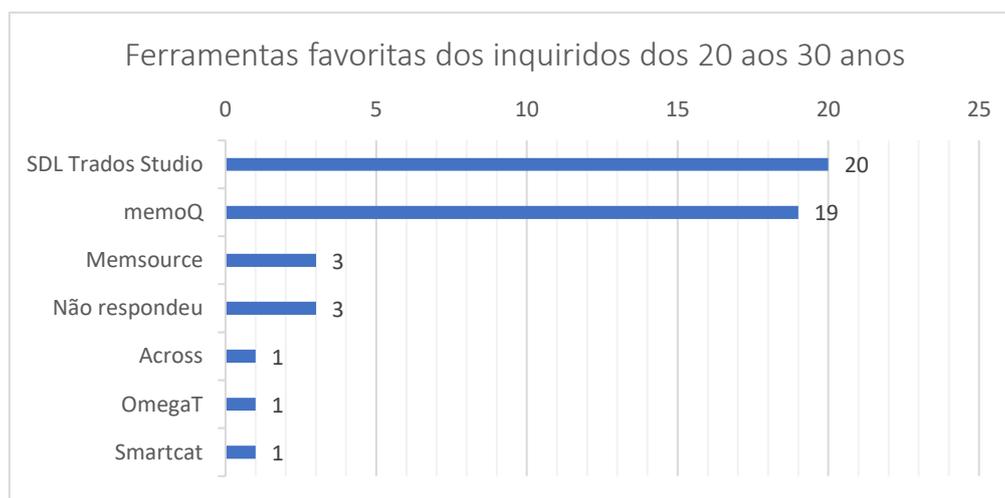
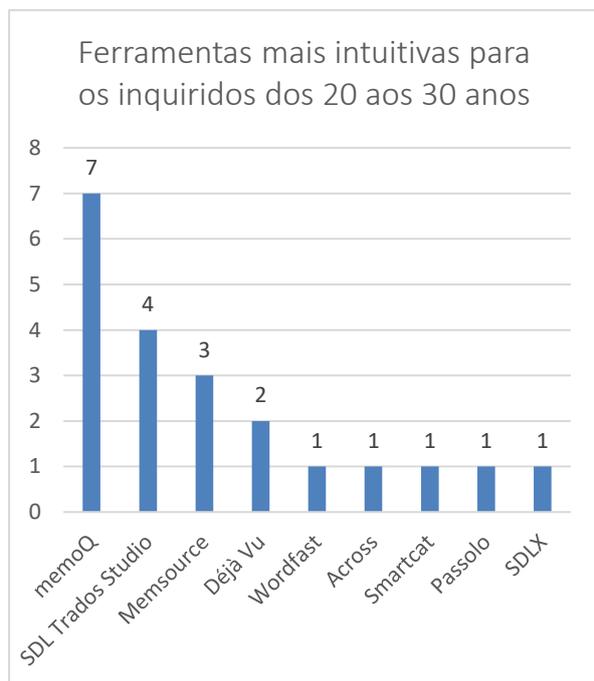


Figura 26 – Ferramentas favoritas dos inquiridos dos 20 aos 30 anos

É curioso verificar como o número de respostas relativamente ao Trados e o memoQ é tão semelhante, mesmo depois de a formação académica se focar tanto na utilização do memoQ. Talvez uma das razões que pode justificar estes resultados seja o facto de o Trados ser mais completo e ter mais funcionalidades do que o memoQ, segundo os inquiridos.

Para além disso, quando questionados sobre o nível de intuição das ferramentas que utilizam, quatro pessoas responderam de forma positiva, dez responderam de forma negativa, seis deram uma resposta elaborada e as restantes onze não responderam. Nesta questão, o grupo de pessoas que não respondeu inclui pessoas que não utilizam ferramentas CAT, pessoas que apresentaram respostas ambíguas e pessoas que não estão atualmente a trabalhar como tradutores, que é o caso mais comum, uma vez que há muitos estudantes nesta faixa etária. Contudo, dentro do grupo dos inquiridos que deram uma resposta positiva existem duas pessoas que simplesmente disseram que sim, as ferramentas são intuitivas para utilizadores sem formação, uma pessoa que refere que a maioria das CAT é intuitiva e uma pessoa que começa por responder de forma positiva, mas que tem uma opinião dividida: “Para um utilizador que tenha alguma formação, sim. Com nenhuma formação, penso que não”. Já no caso dos inquiridos que deram uma resposta negativa, há sete pessoas que apenas responderam que não, as CAT não são, de todo, intuitivas para quem nunca as tenha utilizado, duas responderam “nem por isso” e uma disse que não, porque é necessário haver formação na matéria. Quanto às respostas ambíguas, uma pessoa afirmou que depende da ferramenta CAT que está a ser utilizada, três pessoas consideram

que sem formação apenas se torna possível utilizar as funções básicas das ferramentas e duas pessoas consideram que é necessário haver momentos de formação.



**Figura 27** – Ferramentas mais intuitivas para os inquiridos dos 20 aos 30 anos



**Figura 28** – Ferramentas menos intuitivas para os inquiridos dos 20 aos 30 anos

Ao analisar as respostas dos inquiridos individualmente, construí os gráficos representados nas figuras 27 e 28. Nesta faixa etária, a ferramenta mais intuitiva é o memoQ (sete respostas), com uma grande diferença de número de respostas relativamente às do número de respostas que foram dadas sobre o Trados (quatro respostas). Para além disso, apesar de haver diferenças significativas quanto à faixa etária anterior, o Trados continua a ser a ferramenta menos intuitiva (quinze respostas), de acordo com os inquiridos. Também é interessante o facto de aparecerem mais ferramentas do que nas faixas etárias anteriores, uma vez que indica que os jovens utilizam cada vez mais ferramentas de tradução assistida por computador, quando comparado com qualquer outra faixa etária. No entanto, estes gráficos demonstram que os inquiridos desta faixa etária consideram que as ferramentas CAT, no geral, são muito pouco intuitivas, já que há mais inquiridos que dizem que o Trados e o memoQ não são intuitivos do que inquiridos que dizem que estas mesmas ferramentas são intuitivas. Tendo em conta esta informação, pode concluir-se que os jovens têm de ser cada vez mais capazes de se adaptarem a ferramentas CAT novas, daí ser importante que se incluam mais ferramentas CAT nas unidades curriculares dos cursos de Tradução destinadas à sua aprendizagem e que se proporcione mais tempo aos alunos para que pratiquem.

Ainda sobre o tópico do quão intuitivas as ferramentas são, foram dadas respostas muito interessantes, das quais selecionei quatro. No geral, todos estes utilizadores consideram que a

ferramenta CAT que está a ser utilizada é um fator determinante para definir o quão intuitivas as CAT são. Não se pode dizer que todas as ferramentas são intuitivas ou que nenhuma delas é intuitiva porque tudo depende do *software* que está a ser utilizado, da familiaridade que o utilizador tem com as tecnologias e também da facilidade que tem em aprender a utilizar programas novos. No entanto, também defendem que a formação é uma mais-valia, porque só assim se consegue tirar partido de certas funções mais avançadas, como comprovam as seguintes respostas: i) “Considero que depende muito das ferramentas. Algumas (como o memoQ e SDL Trados Studio) são bastante intuitivas e é fácil de perceber o seu funcionamento sem grande formação (apesar de achar que só com uma formação mais aprofundada é que conseguimos tirar partido de determinadas funções mais avançadas), enquanto outras (surge a Translation Workspace) são extremamente complicadas e precisam de ser melhoradas”; ii) “O memoQ é muito mais intuitivo do que o Trados. Consegue-se fazer o básico, mas para dominar totalmente a ferramenta é preciso bastante treino/estudo”. Outras respostas apontam a que, uma vez dominada uma delas, as outras CAT resultam tão intuitivas que se consegue facilmente fazer a transição, como vemos no comentário deste inquirido: “Considero intuitiva a adaptação a uma ferramenta de tradução quando já se domina uma outra. No entanto, começar a trabalhar com ferramentas de tradução é sempre mais difícil do que parece, porque a tradução propriamente dita é uma ínfima parte daquilo que uma ferramenta de tradução tem para oferecer e o tempo que se demora a dominar as restantes vertentes é longo”. Efetivamente, a tradução é apenas uma pequena componente, e embora o processo de tradução seja até relativamente intuitivo, podem surgir questões técnicas que o dificultam, exatamente como explica o inquirido a seguir: “Não [são intuitivas], principalmente o Trados, que tem tantas funcionalidades que podem confundir no início, e o memoQ, cuja ativação e utilização *online* podem dar algumas dores de cabeça. O Memsources tem menos ruído, pelo que é uma boa ferramenta de introdução. O XLIFF Editor é pouco intuitivo se não se souber configurar a ferramenta”.

#### **4. Satisfação dos inquiridos quanto à formação que receberam**

Tendo agora conhecimento relativo à tendência de formação em ferramentas CAT ao longo das últimas décadas e quais são os *software* sobre os quais incidem as unidades curriculares desenhadas para o seu ensino-aprendizagem, é pertinente apurar a qualidade dessa mesma formação. Para tal, perguntou-se aos inquiridos se receberam formação em ferramentas CAT enquanto cursavam as suas licenciaturas e/ou mestrados em Tradução.

Como se pode observar no gráfico da figura 29, na página seguinte, os resultados estão muito equilibrados: dos 90 participantes, 35 afirmaram ter recebido formação em CAT enquanto estudavam, 32 receberam formação, mas consideraram que não foi o suficiente para compreender de forma adequada as ferramentas e 23 não tiveram qualquer tipo de formação nas ferramentas CAT enquanto estudavam.

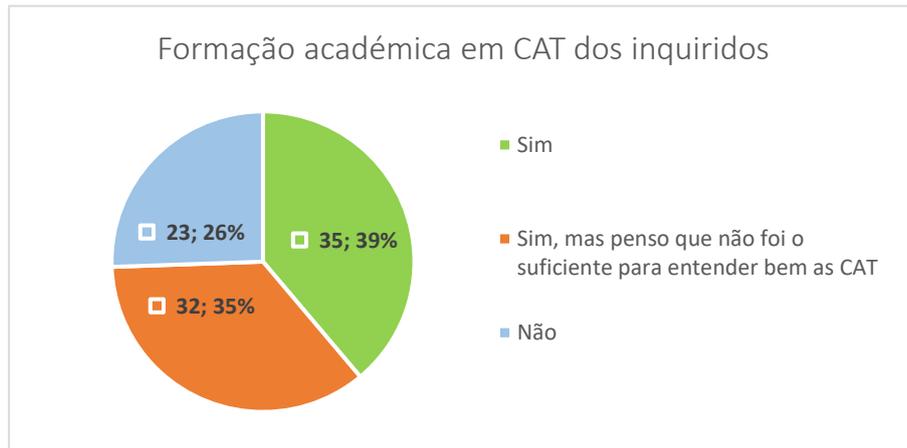


Figura 29 – Formação académica em CAT dos inquiridos

No gráfico seguinte (figura 30), pode verificar-se que a maioria dos jovens entre os 20 e os 30 anos está insatisfeita com o tipo de formação em CAT que receberam. Também pode concluir que grande parte das pessoas que respondeu que não teve nenhum tipo de formação em CAT pertence às faixas etárias 41 – 50 e 51 – 60, o que era esperado, uma vez que o mais provável é que quando começaram a trabalhar não fosse tão frequente a utilização das ferramentas CAT e não fosse, portanto, um pré-requisito para aceder à profissão.

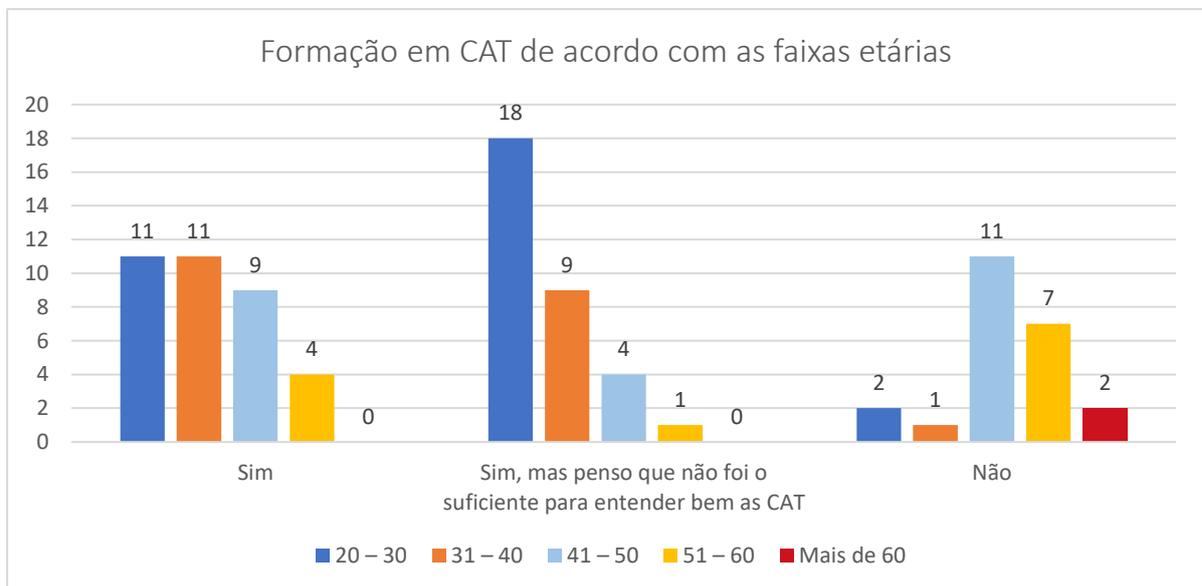


Figura 30 – Formação em CAT de acordo com as faixas etárias

#### 4.1. Análise das respostas dos inquiridos que não receberam formação académica em CAT

Ao analisar as respostas individuais dos inquiridos que têm mais de 60 anos, determina-se que um dos inquiridos é tradutor *freelancer*, tem o Ensino Secundário, não é formado em Tradução, realiza traduções há 30 anos e que o primeiro contacto que teve com as CAT foi em 2000, portanto, este

tradutor só aprendeu a utilizar as CAT quando já trabalhava como tradutor. O outro inquirido com mais de 60 anos é tradutor numa organização internacional, tem um mestrado em Tradução, traduz há 34 anos e explicou que o primeiro contacto que teve com as CAT ocorreu em “1994, Translator's Workbench da Trados, na instituição onde trabalho”. Apesar de esta pessoa ter realizado um mestrado em Tradução, apenas teve contacto com as ferramentas CAT depois de terminar o curso, o que indica que, na época em que concluiu o ensino superior, não existia ainda formação académica em CAT, como foi demonstrado na secção anterior.

Quanto à faixa etária 51 – 60, das sete pessoas que responderam que não tiveram formação, apenas duas não cursaram estudos na área da Tradução, pelo que é evidente que não tenham recebido formação em CAT nessa altura. Destas duas pessoas: i) uma tem uma licenciatura em Línguas e Literaturas, trabalha há 36 anos como tradutora e disse que as ferramentas CAT “foram introduzidas há cerca de 18 anos” na instituição onde trabalha; ii) a outra tem um mestrado em Química, trabalha há 30 anos na área da Tradução e o primeiro contacto que teve com as CAT “ocorreu durante um projeto de localização para a Microsoft já há muitos anos”. Das restantes cinco, uma tem um doutoramento e as outras quatro têm uma licenciatura, mas apenas tiveram contacto com as CAT depois de terminarem os estudos, normalmente por exigência das empresas e agências de tradução para as quais trabalham/trabalhavam.

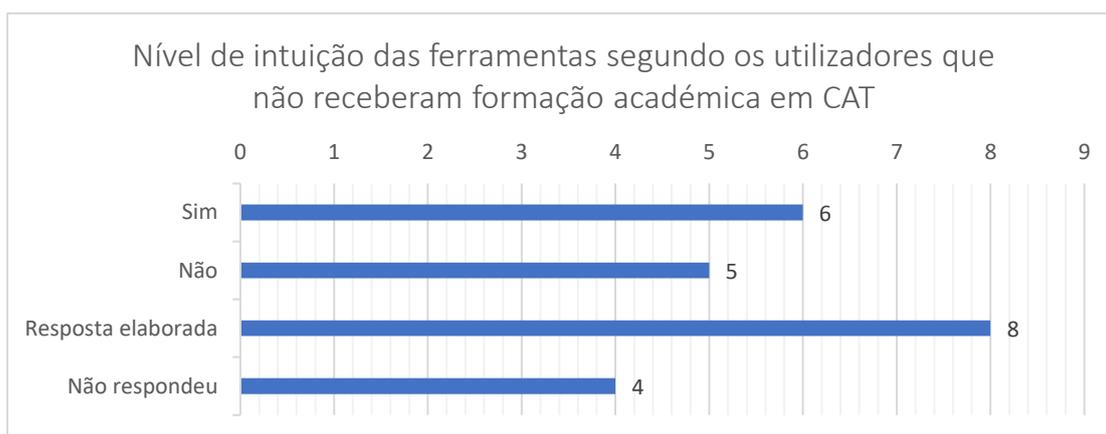
Relativamente às onze pessoas dos 41 aos 50 anos que não tiveram formação em CAT e, em semelhança ao que acontecia com as pessoas da faixa etária anterior, seis delas não são formadas em Tradução. Relativamente às outras cinco pessoas, apenas tiveram o primeiro contacto com as ferramentas CAT depois de terminarem o curso e, no caso concreto de duas delas, só tiveram o primeiro contacto com estas ferramentas durante os seus estudos de mestrado em Tradução, anos depois de iniciarem a sua carreira como tradutores, pelo que podemos concluir que na época em que estes tradutores se licenciaram, não era frequente a formação em CAT, pelo menos nos cursos de primeiro ciclo do Ensino Superior.

Passando agora à seguinte faixa etária, a única pessoa da faixa etária 31 – 40 que não teve formação em ferramentas CAT durante os seus estudos é também a única deste grupo que não cursou uma licenciatura nem mestrado na área da Tradução, já que é formada em Jornalismo e em Ensino de PLE e Educação de adultos. No seu caso concreto, apesar dos 18 anos de experiência como tradutor, apenas teve o primeiro contacto com as ferramentas CAT “em 2004 a trabalhar (*in-house*) numa empresa de tradução”.

Por fim, os dois inquiridos de entre 20 e 30 anos que não têm formação em ferramentas CAT são, porém, licenciados em Tradução. Apesar de estes inquiridos se encontrarem na faixa etária em que é frequente receberem esta formação durante os seus estudos, um deles refere que “O meu primeiro contacto com CAT Tools foi no primeiro dia em que comecei a trabalhar numa empresa de tradução, em

2014”; já o outro inquirido, e pese a ser tradutor numa empresa ou agência de tradução e contar com cinco anos de experiência, afirmou que não teve formação em CAT enquanto estudava e que tampouco trabalha com elas. Embora não tenha conhecimento relativamente à instituição de ensino superior que frequentaram, pode deduzir-se que o mais provável é que as licenciaturas que frequentaram não incluíssem unidades curriculares de formação em CAT nos planos curriculares dos anos letivos em que estes inquiridos estiveram inscritos.

Também foi colocada a este grupo de inquiridos a questão que pretendia averiguar se os tradutores veem as CAT como ferramentas intuitivas para quem nunca teve contacto com elas, e as respostas foram as seguintes: i) as ferramentas são intuitivas (seis pessoas), mesmo para quem nunca tenha tido contacto ou formação em CAT; ii) estas ferramentas não são intuitivas para quem nunca as tenha utilizado (cinco pessoas); iii) não têm uma opinião objetiva sobre as CAT, por isso responderam de uma forma mais elaborada (oito pessoas); iv) pessoas que não responderam (apenas quatro: duas deixaram a resposta em branco e as outras duas não responderam porque não utilizam ferramentas CAT).



**Figura 31** – Nível de intuição das ferramentas segundo os utilizadores que não receberam formação académica em CAT

É evidente pelo gráfico que a maior parte das pessoas que não recebeu formação em CAT enquanto estudava não consegue dizer objetivamente se as ferramentas CAT são ou não intuitivas para utilizadores sem formação. No entanto, na categoria de respostas elaboradas, detetaram-se respostas ambíguas (três) e respostas positivas (cinco). Os inquiridos que deram respostas ambíguas deram também a entender que não refletiram muito sobre as CAT ou que já estavam cansados do questionário, uma vez que deram respostas como “algumas sim, outras nem por isso”, “razoavelmente intuitivas” e “até certo ponto”. Contudo, o *feedback* mais relevante para este estudo recai nas pessoas que deram uma resposta elaborada não ambígua: i) “Sim, na utilização mais básica, não quando é preciso formatações especiais e outras necessidades que requerem ter um conhecimento mais profundo da ferramenta. Dito isso, existem muitos tutoriais *online* – tem é de haver tempo para as ver e

assimilar”; ii) “Read the Manual. memoQ, sim, é intuitivo, mas também requer um bocado de autoaprendizagem. A Ajuda (Help) explica tudo!” (de notar que esta pessoa respondeu que apenas utiliza o memoQ numa questão anterior, por isso, foi bom ter mencionado qual a ferramenta que acha intuitiva), iii) “lendo as instruções, sim”; iv) “apenas à superfície mas não tiram partido verdadeiramente das funcionalidades” (é interessante reparar que esta pessoa trabalha com o memoQ, o SDL Trados Studio e com o Smartling, que são algumas das ferramentas mais utilizadas pelos tradutores); v) “sim, mas ainda assim a formação é importante para trabalhar de forma mais eficiente e correta”.

Estes tradutores que não tiveram formação em CAT enquanto estudavam e cujo primeiro contacto com as CAT foi durante o trabalho, quando confrontados com a pergunta “Considera ser importante formar os estudantes de Tradução em ferramentas CAT?”, todos responderam que sim, provavelmente porque consideram que se tivessem recebido formação enquanto estudavam, não teriam tido certas dificuldades na utilização das ferramentas. Aliás, de todos os 90 inquiridos, apenas uma pessoa respondeu que não é importante formar os estudantes de Tradução em CAT porque considera que as ferramentas “são muito intuitivas. Qualquer um aprende a usá-las rapidamente e as empresas de CAT dão formações adequadas, inclusivamente *online*. Também há vídeos. Acho que nas aulas basta por exemplo falar do que é uma TM, uma TB, MT, etc. Nas aulas o importante é aprender a traduzir, reformular, a ser claro, a pesquisar terminologia corretamente, etc.”. Esta resposta deu a entender que este inquirido considera que os tradutores não precisam de aprender a utilizar ferramentas CAT durante o ensino superior porque o foco da tradução está no texto em si, não na ferramenta. Apesar de concordar que o foco do processo de tradução está na tradução do documento, o facto de ter de se utilizar ferramentas CAT como um passo intermédio do processo de tradução pode atrasar o projeto, caso o tradutor não tenha recebido formação. Penso que uma opção não precisa de excluir a outra e quanto mais formação houver, melhor será para os futuros tradutores. Esta formação tem de ser, porém, proveitosa, pois de nada serve saber o que é uma TM, se não souber como a utilizar, se não conseguir tirar proveito dela. Por outras palavras, se as aulas sobre CAT forem apenas teóricas, provavelmente os alunos não ficarão tão capacitados e não saberão utilizar as ferramentas de forma correta.

Por outro lado, cabe também referir que, efetivamente, o mais importante numa tradução é que o texto seja bem traduzido, claro e natural para o público-alvo, mas também não devemos esquecer que nos dias de hoje, devido à pressão que os clientes impõem aos tradutores *freelancer* e às empresas/agências de tradução em termos de produtividade, as CAT acabam por ser uma ferramenta essencial e uma mais-valia para os tradutores que, desta forma, conseguem cumprir os prazos estipulados. Mas para que isso aconteça, é também necessário que o tradutor saiba utilizar as ferramentas de forma adequada, porque caso contrário o trabalho poderá ser atrasado. Por tudo isso,

considero que a aposta numa formação académica completa – teórica e prática – em ferramentas CAT é um ponto de partida essencial antes de lançar os novos tradutores para o mercado de trabalho.

#### 4.2. Análise das respostas dos inquiridos que receberam formação académica em CAT

Quanto aos utilizadores que tiveram formação académica em CAT, podemos dividi-los em dois grupos: os que ficaram satisfeitos com a formação que receberam e aqueles que receberam formação, mas não se sentem satisfeitos ou suficientemente preparados para as utilizar. De acordo com a figura 32, vemos que a maior parte das pessoas que se sentem satisfeitas com a formação que receberam tem entre 20 e 40 anos, o que é um sinal positivo porque: i) demonstra que há mais jovens com formação CAT do que sem formação, o que também revela uma maior aposta na formação; ii) é um indicador de que o ensino de ferramentas CAT tem vindo a melhorar ao longo dos anos. Tanto a faixa etária 21 – 30 como a de 31 – 40 contam com 11 utilizadores (cada) que tiveram formação nas ferramentas CAT que consideraram de qualidade. No entanto, há 18 pessoas pertencentes à faixa etária 21 – 30 que afirmam não terem ficado satisfeitos com a formação que receberam. Este valor é significativo e um pouco preocupante porque pode representar um possível declínio na qualidade da formação académica em CAT durante a última década, uma vez que estes jovens, que ou são atualmente estudantes ou tradutores em início de carreira, tiveram formação em CAT, mas sentem que não conseguem tirar o máximo proveito das ferramentas.

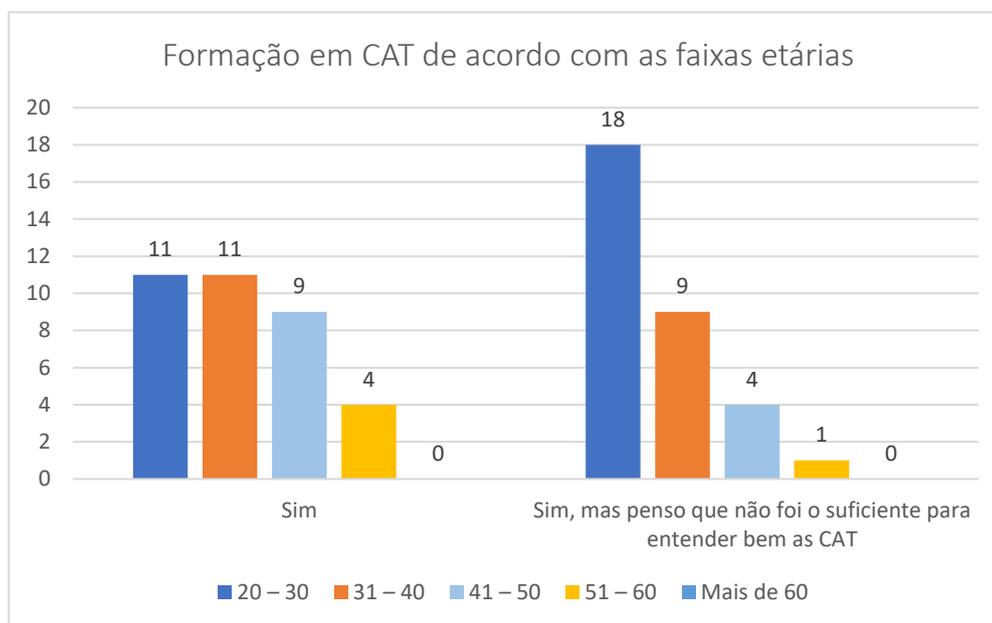


Figura 32 – Formação em CAT de acordo com as faixas etárias

#### 4.2.1. Respostas dos inquiridos satisfeitos com a formação académica em CAT

Começamos por analisar as respostas dos tradutores que pertencem ao grupo de pessoas que estão satisfeitas com a formação que receberam em ferramentas CAT. Os números de utilizadores satisfeitos estão bastantes próximos uns dos outros, exceto na faixa etária dos 51 aos 60 anos e na faixa dos mais de 60 anos. O gráfico indica que esta diferença se pode dever a uma maior aposta na formação académica em CAT nas últimas décadas, como já foi comprovado. Visto que a maioria das pessoas entre os 51 e os 60 anos não podem ter recebido formação durante os seus estudos de licenciatura, decidi tentar saber em que momento e circunstâncias o fizeram. Num dos casos, o inquirido com 12 anos de experiência como tradutor, disse que o seu primeiro contacto com as CAT foi em 2016 durante o mestrado em Tradução; a outra pessoa, com 14 anos de experiência, também afirma que foi durante o seu mestrado, porém, não especifica o ano. Destes dados, pode concluir-se que estes dois inquiridos iniciaram a carreira de tradutor mais tarde e que também decidiram complementar posteriormente as suas habilitações com a frequência do mestrado, daí terem recebido formação em CAT. As outras duas pessoas que responderam afirmativamente à questão, têm mais de 30 anos de experiência na área da tradução, porém, uma delas é formada em Direito e teve o primeiro contacto com as CAT no trabalho – isto é, fora do contexto académico –, enquanto a outra é formada em Tradução e referiu que o primeiro contacto que teve com as CAT foi durante o mestrado (não mencionou quando). Apesar de todos estes inquiridos terem entre 51 e 60 anos, sabe-se pelas suas respostas que realizaram os seus mestrados durante os anos 2000, numa altura em que a formação académica em CAT já se tinha tornado mais predominante, sendo, por isso, normal estarem numa faixa etária mais antiga, mas terem formação académica em ferramentas CAT.

Relativamente aos nove inquiridos que têm entre 41 e 50 anos, pode verificar-se a partir das suas respostas individuais que todos trabalham na área da tradução e que um deles, para além de ser tradutor, tem estudos superiores de doutoramento nesta área. Nesta categoria existem seis pessoas com mestrado e três com licenciatura. Destes nove inquiridos, dois tiveram o primeiro contacto com as ferramentas CAT por iniciativa própria, ou seja, foram do âmbito académico (ambos são tradutores *freelancer*), um só conheceu as ferramentas CAT durante a pós-graduação de especialidade (suponho que tenha sido realizada na área da Tradução) e as restantes seis interagiram com as CAT pela primeira vez durante os seus estudos superiores: i) quatro pessoas durante o mestrado; ii) uma pessoa durante a licenciatura; iii) uma pessoa deu uma resposta inconclusiva, visto que apenas respondeu “curso”, mas não especificou que tipo de curso. A partir destes dados pode concluir-se que a maior parte das pessoas desta faixa etária que receberam formação em CAT terminou o mestrado e teve o seu primeiro contacto com as ferramentas durante o ensino superior. Estes dados podem indicar que o ensino de CAT era já mais predominante no segundo ciclo de estudos do ensino superior na época em que estas pessoas

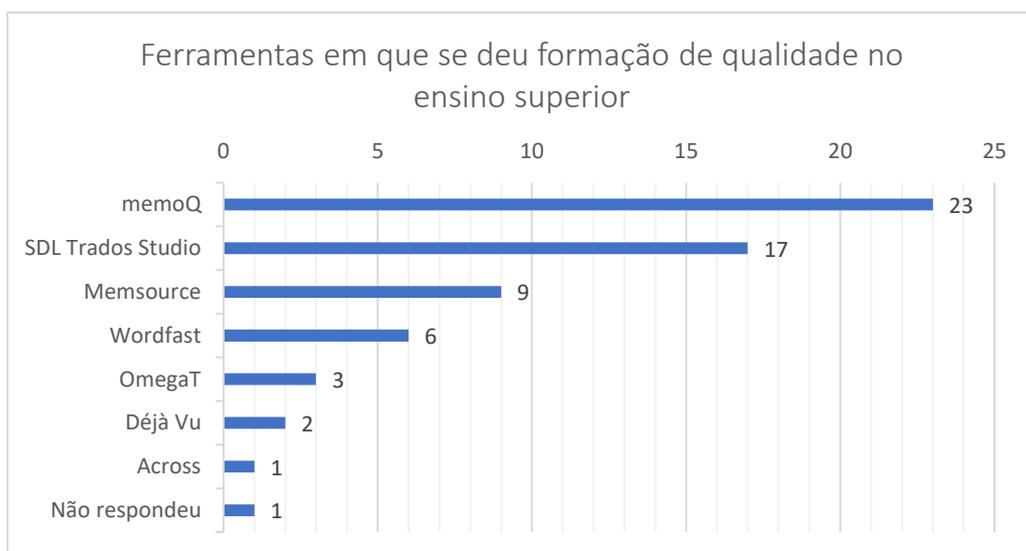
estudaram, apesar de existir pelo menos uma pessoa que teve contacto com as ferramentas durante a licenciatura, sugerindo que, apesar de ser em minoria, alguns cursos deste nível de ensino lecionavam matérias relacionadas com as ferramentas CAT.

A faixa etária dos 31 aos 40 anos está composta por onze pessoas – dez tradutores e um estudante –, das quais sete têm mestrado, uma possui doutoramento e três são licenciadas. Destas três pessoas, apenas uma é estudante atualmente e, as outras duas contam já com 11 e 14 anos de experiência na área da tradução. Isto sugere que algumas universidades oferecem e/ou ofereciam unidades curriculares de formação em CAT nas licenciaturas que deixavam os estudantes satisfeitos. Para além disso, dez destes inquiridos tiveram o primeiro contacto com as CAT durante o ensino superior: seis deles no mestrado, dois na licenciatura e dois deram respostas que não permitiram saber se se referiam ao primeiro ou ao segundo ciclo do ensino superior (“universidade” e “estudante na universidade”). Contudo, o único inquirido desta faixa etária que teve o primeiro contacto com as ferramentas CAT fora do contexto académico tem 12 anos de experiência com tradução e respondeu à questão sobre o primeiro contacto com as CAT de uma forma interessante: “Na primeira empresa de tradução em que trabalhei, ainda apenas com licenciatura. Aprendi a trabalhar com ela (o SDLX) de forma prática, sem aulas nem orientação. Apenas no mestrado tive formação específica nas ferramentas”. Esta resposta indica que na licenciatura que este inquirido frequentou, há cerca de 12 anos, não havia formação em ferramentas CAT e que acabou por ter de aprender a utilizar o SDLX por ele mesmo, o que pode ser uma desvantagem em termos de produtividade e cumprimento de prazos para o tradutor, visto que às vezes perde-se mais tempo a tentar entender como exportar corretamente uma tradução em certa ferramenta, por exemplo, do que propriamente a traduzir.

No entanto, considero, mais uma vez, que os resultados mais interessantes deste estudo recaem sobre os inquiridos que têm entre 20 e 30 anos porque é o grupo que representa a situação mais recente do ensino-aprendizagem de ferramentas CAT no ensino superior. Por isso, também será interessante comparar este grupo de inquiridos com o grupo de inquiridos da mesma faixa etária que disseram não estar satisfeitos com a formação que receberam, para poder entender qual é o grupo com mais peso no estado atual do ensino destas ferramentas. Este grupo consiste em onze pessoas, das quais quatro são estudantes (uma delas também trabalha como tradutora) e sete trabalham na área da tradução. Apesar de haver pessoas neste grupo que já não são estudantes, as respostas delas não deixam de ser relevantes porque concluíram os estudos há muito pouco tempo e continuam a representar o estado do ensino de ferramentas CAT na última década. Para além disso, todos estes inquiridos têm um mestrado ou estão a frequentá-lo neste momento, o que indica que é cada vez mais incomum entrar no mercado de trabalho na área da tradução apenas com uma licenciatura, quando comparado com as gerações anteriores. Também a maioria destes inquiridos teve o primeiro contacto com as ferramentas CAT no mestrado (nove pessoas), um deles durante a licenciatura “na unidade

curricular de Informática e Tradução” e outra uma pessoa deu uma resposta inconclusiva (“na universidade em 2015”), que não permite saber se foi durante os estudos de licenciatura ou de mestrado. Estes dados demonstram que o foco da formação em CAT continua nos cursos de mestrado, muito provavelmente porque as licenciaturas têm um número mais elevado de estudantes do que os mestrados, tornando mais difícil a possibilidade de garantir a cada estudante uma licença da ferramenta CAT com que a instituição de ensino tiver parceria, sobretudo, tendo em conta os elevados custos destes recursos.

Para além disto, também é importante investigar quais foram as ferramentas com que trabalharam durante as aulas. De acordo com as respostas destes 35 inquiridos, as ferramentas em que mais receberam formação foram o memoQ e o SDL Trados Studio, o que, novamente, aponta a que a formação se foca principalmente nestas duas ferramentas líderes de mercado, porque são aquelas com que os futuros tradutores vão, provavelmente, trabalhar mais e também porque são aquelas que têm parcerias com as instituições de ensino superior. Para além destas duas ferramentas, que são consideradas as mais completas por muitos dos inquiridos, também receberam formação em Memsource, Wordfast, OmegaT, Déjà Vu e Across. A figura 33 mostra as ferramentas que foram mais utilizadas na formação dos tradutores que ficaram satisfeitos com a formação. De notar que os inquiridos não indicaram na sua resposta apenas uma ferramenta, mas referiram pelo menos duas, o que demonstra que, atualmente, as unidades curriculares dedicadas ao ensino-aprendizagem das ferramentas CAT abordam pelo menos o ensino-aprendizagem de duas ferramentas, como já foi apontado no capítulo anterior.



**Figura 33** – Ferramentas em que se deu formação de qualidade no ensino superior

#### 4.2.2. Respostas dos inquiridos insatisfeitos com a formação académica em CAT

Passemos agora à análise do grupo de inquiridos que não ficaram satisfeitos com a formação que receberam, e que, na minha opinião, é o grupo mais interessante simplesmente por conter um maior número de respostas nas faixas etárias mais jovens do que qualquer outro grupo. De acordo com a figura 34, não existem pessoas com mais de 60 anos insatisfeitas, porque os inquiridos desta faixa etária não receberam qualquer tipo de formação em CAT enquanto estudavam. No resto das faixas etárias, manifestaram não ter ficado satisfeitos com a formação que receberam, e portanto, não se sentir preparados para as utilizar: uma pessoa no grupo dos 51 aos 60 anos, quatro pessoas no grupo dos 41 aos 50 anos, nove pessoas na faixa etária dos 31 aos 40 anos e, por fim, dezoito pessoas no grupo dos 20 aos 30 anos, que me parece ser o dado mais preocupante deste gráfico.

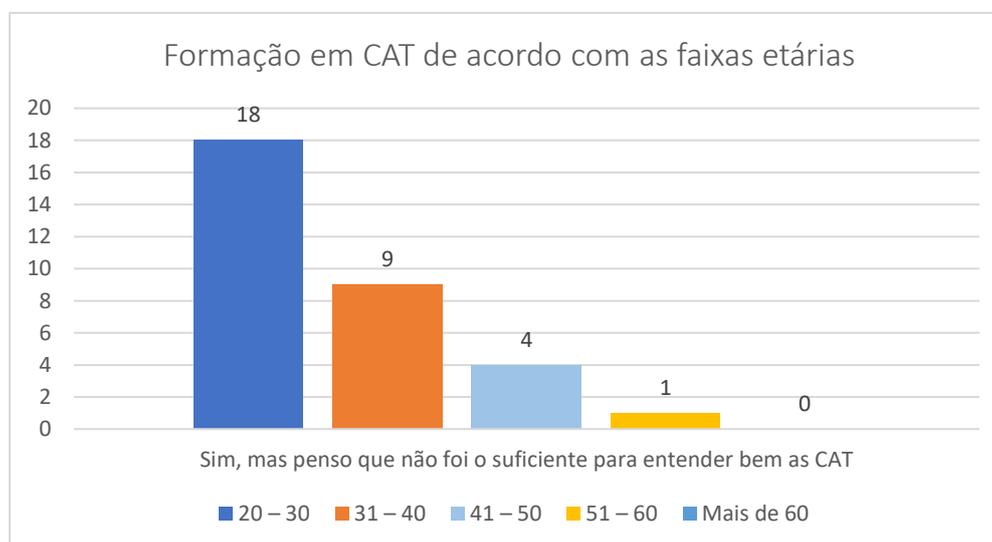


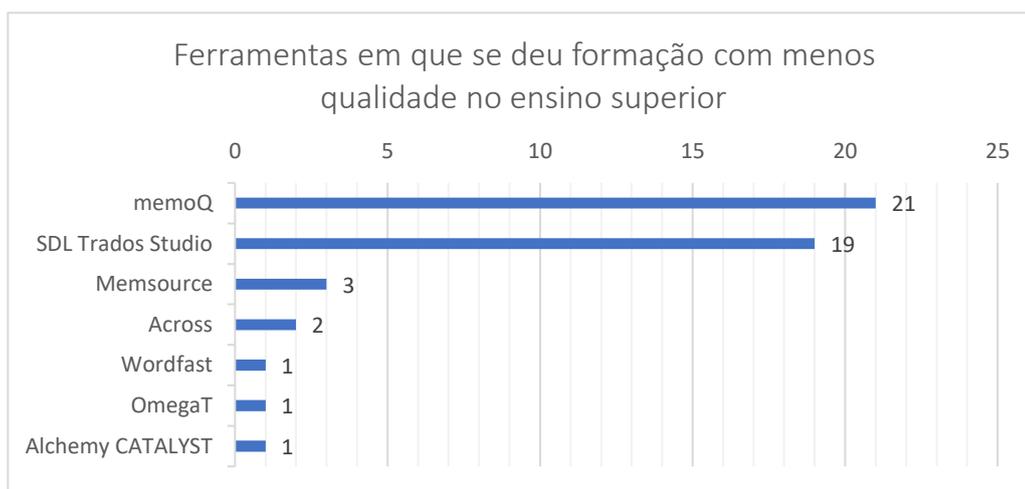
Figura 34 – Formação em CAT de acordo com as faixas etárias

Tendo em conta que grande parte dos inquiridos que pertencem à faixa etária dos 51 aos 60 anos não teve nenhum tipo de formação em ferramentas CAT, considereei pertinente averiguar o porquê de existir uma pessoa desta faixa etária que teve formação. Esta pessoa menciona ter 19 anos de experiência com tradução, que é relativamente pouco tempo em comparação com os outros tradutores desta faixa etária, o que sugere que este tradutor entrou no mundo da tradução mais tarde, não tendo, talvez, realizado os estudos ao mesmo tempo que os outros tradutores da mesma faixa etária, mas possivelmente com os tradutores que têm entre 41 e 50 anos ou entre 31 e 40 anos. Já relativamente aos nove inquiridos que têm entre 31 e 40 anos, a maior parte destas pessoas (sete pessoas) contam com entre 10 e 16 anos de experiência na área da tradução, exceto duas pessoas: uma pessoa que é estudante e tem menos de um ano de experiência e outra que é estudante e trabalha como tradutora ao mesmo tempo e que conta com oito anos de experiência no setor. Em termos de habilitações literárias, uma pessoa tem doutoramento, duas concluíram a licenciatura (uma destas pessoas é

estudante e tradutora ao mesmo tempo) e as restantes seis têm mestrado (uma delas é atualmente estudante). Destas nove pessoas, duas tiveram o primeiro contacto com as ferramentas CAT fora do contexto académico: uma respondeu que teve o primeiro contacto durante o estágio, em 2007, e a outra disse que foi durante “a primeira experiência profissional, numa agência de tradução”. Também estes dados indicam que ambas pessoas apenas realizaram o mestrado depois de iniciarem a atividade profissional como tradutores, sendo que uma delas referiu que é atualmente estudante de mestrado. As restantes sete tiveram o primeiro contacto com as CAT no ensino superior: i) duas deram respostas que não permitem averiguar quando aconteceu exatamente (“estudos de Tradução (universidade)” e “em contexto de aula”); ii) três pessoas mencionaram que o primeiro contacto com as ferramentas ocorreu durante o mestrado; iii) duas pessoas tiveram este primeiro contacto durante a licenciatura. Neste último caso, houve uma resposta que captou a minha atenção: “Teórico, na licenciatura, em 2007. Prático, em 2010, no estágio do Parlamento Europeu”. Provavelmente, o curso que este inquirido frequentou oferecia apenas uma abordagem teórica, porque é importante conhecer as ferramentas e a teoria por detrás da prática, mas não tinha, na época, uma abordagem prática, possivelmente, por causa dos custos que implicaria garantir uma licença a cada um dos alunos de licenciatura.

Quanto à faixa etária que representa o estado atual da formação académica em CAT – dos 20 aos 30 anos – cinco das dezoito pessoas que manifestaram a sua insatisfação são estudantes e treze trabalham como tradutores. Infelizmente, pudemos confirmar com este inquérito que há mais inquiridos neste grupo do que no grupo de pessoas da mesma faixa etária que está satisfeito com a formação que receberam, o que pode indicar indícios de um declínio na qualidade do ensino ou da preparação em CAT que o ensino superior tem fornecido aos alunos na última década. No que toca ao primeiro contacto com as ferramentas CAT, os inquiridos responderam da seguinte forma: i) duas pessoas deram respostas que não permitem identificar em que fase da sua vida académica aconteceu este contacto (“durante o curso universitário, em 2016” e “na universidade, em 2018”); ii) a maioria, ou seja, nove pessoas, teve este primeiro contacto durante o mestrado; iii) as restantes seis pessoas tiveram o primeiro contacto com CAT durante a licenciatura. Este último dado indica que, na última década, começou a haver mais aposta no ensino de ferramentas CAT nas licenciaturas, aspeto muito positivo, mas que, ainda assim, não é suficiente para satisfazer os alunos, como demonstra a resposta de um dos inquiridos: “na licenciatura em Tradução, mas apenas no mestrado é que aprofundi mais”.

Por fim, as ferramentas CAT em que este grupo de inquiridos mais recebeu formação não difere muito das ferramentas em que o grupo dos inquiridos satisfeitos recebeu formação, como se pode verificar pela figura 35.



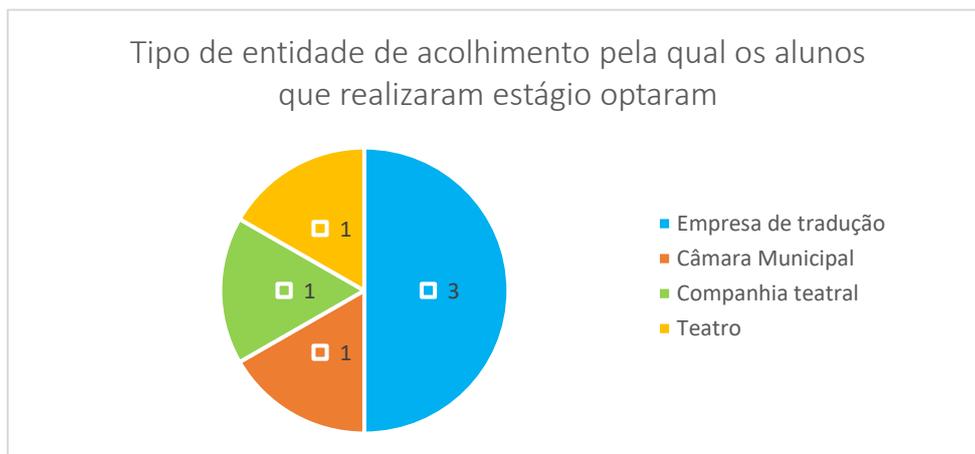
**Figura 35** – Ferramentas em que se deu formação com menos qualidade no ensino superior

Também neste caso é pertinente lembrar que os inquiridos selecionaram mais do que uma ferramenta na sua resposta. Como vemos, o memoQ e o SDL Trados Studio continuam a ser as ferramentas líderes no que toca à formação em ferramentas CAT. No entanto, de acordo com as figuras 33 e 35, há mais utilizadores satisfeitos com a formação que receberam no memoQ do que utilizadores insatisfeitos, o que pode indicar que, apesar de 21 utilizadores considerarem o memoQ uma ferramenta difícil de usar, outros 23 sentem-se capazes de o utilizar sem problemas, tornando-o numa ferramenta relativamente fácil de utilizar. Suponho que os 21 utilizadores que ficaram insatisfeitos com a formação em memoQ provavelmente sentem que apenas estão capacitados para utilizar as funcionalidades mais básicas e que não conseguiriam utilizar com sucesso funcionalidades mais complexas. Já no caso do Trados, acontece precisamente o contrário. Segundo as figuras 33 e 35, há 17 utilizadores que estão satisfeitos com a formação que receberam e 19 utilizadores não satisfeitos e que consideram, portanto, que não estão suficientemente capacitados para utilizar esta ferramenta, o que pode indicar que os utilizadores têm mais dificuldade em utilizar o Trados do que o memoQ. A este respeito, um inquirido respondeu também que o Trados é uma das ferramentas CAT mais completas em termos de quantidade de funcionalidades que oferece, o que pode levar a concluir que, talvez, seja mesmo por isso que os utilizadores sentem que não o conseguem entender completamente, especialmente se a formação nesta ferramenta só durar um semestre. Olhando agora para o Memsource, a distância entre o número de respostas de inquiridos satisfeitos de inquiridos insatisfeitos é bastante grande: enquanto há nove respostas de utilizadores satisfeitos, há apenas três de utilizadores insatisfeitos. Destes dados, pode concluir-se que o Memsource é uma ferramenta que deixa os utilizadores mais confiantes na sua utilização após a formação recebida. O mesmo acontece no caso do Wordfast, que tem seis respostas de utilizadores satisfeitos e apenas uma de um utilizador insatisfeito. No caso das restantes ferramentas, não se constata diferenças no número de respostas entre os utilizadores satisfeitos e os insatisfeitos

muito significativa, pelo que não é possível retirar conclusões muito sólidas acerca da opinião dos utilizadores quanto à utilização do Across, OmegaT, Déjà Vu e Alchemy CATALYST.

## 5. As ferramentas CAT e os estudantes

Das 90 pessoas que responderam a este questionário, 13 afirmaram que são, à data do inquérito, estudantes, o que quer dizer que os dados aqui analisados representam o ano letivo de 2021/2022. Como foi referido anteriormente, alguns destes inquiridos são simultaneamente estudantes e tradutores em ativo, o que pode ser uma mais-valia ao estudo, pois permite que os inquiridos exponham os dois pontos de vista – o de estudante de Tradução e o de tradutor profissional. Dentro do universo dos estudantes, sete – 53,8% – ou são atualmente alunos de licenciatura, alunos de primeiro ano de mestrado ou alunos de segundo ano que optaram por realizar, em alternativa, um projeto ou redigir uma dissertação, e apenas seis – ou seja, 46,2% – realizaram um estágio curricular. Metade destes últimos inquiridos optou por estagiar numa empresa de tradução, enquanto a outra metade realizou o seu estágio noutro tipo de entidades. Assim, um inquirido realizou o estágio numa câmara municipal, outro num teatro e outro numa companhia teatral. Destes seis estudantes, apenas um não utilizou ferramentas CAT, que foi precisamente o estudante que estagiou numa companhia teatral.

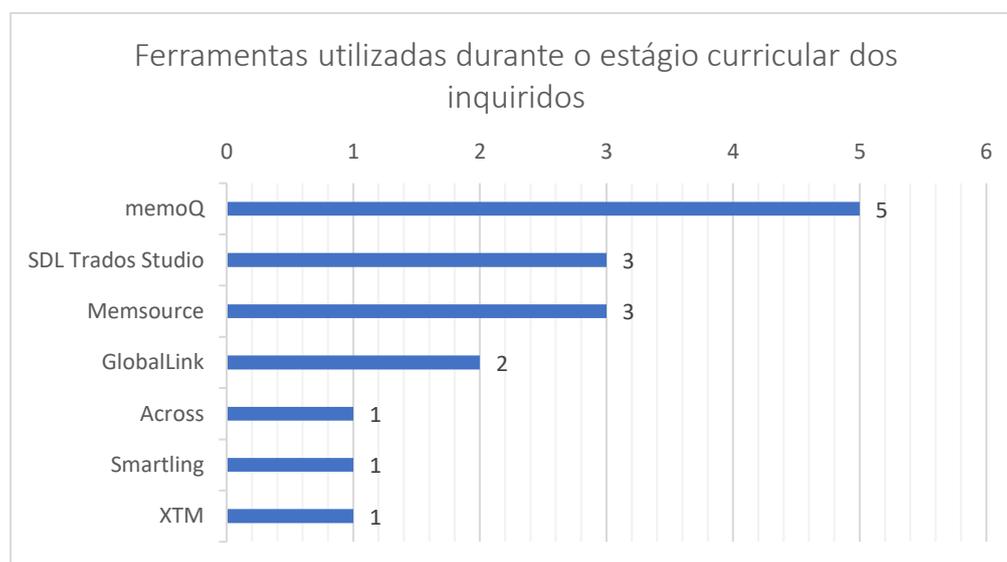


**Figura 36** – Tipo de entidade de acolhimento pela qual os alunos que realizaram estágio optaram

Quando questionado pelo motivo pelo qual não tinha utilizado nenhuma ferramenta CAT durante o estágio, a resposta foi “Era uma tradução literária”. No entanto, outro dos inquiridos, que também estagiou na mesma área e igualmente realizou traduções literárias, mencionou que utilizou o “memoQ, durante a maioria do estágio”, mas não respondeu o porquê de ter utilizado uma ferramenta CAT para realizar traduções literárias. No caso da tradução literária, utilizar ferramentas CAT nem sempre é a melhor opção, como alguns dos inquiridos mencionaram. Por esta razão, consigo entender a escolha de não as utilizar em projetos literários. As ferramentas de tradução assistida por computador são, como vimos no capítulo II, extremamente úteis na tradução de textos técnicos, porque permite a reutilização de palavras e segmentos já traduzidos em documentos anteriores e a divisão do texto em

segmentos que são, normalmente, frases claras e objetivas. Pelo contrário, a tradução literária requer mais variedade de léxico, normalmente, por motivos estilísticos ou artísticos, pelo que não existem frases que se repitam com muita frequência, resultando numa falta de necessidade de se utilizar um sistema de memórias de tradução. Para além disso, estes textos são mais subjetivos do que os textos técnicos, o que dificulta a utilização de bases terminológicas, uma vez que uma só palavra pode ter vários significados dependendo do contexto.

Quanto às cinco pessoas que utilizaram ferramentas CAT durante o estágio, verifica-se que quatro inquiridos responderam que utilizaram mais do que uma ferramenta durante o estágio e, o único que apenas utilizou uma ferramenta foi o inquirido que disse ter estagiado num teatro. Por isso, pode deduzir-se que o mais provável é que este inquirido tenha utilizado a ferramenta em questão com a sua licença de estudante por vontade própria e não por requisito da entidade de acolhimento. Como tal, também se pode deduzir que os inquiridos que utilizam mais ferramentas apenas as utilizam por exigência da entidade de acolhimento, o que, por um lado, é positivo porque proporciona aos estagiários a oportunidade de interagir com várias ferramentas novas e de aprender a utilizá-las, mas por outro, pode ser uma experiência intensa para os estagiários, especialmente se não tiverem alguém que os acompanhe e preste auxílio durante o processo de aprendizagem. Dito isto, as ferramentas CAT mais utilizadas pelos inquiridos durante o seu estágio foram as seguintes:

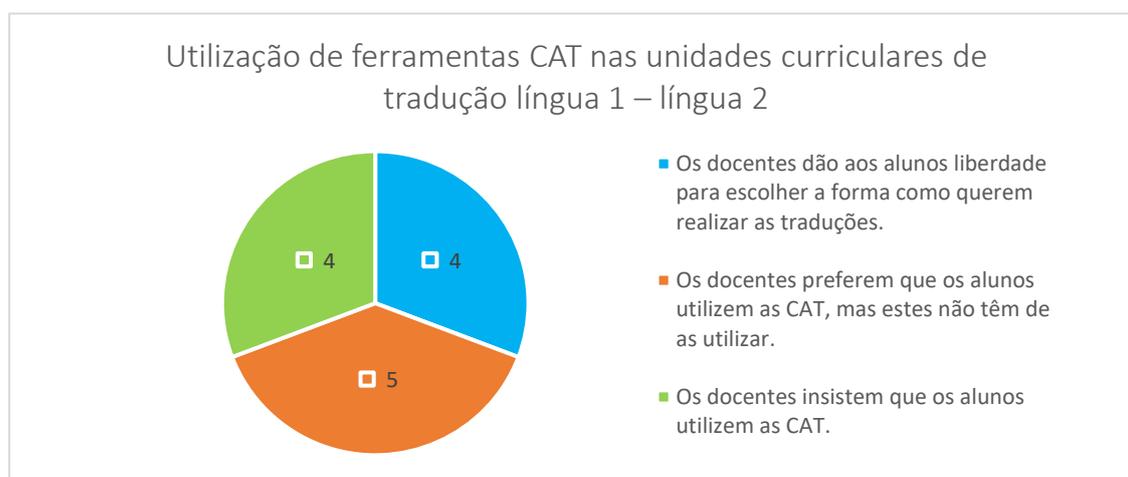


**Figura 37** – Ferramentas utilizadas durante o estágio curricular dos inquiridos

A partir da figura 37, pode verificar-se que todos os inquiridos que utilizaram ferramentas CAT durante o estágio utilizaram o memoQ, tornando-o na ferramenta mais popular entre este grupo. A seguir ao memoQ, as ferramentas mais utilizadas pelos alunos que realizaram estágio foram o SDL Trados Studio, a outra ferramenta que domina o mercado, e o Memsource que, apesar de ser uma ferramenta que nem toda a gente utiliza, parece ter tido um crescimento gradual no número de

utilizadores nas últimas décadas. Logo a seguir, a quarta ferramenta mais utilizada é o GlobalLink e, por fim, surgem o Across, o Smartling e o XTM como as ferramentas menos utilizadas. No meu caso e como explicado no capítulo I, a ferramenta que mais utilizei durante o estágio também foi o memoQ, não só porque a SMARTIDIOM realiza muitos projetos com esta ferramenta – em parte, por causa de uma das suas funcionalidades que permite o acesso *online* a projetos, evitando a sua importação manual –, mas também porque era a ferramenta com que eu mais tinha trabalhado até ao momento. A segunda ferramenta com que mais trabalhei foi o Memsource e a terceira foi o SDL Trados Studio, o que confirma esta tendência das ferramentas líderes de mercado.

Contudo, o universo de estudantes de Tradução não se resume apenas àqueles que realizaram um estágio curricular. Por isso, também é interessante ver a relação dos restantes atuais alunos com as ferramentas CAT em contexto académico, especialmente porque também as podem ter utilizado para realizar os trabalhos que são dados ao longo do Mestrado e durante a realização dos seus trabalhos de Projeto. Dos treze estudantes que responderam ao inquérito, todos eles afirmaram gostar de utilizar ferramentas CAT e dez dizem utilizar as ferramentas CAT para realizar trabalhos académicos, enquanto os restantes três não. Foi pedido aos inquiridos que assinalassem a opção com que se identificavam mais relativamente à vertente prática das unidades curriculares de tradução língua 1 – língua 2 e obteve-se o seguinte resultado:



**Figura 38** – Utilização de ferramentas CAT nas unidades curriculares de tradução língua 1 – língua 2

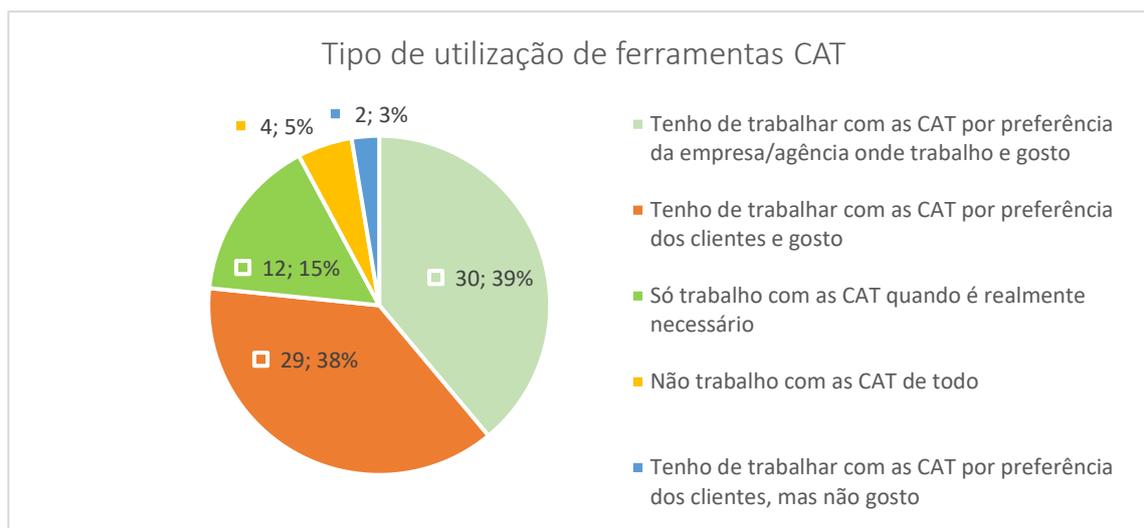
Neste aspeto, as respostas dos inquiridos também estão muito equilibradas: i) cinco alunos referem que os docentes preferem que os alunos utilizem ferramentas CAT, mas não têm obrigatoriamente de as utilizar; ii) quatro alunos dizem que os docentes dão liberdade aos alunos para escolherem se querem utilizar ferramentas CAT ou não; iii) quatro alunos mencionaram que os docentes insistem que as ferramentas CAT sejam utilizadas. Nenhuma destas opções é necessariamente positiva ou negativa, é bom que os docentes deem a escolher aos alunos a forma como preferem realizar os projetos. No entanto, essa liberdade pode resultar na existência de alunos que nunca vão sair da sua

zona de conforto no que toca à utilização das CAT até serem obrigados (quando iniciarem a vida profissional), como foi mencionado no segundo capítulo. Penso que a vontade de sair dessa zona de conforto deve partir dos próprios alunos, mas estes, por vezes, podem sentir-se pressionados com a quantidade de projetos que têm para fazer e, na sua ótica, aprender a utilizar as CAT faria com que cada projeto consumisse mais tempo. Uma possível solução poderia ser que os docentes implementassem estratégias para ajudar os alunos a sair da sua zona de conforto e começar a utilizar mais as ferramentas sem que se sintam demasiado pressionados, tais como, por exemplo, definir trabalhos em que se deve utilizar ferramentas CAT e outros em que não seja absolutamente necessário, cabendo a decisão da sua utilização ao aluno.

## 6. As ferramentas CAT e os tradutores

De forma a entender a utilização das ferramentas de tradução assistida por computador em contexto profissional, coloquei questões que apenas os tradutores em ativo podiam responder. Por isso, apenas quem respondeu ser tradutor (numa empresa/agência ou *freelancer*) no momento do preenchimento do questionário pôde responder a esta secção. As perguntas que foram colocadas nesta secção refletem a minha experiência como estagiária e, como queria entender se a experiência que tive é semelhante à dos outros tradutores, decidi formular as seguintes questões: i) “Considera que as ferramentas que utiliza são intuitivas para um utilizador que não tenha tido nenhum tipo de formação sobre elas?”; ii) “Quando trabalha com as TAC recorre a memórias de tradução e bases terminológicas com frequência? Porquê?”; iii) “Sente que as memórias de tradução influenciam, de certa forma, as suas escolhas de tradução?”; iv) “Prefere realizar projetos com recurso a memórias de tradução ou realizar a tradução sem nenhum tipo de apoio? Porquê?”. No entanto, como já foi referido, um aspeto que não tive em conta por falta de conhecimento foi o quão diferente é a realidade profissional dos tradutores que trabalham em empresas ou agências quando comparada com a dos tradutores *freelancer*. Consequentemente, nesta secção, recebi respostas pouco esclarecedoras por parte dos inquiridos que são tradutores *freelancer*, exceto no caso de um inquirido que conseguiu compreender que as perguntas foram colocadas de um ponto de vista de quem trabalha numa empresa/agência de tradução e mencionou que pareciam estar mais dirigidas para estes tradutores do que para *freelancers*.

No início da secção destinada aos tradutores, os inquiridos depararam-se com uma questão de escolha múltipla, cujo objetivo é apurar se os inquiridos utilizam ferramentas CAT por iniciativa própria e porque gostam realmente de as utilizar ou por imposição das empresas, agências ou clientes para os quais trabalham. Quando questionados “Com que afirmação se identifica mais?”, os inquiridos responderam da seguinte forma:



**Figura 39** – Tipo de utilização de ferramentas CAT

De acordo com a figura 39, a esmagadora maioria – 77% dos inquiridos – gosta de utilizar ferramentas CAT apesar de terem de as utilizar por preferência da empresa, agência ou clientes para os quais trabalham; 15% dos inquiridos apenas trabalham com ferramentas CAT quando é realmente necessário; 5% dos inquiridos não trabalha de todo com ferramentas CAT, o que implica que realizam as traduções no Microsoft Word ou nouro tipo de *software*; e apenas 3% dos inquiridos tem de utilizar ferramentas CAT por preferência dos clientes para os quais trabalham, mas não gostam de as utilizar. Apesar de mais de metade dos inquiridos gostar de trabalhar com ferramentas de tradução assistida por computador ou de não se importarem de o fazer quando é realmente necessário, é interessante ver que existem inquiridos que não gostam de utilizar ferramentas CAT.

Analisando as respostas individuais dos inquiridos que afirmaram não gostar de utilizar ferramentas CAT, concluiu-se que a causa deste desagrado pode residir na formação em CAT, escassa ou inexistente antes da sua utilização em contexto real. Vejamos algumas destas respostas.

O inquirido número 22 menciona ser tradutor *freelancer*, ter entre 41 e 50 anos, um mestrado na área, 25 anos de experiência e utilizar o memoQ, o SDL Trados Studio, o Memsources e o Across. Refere ainda que não recebeu formação em CAT enquanto frequentava o ensino superior, que utiliza ferramentas CAT há 15 anos e que considera que se deve dar formação em ferramentas CAT no ensino superior porque “são ferramentas amplamente utilizadas no mercado, potenciam muito a oferta de trabalho (na tradução técnica)”. Para além disso, também indica que as memórias de tradução lhe são fornecidas pelos clientes e que, portanto, é obrigado a segui-las. Apesar de este inquirido ser tradutor *freelancer* e poder ter liberdade para escolher o método que lhe resulta mais confortável para realizar os seus projetos, trabalha com clientes que o levam a ter de utilizar ferramentas CAT e, embora não goste de as utilizar, sente que tem de o fazer porque apenas assim consegue encontrar trabalho, uma vez que “potenciam muito a oferta de trabalho”. Provavelmente, este inquirido sente que se não utilizar

ferramentas CAT não consegue ter clientes e, por isso, é obrigado a utilizá-las, apesar de não ter realmente uma entidade empregadora que o obrigue a tal.

Já o outro inquirido – o inquirido número 49 – é mais claro quanto ao seu desagrado pelas CAT. Este inquirido também é tradutor *freelancer*, tem entre 20 e 30 anos, um mestrado em Tradução, dois anos de experiência e utiliza o memoQ, o SDL Trados Studio, o Memsource, o GlobalLink e o Smartling. A partir desta informação é possível compreender o porquê de tal desagrado: é *freelancer* e vê-se na obrigação de trabalhar com tantas ferramentas distintas com todos os custos que implicam. Esta pessoa provavelmente teve de adquirir todas estas licenças e de aprender a utilizar por si mesmo cinco ferramentas complexas, e este último fator pode ser desmotivante para o tradutor. Além do mais, e pese a ter recebido formação em três ferramentas CAT enquanto frequentava o ensino superior, utiliza-as há “dois anos com fraca regularidade”. Quando questionado acerca da importância da formação em CAT no ensino superior, o inquirido diz: “Falando por experiência própria, quando comecei o meu estágio senti que não estava preparada para trabalhar com CAT Tools. O que aprendemos nas aulas não se reflete na vida real”. Visto que esta tradutora respondeu que tem de trabalhar com ferramentas CAT por exigência dos clientes, mas não gosta de as utilizar, é possível que possa ter desenvolvido uma certa aversão às ferramentas CAT por sentir que não está apta a trabalhar com elas, o que se pode dever ao tipo de formação que recebeu, que, segundo ela, não corresponde à realidade profissional.

De facto, um dos primeiros aspetos em que reparei logo quando comecei o estágio é que a realidade académica não é semelhante à profissional. Diria que, no decorrer do curso, nos ensinam aquilo a que Kiraly (2000, p. 11) chama *translation competence*, pois somos ensinados a ter espírito crítico e criatividade durante o processo de tradução. Contudo, em empresas ou agências de tradução, um tradutor pode ser penalizado por se libertar da TM, uma vez que, na maior parte dos casos, é obrigado a segui-las para que se mantenha a consistência e homogeneidade entre os projetos do mesmo cliente. O inquirido número 22 apontou que “em textos mais livres, perde-se o gosto pela escrita e a fluidez do texto”, o que é, de facto, uma realidade. Tendo passado por duas realidades distintas – a das aulas e a do estágio –, senti-me muito mais segura na minha competência de tradução durante as aulas do que durante o estágio precisamente porque não era penalizada por me libertar do texto de partida ao conceber o texto de chegada. Durante o estágio não senti que estava realmente a fazer tradução, porque a grande maioria dos projetos que realizei já trazia memórias de tradução e bases terminológicas muito completas. Por isso, a sensação que tive não foi a de tradutora, mas a de revisora que apenas se certifica de que não há inconsistências e inadequações nas memórias de tradução. Como mencionou o inquirido número 22, quando o trabalho que se faz consiste simplesmente em abrir um projeto, verificar se já existe uma memória de tradução atribuída e, quando estas são muito completas, apenas rever o conteúdo introduzido pelas memórias em busca de aspetos que não são adequados ao

texto de partida, uma pessoa acaba por perder o gosto pela escrita e, acima de tudo, o gosto pela tradução.

O propósito das ferramentas CAT é, como sabemos, maximizar a produtividade e poupar tempo aos tradutores ao reutilizar segmentos que já foram traduzidos anteriormente. É claro que os clientes querem as suas traduções realizadas de uma forma consistente e rápida, mas assim o tradutor pode passar de tradutor a revisor em projetos cujas memórias de tradução sejam muito completas. No entanto, penso que as empresas podem não estar cientes desta disparidade entre o que se aprende no ensino superior e o que realmente se faz numa empresa de tradução. Os estagiários chegam às empresas com o conhecimento que adquiriram durante o ensino superior e, sendo que a realidade profissional dista muito da realidade académica, é normal que, alguns, não estejam habituados a seguir memórias de tradução, mas sim a traduzir de forma mais livre. Enquanto os docentes veem isso como uma mais-valia para os estudantes, as empresas veem-no como se o tradutor não estivesse a fazer o seu trabalho porque não está a manter a consistência entre textos e não está a fazer uso dos recursos que tem para realizar os projetos em menos tempo, acabando por os penalizar.

### **6.1. Influência das memórias de tradução e bases terminológicas**

Duas componentes essenciais das ferramentas de tradução assistida por computador são as memórias de tradução e as bases terminológicas, por isso, o tradutor tem de saber utilizar estes dois recursos para poder dominar as ferramentas CAT. As memórias de tradução podem ser o maior desafio para os novos tradutores e até mesmo para aqueles que já têm mais experiência, pois nem todas as TM são adequadas ao projeto que se está a realizar. Normalmente, um tradutor com mais experiência saberá distinguir memórias de tradução com qualidade de memórias de tradução não adequadas. Contudo, um tradutor menos confiante nas suas capacidades, um tradutor com pouco tempo para realizar o projeto ou um tradutor com menos experiência pode sentir-se pressionado ou influenciado pelas TM que, apesar de servirem de guia para o tradutor, nem sempre estão corretas.

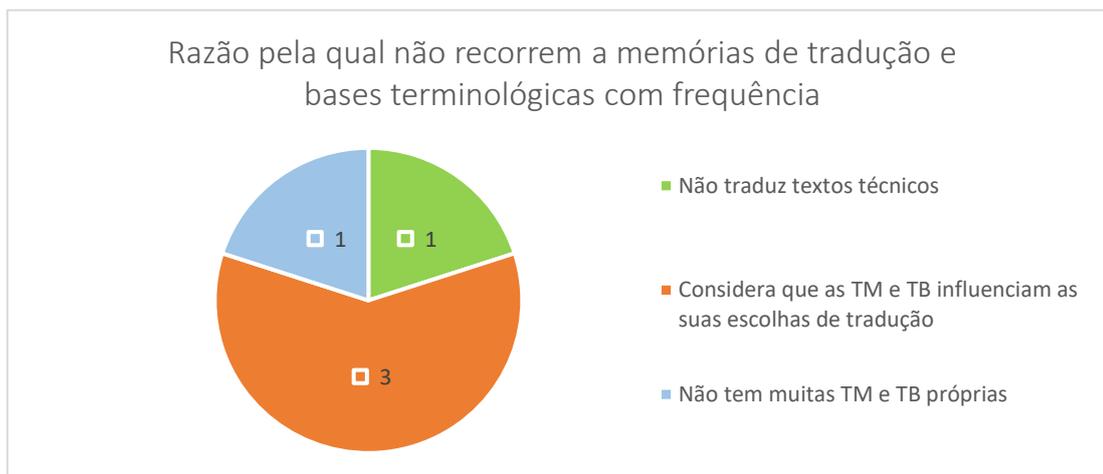
É maioritariamente neste aspeto que se verifica a maior diferença entre a realidade profissional dos tradutores *freelancer* e a daqueles que trabalham em empresas/agências de tradução: a importância das memórias de tradução. Para os tradutores que trabalham em empresas, as memórias de tradução que os clientes fornecem são essenciais, não só pela economia de tempo e pelas restantes vantagens que derivam do seu uso, mas especialmente pelo facto de os clientes exigirem, por norma, que os tradutores as sigam à risca, até mesmo quando há segmentos que estão traduzidos de forma menos adequada. Já no caso dos tradutores *freelancer*, na maior parte das vezes e, especialmente, no início das suas carreiras, são eles próprios que constroem as suas memórias de tradução, por isso têm

mais liberdade nas escolhas de tradução. Para estes profissionais, as memórias servem maioritariamente para economizar tempo e manter a consistência entre textos.

Para além disso, muitos destes tradutores *freelancer* mencionaram que a qualidade das traduções produzidas por empresas tem vindo a diminuir ao longo do tempo, principalmente por dois motivos: por causa da utilização de memórias de tradução em massa e pela exigência de maior produtividade por parte dos clientes, que exigem uma produção de texto maior em pouco tempo. Ou seja, os clientes enviam grandes volumes de trabalho e exigem que as respetivas traduções sejam produzidas em menos tempo, colocando mais pressão sobre a produtividade dos tradutores e arriscando que o produto final tenha menor qualidade, uma vez que os prazos são, muitas vezes, irrealistas. Para cumprir com os prazos e evitar um impacto negativo na qualidade da tradução, os tradutores que trabalham em empresas ou agências de tradução dependem muito mais das memórias de tradução do que os tradutores *freelancer*. No entanto, dependendo dos prazos, os tradutores nem sempre têm tempo para verificar a qualidade das memórias de tradução e arriscam-se a produzir traduções com menos qualidade. Os clientes que são grandes empresas costumam ser os maiores culpados nestas circunstâncias por causa da necessidade de terem as coisas feitas o mais rápido possível, mas não se podem esquecer que as traduções levam tempo e são produzidas, na sua grande maioria, por humanos.

A verdade é que, hoje em dia, ninguém utiliza ferramentas de tradução assistida por computador sem recorrer a memórias de tradução ou bases terminológicas, pois é mesmo esse o propósito das CAT. Dos 77 inquiridos que disseram trabalhar atualmente como tradutores, apenas 73 responderam à questão “Quando trabalha com as CAT recorre a memórias de tradução e bases terminológicas com frequência?”. Através das respostas dos inquiridos, verificou-se que a maior parte dos inquiridos (68 deles) recorre a memórias de tradução e bases terminológicas com frequência, à exceção de cinco pessoas que não o fazem. Para entender o porquê de estes inquiridos não recorrerem a TM ou TB, analisei as suas respostas individualmente e um fator que todos estes inquiridos têm em comum é o facto de serem tradutores *freelancer*, o que por si só já é um grande indicador. Uma vez que tradutores *freelancer* não trabalham como as empresas de tradução, nem sempre lhes são fornecidas TM e TB para realizar os projetos que lhes são encomendados. Por vezes os clientes podem fornecer-lhes uma TM, mas, no geral, não é o que acontece.

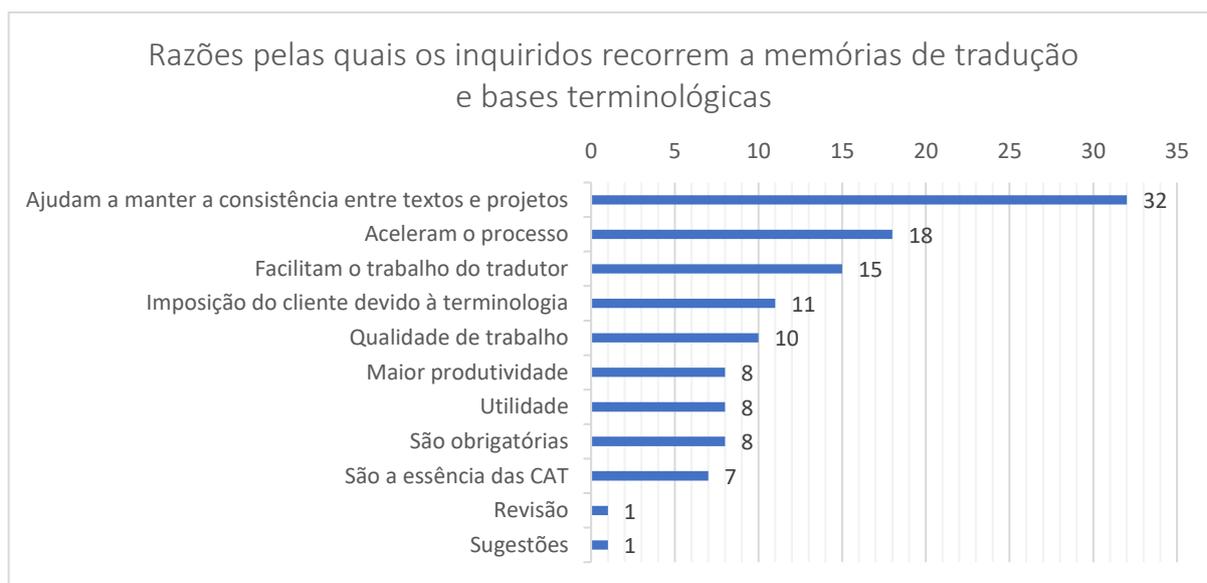
De acordo com a figura 40, existem três razões que levam estes tradutores a não recorrer a memórias de tradução e bases terminológicas durante o processo de tradução: i) não traduzir textos técnicos; ii) não ter memórias de tradução e bases terminológicas próprias; iii) a influência das memórias de tradução e bases terminológicas sobre as suas escolhas de tradução.



**Figura 40** – Razão pela qual não recorrem a memórias de tradução e bases terminológicas com frequência

No caso do inquirido que não traduz textos técnicos, faz sentido que não se recorra a TM e TB porque, por exemplo, a tradução literária não beneficia muito da utilização de ferramentas CAT, como já foi referido. Também é razoável que um tradutor que trabalhe por conta própria não tenha acesso a memórias de tradução da mesma forma que as empresas e agências de tradução têm, portanto, tem de construir as suas próprias TM e TB. Para além disso, este inquirido é recém-formado, por isso, é mais compreensível que ainda não tenha muitas TM e TB. Já no caso dos outros três inquiridos que dizem não utilizar TM e TB, deve-se ao facto de considerarem que a existência de uma TM ou de uma TB influenciaria as suas escolhas de tradução. Visto que o objetivo de se utilizar CAT é mesmo o de poder aceder a memórias de tradução para agilizar o trabalho, suponho que estes inquiridos realizem maioritariamente traduções não técnicas e que apenas utilizem CAT em último recurso, para traduzir textos técnicos com pouca frequência ou para organizar os textos por segmentos.

Relativamente aos 68 inquiridos que recorrem a TM e TB para realizar os projetos, considerei que seria interessante saber o porquê de utilizarem estes apoios que as ferramentas de tradução assistida por computador oferecem. Para tal, estudei as respostas de cada um dos inquiridos e elaborei um gráfico (figura 41) baseado na frequência com que os inquiridos utilizaram certas palavras-chave.



**Figura 41** – Razões pelas quais os inquiridos recorrem a memórias de tradução e bases terminológicas

De acordo com o gráfico, a palavra mais utilizada pelos inquiridos foi, sem dúvida, “consistência”. A maior parte dos inquiridos enumerou muitas razões pelas quais recorrem a TM e TB, mas quase todas as respostas referiam a necessidade de manter a consistência entre projetos, especialmente porque os clientes gostam que se utilize uma certa terminologia que seja comum a todos os seus projetos: i) “É essencial para acelerar a produtividade, garantir a consistência, para procurar terminologia estabelecida ou opções de tradução já tomadas por outros colegas e também para construir uma base de conhecimento para a posteridade”; ii) “São muito úteis para o trabalho de tradução e permitem realizar um trabalho consistente, harmonizado e otimizado, potencialmente orientado para as necessidades e preferências específicas de cada cliente”; iii) “São recursos que devem ser aproveitados quando estão disponíveis, especialmente de forma a manter a consistência e o registo utilizado com outras traduções feitas para o mesmo cliente”; iv) “Facilitam o trabalho e permitem trabalhar com consistência, que é um dos requisitos mais comuns entre os clientes”; v) “Porque são úteis, aceleram o processo de tradução e ajudam a manter a consistência terminológica e de estilo”; vi) “Consistência na tradução, facilita o trabalho e é necessário cumprir a terminologia do cliente”; vii) “Maioritariamente para manter consistência e saber a terminologia específica do cliente”; viii) “Para manter a consistência e corresponder às expectativas terminológicas dos clientes”.

Tendo em conta as respostas dadas no parágrafo anterior, também é de esperar que as palavras-chave mais utilizadas a seguir a “consistência” sejam “acelerar” e “facilitar”, uma vez que, de facto, a existência de TM e TB acelera e facilita o trabalho dos tradutores ao apresentar certas sugestões de tradução, poupando tempo na pesquisa de termos que não sejam tão simples ou óbvios de traduzir. Logo a seguir, as palavras-chave mais utilizadas foram “obrigatoriedade”, “qualidade”, “utilidade”, “essência” e “produtividade”. Muitos dos inquiridos que mencionaram a palavra “essência” apenas o

fizeram porque já não se conseguem imaginar a trabalhar sem TM ou sem TB e não veem utilidade nas ferramentas CAT se não trabalhassem com TM e TB. Para eles, trabalhar sem estes apoios significa perder produtividade, uma vez que demorariam muito mais tempo a completar um projeto numa área do mercado que é competitiva. Para além disso, também houve inquiridos que referiram as palavras “revisão” e “sugestões”. Penso que no caso da palavra “revisão”, o inquirido devia querer referir-se à funcionalidade de controlo de qualidade, que é uma ajuda preciosa na etapa de revisão. Quanto ao termo “sugestões”, suponho que o inquirido se referisse à utilidade de trabalhar com TM e TB nos casos em que o tradutor não se consegue lembrar da tradução de certa palavra ou para quando não se sabe qual a palavra mais indicada a utilizar num certo contexto, abrangendo também a questão da terminologia nos casos em que o tradutor está a trabalhar para um cliente frequente e precisa de manter a mesma terminologia em todos os projetos. Nesses casos, ter a ajuda de uma TM ou TB é essencial. A verdade é que todas estas palavras-chave resumem muito bem a utilidade das ferramentas CAT no mercado de trabalho na atualidade e conseguem relacionar-se todas muito facilmente.

Para além disso, ainda se questionou os inquiridos relativamente à influência que as memórias de tradução têm nas suas escolhas de tradução, também para tentar entender os seus pontos de vista sobre as funcionalidades das ferramentas CAT. Mais uma vez, as respostas a esta questão demonstram uma grande divergência entre a realidade dos tradutores *freelancer* e dos tradutores que trabalham para uma empresa ou agência de tradução, e que eu nunca tinha considerado: enquanto os tradutores que trabalham numa empresa ou agência trabalham com memórias de tradução e bases terminológicas que são fornecidas pelos clientes (como na minha experiência de estágio), os tradutores *freelancer* não têm por costume trabalhar com memórias de tradução ou bases terminológicas que tenham sido fornecidas pelos clientes. Pelo menos de acordo com as respostas que obtive no questionário, são poucos os tradutores *freelancer* que recebem TM ou TB da parte dos clientes, já que utilizam TM e TB que vão construindo ao longo do tempo conforme os projetos e os clientes.

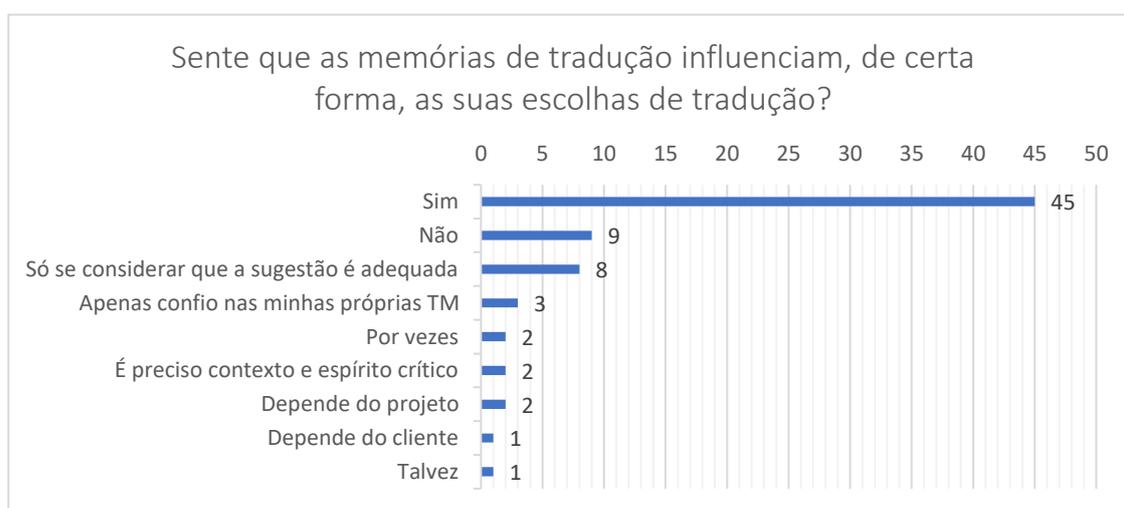
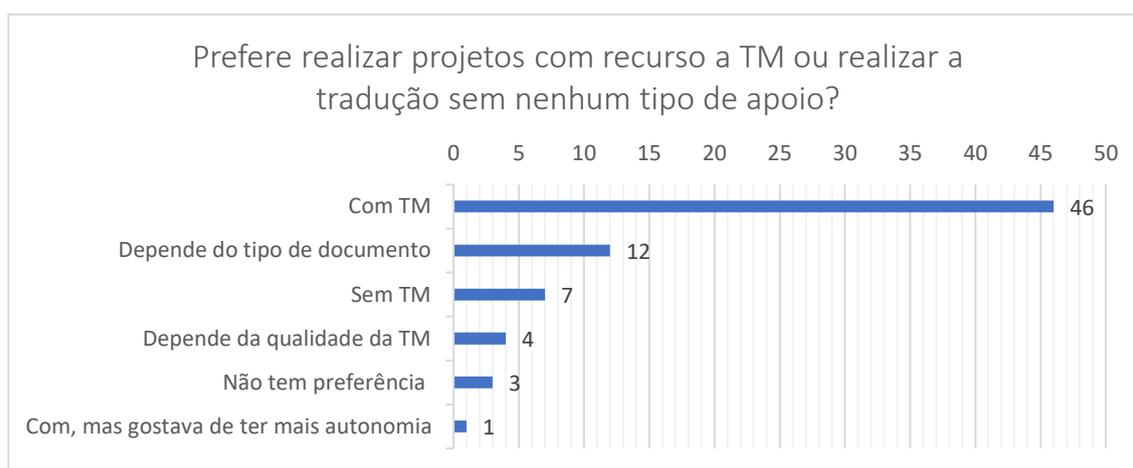


Figura 42 – Sente que as memórias de tradução influenciam, de certa forma, as suas escolhas de tradução?

Esta é uma das razões pela qual, na figura 42, há um número tão elevado de inquiridos que responderam que sim, as memórias de tradução influenciam as escolhas deles, porque foi por isso mesmo que eles as criaram. Nove dos inquiridos consideram que as sugestões que as TM apresentam não influenciam as suas escolhas de tradução, provavelmente porque já têm muita experiência e já conseguem distinguir uma TM de boa qualidade de uma TM de qualidade questionável. Além do mais, oito inquiridos mencionaram que as TM apenas influenciam as suas escolhas quando consideram que as sugestões da TM são adequadas ao documento que estão a traduzir. Um inquirido fez ainda questão de mencionar que, para não deixar as TM ter influência nas suas escolhas de tradução é preciso ter contexto e espírito crítico. Por fim, houve um total de seis inquiridos que deram respostas mais abertas, tal como “por vezes”, “depende do projeto”, “depende do cliente” e “talvez”.

Como tal, considerei pertinente perguntar aos inquiridos se preferem realizar projetos de tradução com ou sem recurso a memórias de tradução e após uma análise individual das respostas dos inquiridos, foi possível elaborar o seguinte gráfico:



**Figura 43** – Prefere realizar projetos com recurso a TM ou realizar a tradução sem nenhum tipo de apoio?

De acordo com a figura 43, a grande maioria dos inquiridos prefere realizar projetos com recurso a memórias de tradução. Esta preferência deve-se maioritariamente às razões que os inquiridos já tinham apontado numa questão anterior sobre o motivo de utilizarem TM e TB, tendo obtido respostas com os conceitos “consistência”, “facilitar” e “rapidez”: i) “Prefiro realizar projetos com recurso a memórias de tradução, porém prefiro organizá-las segundo clientes, para que tenha sempre o mesmo estilo de escrita. Desta forma respeito as necessidades do cliente, torno o trabalho mais fácil para mim, e entrego uma tradução uniforme e coesa”; ii) “Sempre com TM. Evita saltar frases. Oferece frases já anteriormente traduzidas, evitando a tradução duplicada de frases iguais. Proporciona consistência. Possibilidade de pré-tradução com base em TM. Permite ganhar tempo”; iii) “As memórias de tradução são uma ferramenta que considero essencial, mesmo para manter o estilo de produção do

cliente”; iv) “Dependendo dos casos, posso trabalhar mais rapidamente com as memórias de tradução”; v) “Com recurso às memórias, para reduzir a necessidade de pesquisa”.

Contudo, também há inquiridos que consideram que se tem de ter em conta o tipo de documento que está a ser traduzido. Como já foi mencionado, as ferramentas CAT funcionam especialmente bem na tradução de texto técnico devido à facilidade de traduzir terminologia recorrente em certos tipos de documentos, mas podem não ser tão úteis ou eficazes na tradução de textos não técnicos pois tendem a ser textos mais livres, como referem os seguintes inquiridos: i) “Depende do projeto. Em contextos de marketing, as CAT tools poupam muito tempo. Em contextos literários ou em contextos com uma escrita mais elaborada, as CAT tools podem ser muito imprecisas em termos de significado e sintaxe”; ii) “Se for uma tradução muito técnica, a memória é uma ajuda inestimável. Na tradução literária ou textos mais “criativos”, não uso, não tem utilidade e só atrapalha o fluir do texto”; iii) “Depende do tipo de texto a traduzir. Para alguns é uma enorme mais-valia (tradução jurídica, financeira, etc.), mas para outros de pouco serve (tradução literária, por exemplo)”; iv) “Em traduções mais técnicas e de texto corrido, as memórias de tradução são um recurso precioso. Contudo, em traduções mais livres (nomeadamente a localização de determinados produtos audiovisuais, por exemplo), as memórias de tradução não são grande ajuda”.

Para além disso, parte dos inquiridos que dizem preferir não utilizar memórias de tradução não justificou o porquê de não as utilizar, à exceção de um inquirido que mencionou que realiza todas as suas traduções no Microsoft Word, o que torna impossível a utilização de memórias de tradução, e de dois outros inquiridos que dizem preferir não utilizar memórias de tradução porque ficam limitados quanto às escolhas de tradução: i) “[prefiro] realizar a tradução sem nenhum tipo de apoio porque posso ser livre na minha escolha”; ii) “Sem apoio. Por vezes as memórias de tradução não têm traduções consistentes”.

Quanto aos quatro inquiridos que mencionam a qualidade das memórias de tradução como um fator essencial à sua utilização, há três que dizem preferir realizar os projetos com recurso à TM, mas que tem de se ter atenção à qualidade e adequabilidade das sugestões apresentadas: i) “prefiro realizar projetos com recurso à TM, porque no geral agiliza e facilita a tradução. No entanto, vale a pena referir que, por vezes, as memórias são muito inconsistentes ou têm pouca qualidade e, nesse caso, podem atrasar o trabalho e é necessário ter muita mais atenção”; ii) “recorro sempre à MT porque foram concebidas para serem usadas, depois dependerá da qualidade, da origem e das instruções de uso, caso a MT pertença ao cliente”; iii) “com memórias de tradução, mas têm de ter determinados requisitos”. Para além destes três inquiridos, outro também respondeu que depende da qualidade da TM, alertando para o facto de às vezes a TM acabar por dificultar o trabalho, mas não menciona se prefere trabalhar com ou sem recurso às memórias de tradução: “depende da qualidade e origem da memória de tradução. Por vezes, estes recursos acabam por dificultar mais o trabalho, em vez de o facilitar”.

Por fim, um inquirido menciona que prefere trabalhar com recurso a TM, mas que gostava de poder ter mais autonomia. Suponho que este inquirido goste de utilizar memórias de tradução pelas vantagens que já foram apontadas (agilização da tarefa, maior produtividade, etc.), mas que gostava de poder ter mais liberdade nas escolhas de tradução, ou seja, que os clientes fossem mais flexíveis. Nesta questão, entra o papel e a influência do cliente no produto final, que, na maior parte dos casos, não é muito aberto a que as memórias de tradução não sejam seguidas porque, se este fornece uma TM e/ou uma TB, é porque quer que a terminologia seja utilizada. Compreendo o lado do cliente porque é ele quem deve ter o poder de decidir o tipo de terminologia que quer utilizar no seu produto, mas o cliente nem sempre entende o processo de tradução nem as línguas para as quais os seus textos estão a ser traduzidos, o que pode levar à existência de erros nas TM e nas TB. Penso que nestas situações a solução passa por expor o caso aos clientes e estes confiarem na palavra do tradutor ou procurar informarem-se sobre a questão para entenderem o lado do tradutor.

## 6.2. Vantagens e desvantagens da utilização de ferramentas CAT

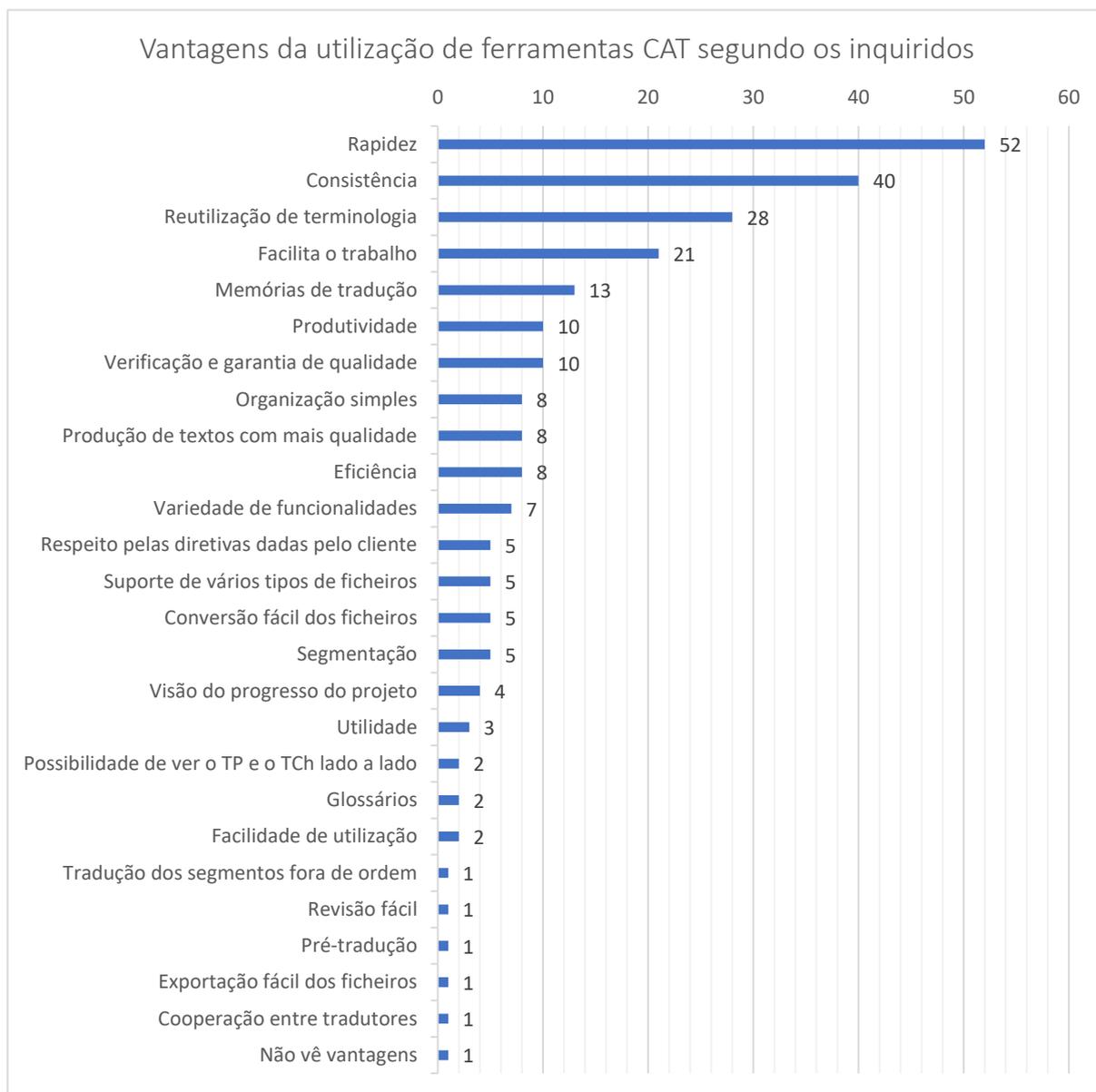
Um dos motivos que me levou a realizar este estudo e a querer descobrir quais são, para os tradutores, as vantagens e desvantagens que encontram na utilização de ferramentas CAT foi a dificuldade que senti ao ter de me adaptar a ferramentas CAT que nunca tinha utilizado – mais especificamente, no que concerne à utilização de memórias de tradução e bases terminológicas. No início do estágio, pensei que a minha maior dificuldade seria a tradução de textos de *software*, porque era a área em que eu tinha menos experiência e que me suscitava mais dúvidas durante o processo de tradução, devido à quantidade de *tags*<sup>16</sup> e *placeholders* nos segmentos. No entanto, com o passar do tempo, comecei a realizar mais projetos e a habituar-me a, simplesmente, ter de me certificar de que as *tags* e os *placeholders* estavam bem colocados. Para além disso, reparei que o que me estava a induzir em erro em grande parte dos projetos eram as sugestões que as memórias de tradução e as bases terminológicas apresentavam. Pode dizer-se que a falta de proficiência em ferramentas CAT se tornou no meu maior desafio e, também, que me deixou em desvantagem porque não sabia quando podia ou não confiar nos resultados que a TM e a TB me apresentavam visto que nem sempre conseguia entender o porquê de a ferramenta me estar a apresentar certas sugestões. Por esta razão, considerei importante entender o ponto de vista de outros tradutores – tanto aqueles que têm muita experiência como aqueles que ainda não a têm – para saber se o domínio das ferramentas CAT era um desafio pessoal ou se algo comum a outros tradutores, e recolher o maior número possível de opiniões para poder ter novos aspetos em consideração e tentar encontrar uma forma de superar este desafio. O

---

<sup>16</sup> As *tags* são etiquetas que aparecem nos segmentos e que definem a forma como certa informação deve ser processada pela ferramenta. Normalmente, são utilizadas para marcar partes do texto que têm uma formatação diferente.

gráfico representado na figura 44, na próxima página, apresenta todas as vantagens que, segundo todos os 90 inquiridos, as ferramentas CAT têm.

Deste gráfico, resulta bastante evidente que os aspetos que os inquiridos consideram ser as maiores vantagens da utilização de ferramentas CAT são a rapidez na realização dos projetos e a capacidade de manter a consistência de projeto para projeto. Para além disso, também a reutilização de terminologia parece ser um aspeto importante para os inquiridos, uma vez que lhes permite realizar os projetos de forma adequada mais rapidamente, facilitando o seu trabalho.



**Figura 44** – Vantagens da utilização de ferramentas CAT segundo os inquiridos

Além destas vantagens predominantes, também há inquiridos que referem aspetos sobre as ferramentas CAT que são relevantes, mas que, aparentemente, não são dos mais importantes para todos os tradutores, tal como a verificação e garantia de qualidade, o suporte de vários tipos de

ficheiros, a visão de progresso do projeto, a possibilidade de ver o texto de partida e o texto de chegada lado a lado e a possibilidade de haver mais do que um tradutor a trabalhar no mesmo projeto.

A verificação e garantia de qualidade do texto produzido é, com efeito, uma funcionalidade muito importante das ferramentas CAT, porque há sempre elementos em que os tradutores podem não reparar, especialmente se tiverem de fazer uma tradução num curto espaço de tempo. Apesar de o memoQ não reconhecer, por vezes, erros ortográficos devido a alguma instabilidade da própria ferramenta, o corretor ortográfico e o QA costumam funcionar muito bem. Para além disso, apesar de o QA não acusar incoerências de contexto ou registo, não acusa apenas erros ortográficos, também assinala quando há elementos em falta ou a mais no texto de chegada, elementos esses que podem ser números, *tags*, letras ou qualquer outro símbolo que difira do que está no segmento do texto de partida.

Também é bastante prático que, pelo menos as ferramentas líderes, consigam abrir vários tipos de ficheiros. Para citar um exemplo, de acordo com a página *web* do memoQ<sup>17</sup>, o programa permite abrir 29 tipos de documento diferentes, bem como trabalhar diretamente neles. Esta funcionalidade evita que os tradutores tenham de converter os documentos que lhes chegam de certo tipo de documento para outro que seja compatível com a ferramenta que estão a utilizar e arriscar a que o texto não fique corretamente formatado.

Um outro aspeto muito útil presente na maior parte das ferramentas CAT é a existência de uma barra de progressão, que indica, em percentagem, ao tradutor a parte do projeto que já está concluída e quanto falta ainda para a conclusão. Esta barra de progressão é extremamente útil em projetos de elevado volume quando há mais do que um tradutor a trabalhar num só projeto, pois indica o progresso que os tradutores vão fazendo.

Por fim, outra funcionalidade muito útil presente nalgumas ferramentas CAT é a vista comparada entre o texto de partida e o texto de chegada, que permite ao tradutor ver a estrutura e a mancha gráfica do texto em vez de ver apenas os segmentos. A segmentação do texto é uma grande ajuda na medida em que se torna fácil dividir o texto e trabalhá-lo frase por frase, mas, como mencionaram alguns inquiridos quando assinalaram algumas desvantagens, atrapalha o fluir do texto e faz com que se perca uma visão do conjunto. Por isso, é importante que se possa ver o texto de partida não segmentado, para entender se há algum segmento que tem de ser modificado ou adaptado para que a tradução do texto de chegada resulte mais natural para o público-alvo.

No entanto, na minha opinião, apesar das vantagens serem muitas e significativas, a utilização de ferramentas CAT também comporta alguns aspetos menos positivos. Nesse sentido, decidi perguntar

---

<sup>17</sup> Cf. <https://docs.memoq.com/current/en/Things/things-supported-source-document-form.html>

aos inquiridos se consideravam que a utilização de ferramentas CAT tem desvantagens e quais. As respostas dadas pelos inquiridos estão ilustradas nos gráficos a seguir apresentados (figura 45 e 46).

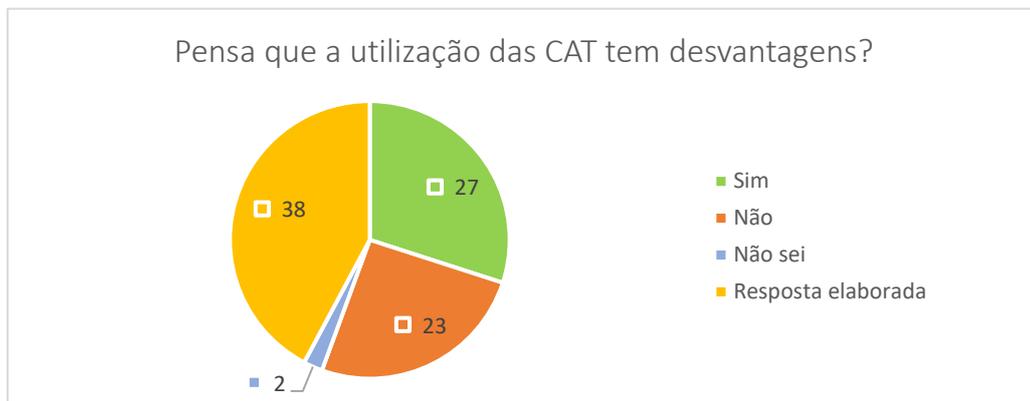


Figura 45 – Pensa que a utilização das CAT tem desvantagens?

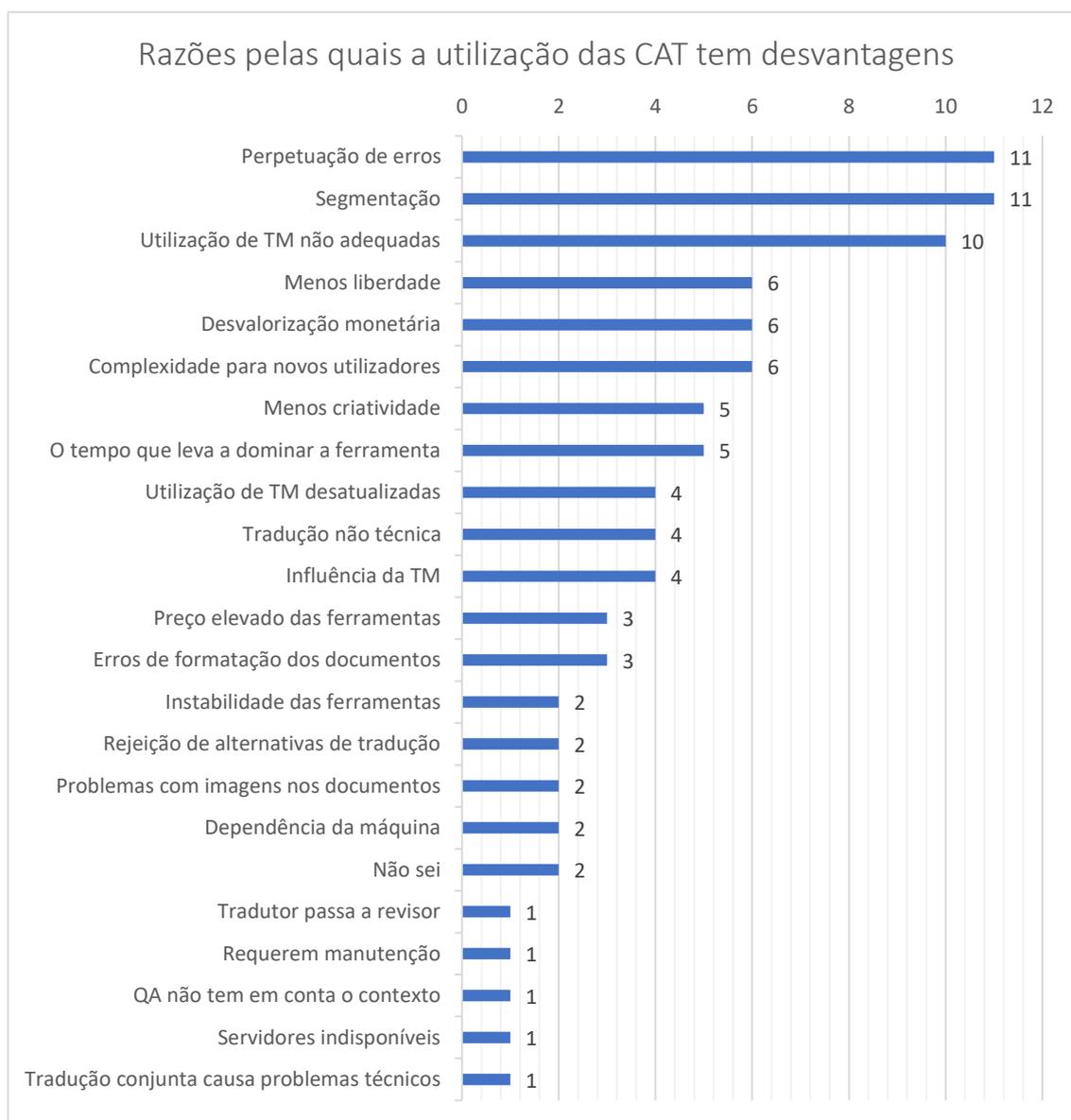


Figura 46 – Razões pelas quais a utilização das CAT tem desvantagens

De acordo com a figura 45, 27 inquiridos consideram que a utilização de ferramentas de tradução assistida por computador durante o processo de tradução tem desvantagens, 23 inquiridos pensam que não há desvantagens em utilizar ferramentas CAT para realizar traduções, dois inquiridos não têm opinião sobre as desvantagens da utilização de CAT e a maioria dos inquiridos (38) preferiu dar uma resposta elaborada a dizer que sim ou que não, o que demonstra que nem sempre é fácil de avaliar se algo é mais vantajoso ou desvantajoso.

As respostas elaboradas dadas pelos inquiridos encontram-se representadas na figura 46, a partir da qual se pode verificar que as maiores desvantagens para os inquiridos são a possível perpetuação de erros existentes nas TM, a segmentação do texto e a utilização de TM não adequadas. Pode dizer-se que, efetivamente, é possível que a utilização de TM não adequadas leve à perpetuação de erros existentes em TM, que não são corrigidos por causa de alguns clientes não permitirem alterações de TM. Quanto à segmentação do texto, os inquiridos referem: i) “Sim, perde-se uma noção panorâmica do sentido do documento, e frequentemente a mancha gráfica ou a utilização dos conectores seria mais «natural» ao trabalhar diretamente no documento (mas nada que não se resolva ao reler o documento depois do trabalho)”; ii) “Sim. Por exemplo, a divisão do texto original em segmentos influencia a tradução em termos de estrutura, isto é, duas frases que poderiam ficar juntas e formar apenas uma, tendencialmente ficam separadas”.

Outras desvantagens não tão apontadas pelos inquiridos, mas que considero igualmente importantes, são a desvalorização monetária do trabalho do tradutor, a complexidade das ferramentas para utilizadores sem experiência, a sua inadequação à tradução não técnica, o preço elevado das ferramentas, a instabilidade no funcionamento das ferramentas e o facto de requererem manutenção.

No que diz respeito à desvalorização monetária do trabalho do tradutor, segundo os inquiridos, para justificar cortes na remuneração dos tradutores, os clientes recorrem ao argumento de que as ferramentas CAT tornam o trabalho muito mais fácil e que, recorrendo a TB e TM, palavras que se repetem não são traduzidas mais do que uma vez, como se pode constatar pelas seguintes respostas dos inquiridos: i) “As desvantagens são sobretudo financeiras, já que os clientes utilizam as contagens (repetições e “fuzzy matches”) para proceder a uma média ponderada e, assim, pagar menos ao tradutor;” ii) “No mercado atual, a utilização de CAT serve como desculpa para desvalorizar monetariamente o trabalho feito pelo tradutor (dito por agências de tradução)”.

Quanto aos preços praticados pelas empresas proprietárias das ferramentas CAT, é possível que estes sejam um fator decisivo para a resposta obtida, uma vez que dez dos inquiridos fizeram questão de referir este aspeto ao longo do questionário. De facto, os inquiridos consideram que os preços praticados pelas empresas de CAT são uma desvantagem, especialmente para tradutores *freelancer* e jovens tradutores em início de carreira, mesmo com descontos de estudante. Tomemos como exemplo as três ferramentas mais utilizadas pelos tradutores: o memoQ, o SDL Trados Studio e o Memsources. De

acordo com a página *web* do memoQ<sup>18</sup>, uma licença para um tradutor individual tem o valor de 620 €. Esta quantia é um pouco difícil de comportar para alguém que tenha acabado de sair do ensino superior e se queira lançar no mundo da tradução como *freelancer*. Já no caso do SDL Trados Studio<sup>19</sup>, os preços variam entre 870 € e 2492 €, conforme o tipo de produto que se quer adquirir: o Trados para tradutores *freelancer* ou o Trados para equipas de Tradução. Existe ainda uma versão ideal para equipas globais, cujo preço não está publicitado na página *web*. Se o memoQ já implica custos difíceis de comportar para os tradutores recém graduados, o Trados torna-se, na minha opinião, a ferramenta mais cara e difícil de adquirir por parte deste grupo de tradutores. Por fim, o Memsource parece ser a ferramenta que oferece opções mais económicas aos tradutores *freelancer*, o que se pode dever ao facto de ser uma ferramenta *online*, isto é, que não requer instalação e à qual se pode aceder desde qualquer computador, desde que se tenha o *link* e as credenciais de acesso. Deste modo, o tradutor não precisa de comprar várias licenças para cada computador em que trabalha (ao contrário do memoQ e do Trados) e pode simplesmente aceder ao seu trabalho em qualquer computador, sendo extremamente útil em casos de emergências informáticas. Segundo a página *web* do Memsource<sup>20</sup>, oferecem planos cujos preços variam entre 20 € por mês (para tradutores *freelancer* e equipas pequenas) e 250 € por mês (para empresas). Para um tradutor *freelancer* que esteja a iniciar a sua carreira, pagar 20 € por mês é muito mais comportável do que pagar 620 € ou 1042 € no total, apesar de não ter acesso a tantas funcionalidades como no memoQ ou no SDL Trados Studio.

No que concerne à instabilidade no funcionamento das ferramentas e a manutenção que requerem, é de todos sabido que qualquer *software* pode ter falhas e as ferramentas CAT não são exceção, especialmente se forem ferramentas online (como o Memsource) ou com funcionalidades *online* (como o memoQ). A vertente *online* das ferramentas que têm de ser instaladas num computador permite aos tradutores aceder aos projetos dentro das próprias ferramentas – a partir do servidor dos clientes, no caso de empresas – o que torna a tarefa mais fácil e rápida. No entanto, basta ter problemas de conexão à internet ou os servidores do memoQ estarem em manutenção para que o processo de tradução se veja afetado. Os problemas podem estar também no *software* em si, o que é especialmente comum depois de atualizações do programa, já que podem conter falhas, muito conhecidas como *bugs*. De igual modo, as ferramentas *online* podem ser mais facilmente alvo de ataques informáticos, por ser um domínio que existe diretamente na Internet, o que pode levar a uma fuga acidental de informação confidencial.

---

<sup>18</sup> Cf. <https://www.memoq.com/pricing/individual-use>

<sup>19</sup> Cf. <https://www.trados.com/store/>

<sup>20</sup> Cf. <https://www.memsource.com/pricing/>

Podemos, portanto, dividir as desvantagens da utilização das ferramentas de tradução assistida por computador em dois grupos diferenciados: aquelas que dependem do tradutor e aquelas que não dependem do tradutor, mas da ferramenta em si.

Por fim, os inquiridos também tiveram oportunidade de falar sobre os desafios que as ferramentas CAT lhes apresentam/apresentavam. Nas respostas a esta questão, muitos dos inquiridos apontaram as desvantagens mencionadas nos parágrafos anteriores e ainda explicaram em detalhe alguns dos desafios pelos quais passaram ou ainda passam sempre que utilizam estas ferramentas. Assim, os aspetos mais mencionados pelos inquiridos foram a necessidade de formação constante para dominar as CAT, o período de adaptação dos novos utilizadores às ferramentas, a dependência nas memórias de tradução e o facto de as capacidades de tradução dos tradutores não se refletirem na proficiência em ferramentas CAT.

A necessidade de formação constante que os inquiridos sentem advém da utilização de um número cada vez maior de ferramentas CAT e das atualizações que as ferramentas vão sofrendo ao longo dos anos. Em qualquer uma destas situações, o tradutor tem de aprender a trabalhar com funcionalidades novas, mesmo que já domine pelo menos uma ferramenta. Devido a situações como estas, houve inquiridos que mencionaram o seguinte, relativamente aos desafios que as ferramentas lhes impõem: i) “Sinto necessidade de fazer mais formação para aproveitar todas as potencialidades e solucionar eventuais problemas”; ii) “Aprender a usar novas funcionalidades das ferramentas”; iii) “O facto de existirem diferenças substanciais entre elas, obrigando a um processo de aprendizagem caso a entidade empregadora exija que seja utilizada uma com a qual não existe familiaridade”.

O tempo que os novos utilizadores levam a adaptarem-se às ferramentas CAT também parece ser um desafio para os inquiridos, uma vez que ainda um número considerável de inquiridos sente que não domina por completo as ferramentas CAT, especialmente no caso dos tradutores mais jovens. Como tal, obtive respostas como: “Diria os momentos iniciais em que se começa a trabalhar com uma ferramenta e também o facto de configurar as ferramentas para responderem às minhas necessidades de tradução da melhor forma” e “Não são muito intuitivas. O período de adaptação é longo”. Estas afirmações vêm confirmar, novamente, a necessidade urgente de que se continue a apostar na formação em ferramentas CAT, de um modo mais eficiente e adaptado à realidade profissional.

O terceiro desafio ou dificuldade apontado por os inquiridos é a dependência nas memórias de tradução. A este respeito, já tivemos oportunidade de ver que alguns tradutores consideram que as memórias de tradução têm demasiado peso nas suas escolhas de tradução, e podem, em última instância, levar o tradutor a cometer erros sem querer ou sem sequer se aperceber. Lembremos os resultados do estudo de Bowker (2005), que demonstrava que pode haver mais tendência em confiar cegamente nas memórias de tradução se o tradutor tiver de realizar o projeto de tradução num período de tempo mais curto ou se vir que os segmentos correspondem a 100%, podendo, mesmo assim, conter

inadequações. É possível que estas situações sucedam se o tradutor está cansado, não está atento ou se o tradutor não tem experiência suficiente ou familiaridade com o tipo de texto que está a traduzir, como, de facto, apontam as seguintes respostas: i) “O ‘peso’ das MTs, que podem fazer com que a ferramenta fique lenta. Não ter a certeza se a tradução é adequada e ficar na dúvida do que fazer nesses casos. Não apanhar erros por excesso de confiança nas mesmas”; ii) “Não cair na rotina de aceitar segmentos que venham das memórias de tradução a 100% sem os verificar pelo menos por alto, sobretudo quando os prazos são apertados”; iii) “Definir de forma clara a fronteira entre escolha do tradutor e ‘imposição’ das MT”.

Por último, e entrando agora no último desafio referido pelos inquiridos, já se constatou também em páginas anteriores que a tradução enquanto atividade económica deixou de depender apenas das competências de tradução do tradutor, com o avanço da tecnologia. Atualmente, já não se traduz sem ferramentas CAT, o que implica a existência de todo um novo conjunto de aptidões informáticas que os tradutores têm de possuir para conseguirem fazer o seu trabalho da forma mais correta. Embora as gerações mais jovens tenham acompanhado o desenvolvimento da tecnologia de perto, há tradutores que não o fizeram da mesma maneira e, por isso, as suas competências informáticas podem ser outras. Como se trata de *software*, é comum que, por vezes, estas ferramentas tenham *bugs*, como já foi referido. Contudo, os utilizadores têm de ter conhecimentos informáticos que lhes permitam resolver estes problemas de forma rápida e eficaz, porém os tradutores não deveriam ser obrigados a ter esses conhecimentos para poder traduzir um documento. Por esta razão, as ferramentas CAT podem introduzir passos intermédios que são complexos aos olhos destes tradutores que sentem que não têm a obrigação de dominar ferramentas informáticas para fazerem o seu trabalho de tradução. Alguns dos inquiridos que responderam a esta questão mencionaram a falta de conhecimentos informáticos como sendo um desafio que as ferramentas CAT lhes apresentam: i) “Apesar de um princípio ser o mesmo, cada ferramenta tem as suas particularidades, portanto, se tivermos de usar várias (ou de mudar de ferramenta) temos de aprender a utilizá-las. Há ferramentas que têm tendência a dar erros (ex. ao importar/exportar ficheiros, não mostram a MT, etc.). Ora eu não gosto particularmente de tecnologias nem tenho conhecimentos aprofundados a nível técnico, portanto, isso pode ser muito negativo”; ii) “Em relação às ferramentas, é o facto de adicionarem um passo intermédio complexo entre o processo de tradução e o documento final, que tem de ser bem gerido para não gerar problemas técnicos. Em relação às memórias, é encontrar o equilíbrio entre seguir o histórico de traduções anteriores e refletir a realidade atual do documento que tenho perante mim”; iii) “Falta de controlo na formatação do documento. Falta de perspetiva geral do documento. Necessidade de dominar demasiados conhecimentos técnicos/de *software* que (para mim) nada interessam e ocupam tempo”; iv) “Diria os momentos iniciais em que se começa a trabalhar com uma ferramenta e também o facto de configurar as ferramentas para responderem às minhas necessidades

de tradução da melhor forma; v) “Quando surgem erros nos servidores (em projetos *online*), quando as CAT deixam de funcionar por motivos de dificuldades de software (dado que não existe alternativa)”.

De modo geral, considero que, apesar de existirem desvantagens, as vantagens sobrepõem-se no desempenho profissional do tradutor, quando este já tem experiência. No entanto, quando o tradutor ainda não tem experiência suficiente, as desvantagens podem dissuadi-lo de utilizar as ferramentas, pelo que é necessário que o tradutor as saiba utilizar muito bem para conseguir lidar com os desafios. Penso que a resposta do inquirido número 18 faz um bom resumo do que foi discutido nestes dois últimos pontos: “Pode induzir em erro e levar à propagação de erros no mesmo ou até em vários projetos. Pode também levar à fixação de expressões na língua de chegada como equivalentes de expressões da língua de partida e rejeição de alternativas razoáveis desnecessariamente. Outro resultado disto é a questão da criatividade já referida. Além disso, a segmentação do texto pode também levar à perda de perspetiva do texto como um todo. Contudo, penso que estes pontos podem ser combatidos com prática, experiência, concentração e clientes que não sejam completamente inflexíveis e pouco razoáveis”.

## CONCLUSÃO

No one can deny that, as we move through the twenty-first century, technology is firmly implanted in the translation profession. Similarly, educators are in broad agreement that if our graduates are to be competitive in the market, translator education programmes need to continue to improve the way in which these technologies are taught and learned (Marshman & Bowker, 2012, p. 90).

O presente relatório teve como objetivo principal o estudo do desenvolvimento da formação académica em ferramentas de tradução assistida por computador e a sua situação atual a partir da análise de um questionário desenhado com o intuito de averiguar a relação dos participantes com as ferramentas CAT, ao qual responderam 90 pessoas. De certas questões, foi possível retirar conclusões sobre a formação que os inquiridos receberam enquanto cursavam estudos superiores em Tradução, comparar estes dados com a relação que os inquiridos têm com estas ferramentas e investigar a forma como a formação que receberam impactou a sua utilização de *software* de tradução assistida por computador. Durante o estudo das respostas dos inquiridos, apercebi-me de algumas falhas de desenho do questionário que levaram, conseqüentemente, a não obter os dados com a precisão desejada. Se tivesse colocado outras opções de resposta, teria obtido resultados mais exatos. Não obstante, tendo em consideração os dados apresentados nos capítulos anteriores, posso concluir que a formação académica em ferramentas CAT tem sofrido um grande desenvolvimento ao longo das últimas décadas, o que é um aspeto muito positivo porque demonstra que há interesse por parte das instituições de ensino superior em que os estudantes de Tradução, não só fiquem a conhecer e comecem a utilizar as ferramentas antes de entrarem no mercado de trabalho, mas também que tenham acesso a uma formação o mais completa possível, aprofundando em todas as subcompetências que integram a competência tradutiva, entre as quais está, como se viu, a competência instrumental, que é indispensável nos dias de hoje. Apesar do bom trabalho que tem sido feito no desenvolvimento do ensino de ferramentas CAT, os dados também apontam que ainda é preciso continuar a melhorar e investir mais na formação dos alunos, embora a formação em CAT já faça parte do plano curricular da maior parte dos cursos de Tradução.

Grande parte dos inquiridos considera que é essencial dominar as ferramentas CAT para se poder maximizar a produtividade, já que, atualmente, traduzir não significa apenas conseguir passar um texto de uma língua para outra, significa também ser capaz de compreender e utilizar da forma mais proveitosa o *software* que se tem à disposição, para com isso poder traduzir mais e melhor. Não saber utilizar ferramentas CAT, hoje em dia, pode fazer com que se atrase o processo de um projeto porque, se o tradutor não souber navegar o *software* de forma correta, terá de investir tempo, que poderia ser aplicado noutros trabalhos e na aprendizagem de funcionalidades, tais como criar ou abrir projetos, importar memórias de tradução ou bases terminológicas e exportar os projetos, que, normalmente,

costuma ser o passo mais importante depois do processo de tradução estar terminado. No entanto, apesar de as considerarem essenciais, muitos dos inquiridos não se sentem totalmente capazes de utilizar todas as funcionalidades das ferramentas CAT. Os dados demonstraram que este não era um problema ou uma dificuldade pessoal, mas algo mais geral, provavelmente devido ao tipo de formação que os alunos têm recebido, que acaba por afetar o desempenho dos tradutores recém-graduados.

De acordo com a minha experiência, considero irrealista que uma pessoa recém-graduada consiga dominar ou saiba utilizar mais do que as funcionalidades básicas de uma ferramenta CAT porque, apesar de ter frequentado durante pelo menos dois anos um curso de ensino superior na área da Tradução, esse tempo não é suficiente para que os discentes se tornem proficientes em ferramentas CAT, devido, principalmente, ao facto de os momentos de prática não ocorrerem com a frequência necessária e nas circunstâncias mais apropriadas. Quando contactei pela primeira vez com as ferramentas CAT, senti-me um pouco desconfortável porque não entendia a necessidade de as utilizar e complicar uma tarefa que parecia tão simples. Como todos os trabalhos de tradução realizados durante o mestrado foram feitos em Word, não investi, como devia, na prática da utilização de ferramentas CAT fora das aulas de Informática Aplicada e Terminologia porque entendia que “atrasavam” o meu processo de tradução. No segundo ano do curso, arrependi-me de não ter praticado mais porque, durante o estágio curricular, utilizei-as todos os dias e tinha, obrigatoriamente, de ser capaz de as utilizar, uma vez que não podia utilizar o Word para realizar os projetos de tradução que me foram atribuídos. Esta falta de prática levou-me a cometer erros desnecessários e a demorar o dobro do tempo a realizar certos trabalhos, especialmente no SDL Trados Studio.

Penso que, por exemplo, apenas um semestre é pouquíssimo tempo para se lecionar uma unidade curricular sobre informática aplicada à tradução e que os cursos de Tradução beneficiariam em implementar mais unidades curriculares ligadas às ferramentas CAT nos seus planos curriculares. O segredo por detrás da utilização destas ferramentas está na prática, que, como já referi, não é suficiente durante o curso nem reflete a utilização profissional de ferramentas CAT. Nesse sentido, as instituições de ensino superior também podiam apostar na integração das ferramentas nas tarefas realizadas noutras unidades curriculares – não só naquelas dedicadas ao ensino-aprendizagem de tradução assistida por computador – para que os tradutores recém-graduados se possam lançar no mundo profissional com mais prática, conhecimentos e, conseqüentemente, confiança. Por outro lado, as entidades empregadoras não podem esperar que os tradutores recém-graduados sejam totalmente proficientes numa das ferramentas CAT que existem no mercado, quando muito de uma variedade delas, e deviam dar-lhes uma oportunidade para aprender, praticar e crescer. As empresas e agências de tradução podem não querer ter o encargo de dar formação a novos tradutores em certos campos (técnicas de tradução em ferramentas CAT, utilização de algumas funcionalidades das ferramentas CAT, etc.) porque consideram que os tradutores os deviam ter aprendido no decorrer da sua formação

académica. Por esta razão, considero que uma das responsabilidades das empresas e agências de tradução para com os seus tradutores é oferecer formações periódicas sobre a utilização de ferramentas CAT, para garantir que os seus colaboradores dominam as ferramentas com que trabalham e que estão sempre atualizados, o que acabará por repercutir em benefício da própria agência.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALPAC. (1966). *Language and Machines: Computers in Translation and Linguistics*.  
[https://nap.nationalacademies.org/resource/alpac\\_lm/ARC000005.pdf](https://nap.nationalacademies.org/resource/alpac_lm/ARC000005.pdf)
- Artheron, P. J. (1979). Machine Translation and Computerized Terminology Systems: A Translator's viewpoint. *Translating and the Computer: Proceedings of a Seminar* (pp. 77–108).  
<https://aclanthology.org/1978.tc-1.5>
- Baker, M. & Saldanha, G. (2009). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2.<sup>a</sup> ed.). Routledge.
- Bowker, L. (2005). Productivity vs Quality? A Pilot Study on the Impact of Translation Memory Systems. *Localisation Focus*, 4: 13–20.
- Chan, S. (2015). *The Routledge Encyclopedia of Translation Technology*. Routledge.
- Doherty, S. (2016). The Impact of Translation Technologies on the Process and Product of Translation. *International Journal of Communication*, 10: 947–969.
- EMT Expert Group. (2009). *Competences for professional translators, experts in multilingual and multimedia communication*.  
[https://ec.europa.eu/info/sites/default/files/emt\\_competences\\_translators\\_en.pdf](https://ec.europa.eu/info/sites/default/files/emt_competences_translators_en.pdf)
- Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. (2022). *Plano Curricular | FCH-Católica*. <https://fch.lisboa.ucp.pt/pt-pt/licenciaturas/programas/licenciatura-em-linguas-estrangeiras-aplicadas/traducao/plano-curricular>
- Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. (2022). *Plano Curricular | FCH-Católica*. <https://fch.lisboa.ucp.pt/pt-pt/plano-curricular-5>
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (20 de maio de 2022).  
[https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur\\_geral.cur\\_view?pv\\_origem=CAND&pv\\_curso\\_id=456](https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_origem=CAND&pv_curso_id=456)
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (2022). *FLUP - Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos*.  
[https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur\\_geral.cur\\_planos\\_estudos\\_view?pv\\_plano\\_id=4761&pv\\_ano\\_lectivo=2021&pv\\_tipo\\_cur\\_sigla=&pv\\_origem=CAND](https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_planos_estudos_view?pv_plano_id=4761&pv_ano_lectivo=2021&pv_tipo_cur_sigla=&pv_origem=CAND)
- Hutchins, W. J. (1998). The Origins of the Translator's Workstation. *Machine Translation*, 13 (4): 287–307.
- Instituto Politécnico de Bragança. (2022). *IPB - Curso Línguas Estrangeiras: Inglês e Espanhol*.  
[http://portal3.ipb.pt/index.php/pt/guiaects/cursos/licenciaturas/curso?cod\\_escola=3042&cod\\_curso=8323](http://portal3.ipb.pt/index.php/pt/guiaects/cursos/licenciaturas/curso?cod_escola=3042&cod_curso=8323)
- Instituto Politécnico de Bragança. (2022). *IPB - Curso Tradução*.  
[http://portal3.ipb.pt/index.php/pt/guiaects/cursos/mestrados/curso?cod\\_escola=3042&cod\\_curso=5028](http://portal3.ipb.pt/index.php/pt/guiaects/cursos/mestrados/curso?cod_escola=3042&cod_curso=5028)
- Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. (2022). *LICENCIATURA EM ASSESSORIA E TRADUÇÃO — ISCAP | P.PORTO*. <https://www.iscap.ipp.pt/cursos/licenciatura/561>

- Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. (2022). *MESTRADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ESPECIALIZADAS — ISCAP | P.PORTO*.  
<https://www.iscap.ipp.pt/cursos/mestrado/580>
- ISO. (2015). *Translation services — Requirements for translation services*.  
<https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:17100:ed-1:v1:en>
- Kay, M. (1980). *The Proper Place of Men and Machines in Language Translation*. Xerox Palo Alto Research Center.
- Kelly, D. (2002). Un modelo de competencia traductora: Bases para el diseño curricular. *Puentes*, 1: 9–20.
- Kiraly, D. (2000). *A Social Constructivist Approach to Translator Education: Empowerment from Theory to Practice*. Routledge.
- Kornacki, M. (2018). *Computer-Assisted Translation (CAT) Tools in the Translator Training Process*. University of Lodz. <https://doi.org/10.3726/b14783>
- Lagoudaki, E. (2006). Translation Memories Survey 2006: Users' perceptions around TM use. Imperial College London. Obtido de <https://www.mt-archive.net/05/Aslib-2006-Lagoudaki.pdf>
- Marshman, E. & Bowker, L. (2012). Translation technologies as seen through the eyes of educators and students: Harmonizing views with the help of a centralized teaching and learning resource. *Global Trends in Translator and*, pp. 69–95.
- Mossop, B. (2020). *Revising and editing for translators* (4.ª ed.). Routledge.
- Munday, J. (2016). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. Routledge.
- Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*. Prentice Hall.
- Nord, C. (1997). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. St. Jerome Publishing.
- Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-oriented Text Analysis* (2.ª ed.). Rodopi.
- O'Hagan, M. (2020). *The Routledge handbook of translation and technology*. Routledge.
- PACTE. (2003). Building a Translation Competence Model. In F. Alves (Ed.), *Triangulating Translation: Perspectives in Process Oriented Research* (pp. 43–66). John Benjamins.  
<https://doi.org/10.1075/btl.45.06pac>
- Politécnico de Leiria. (2022). *Tradução e Interpretação Português/Chinês – Chinês/Português | Politécnico de Leiria*. <https://www.ipleiria.pt/curso/licenciatura-em-traducao-e-interpretacao-portugueschines-chinesportugues/>
- Rubio Ortega, M. (2017). La competencia traductora aplicada a la traducción jurídica en la Unión Europea. *Entreculturas*, 9: 303–315.

- Sumita, E. & Tsutsumi, Y. (1988). A translation aid system using flexible text retrieval based on syntax-matching. *Proceedings of the Second Conference on Theoretical and Methodological Issues in Machine Translation of Natural Languages*.
- Universidade da Beira Interior. (2022). *Plano de Estudos [2021] @ UBI*.  
<https://www.ubi.pt/PlanoDeEstudos/36/1493/2021>
- Universidade da Madeira. (2022). *Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas*.  
<https://www.uma.pt/ensino/2o-ciclo/mestrado-em-linguistica-sociedades-e-culturas/>
- Universidade de Aveiro. (2022). *Licenciatura em Tradução - Universidade de Aveiro*.  
<https://www.ua.pt/pt/curso/44>
- Universidade de Aveiro. (2022). *Mestrado em Tradução Especializada - Universidade de Aveiro*.  
<https://www.ua.pt/pt/curso/122>
- Universidade de Coimbra. (2022). *Licenciatura em Línguas Modernas - Faculdade de Letras - Cursos - Universidade de Coimbra*. <https://apps.uc.pt/courses/pt/course/5421>
- Universidade de Coimbra. (2022). *Mestrado em Tradução - Faculdade de Letras - Cursos - Universidade de Coimbra*. <https://apps.uc.pt/courses/pt/course/1458>
- Universidade de Lisboa. (2022). *Tradução | ULisboa*. <https://www.ulisboa.pt/curso/licenciatura/traducao>
- Universidade de Lisboa. (2022). *Tradução | ULisboa*. <https://www.ulisboa.pt/curso/mestrado/traducao>
- Universidade do Algarve. (2022). *Línguas e Comunicação | Universidade do Algarve*  
<https://www.ualg.pt/curso/1571/plano>
- Universidade do Minho. (2022). *Línguas Aplicadas (Licenciatura)*.  
[https://www.uminho.pt/PT/ensino/oferta-educativa/Cursos-Conferentes-a-Grau/\\_layouts/15/UMinho.PortalUM.UI/Pages/CatalogoCursoDetail.aspx?itemId=4233&catId=13](https://www.uminho.pt/PT/ensino/oferta-educativa/Cursos-Conferentes-a-Grau/_layouts/15/UMinho.PortalUM.UI/Pages/CatalogoCursoDetail.aspx?itemId=4233&catId=13)
- Universidade do Minho. (2022). *Tradução e Comunicação Multilingue (Mestrado)*.  
[https://www.uminho.pt/PT/ensino/oferta-educativa/Cursos-Conferentes-a-Grau/\\_layouts/15/UMinho.PortalUM.UI/Pages/CatalogoCursoDetail.aspx?itemId=3998&catId=12](https://www.uminho.pt/PT/ensino/oferta-educativa/Cursos-Conferentes-a-Grau/_layouts/15/UMinho.PortalUM.UI/Pages/CatalogoCursoDetail.aspx?itemId=3998&catId=12)
- Universidade dos Açores. (2022). *UAc | Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística*.  
<https://uac.pt/ensino/curso.php?id=4101&l=PT&a=2020/2021&f=FCSH>
- Universidade NOVA de Lisboa. (2022). *Licenciatura em Tradução | NOVA Guia de Cursos*.  
<https://guia.unl.pt/pt/2021/fcsh/program/9252#structure>
- Universidade NOVA de Lisboa. (2022). *Mestrado em Tradução | NOVA Guia de Cursos*.  
<https://guia.unl.pt/pt/2021/fcsh/program/6633#structure>
- Wheatley, A. (2003). eContent Localization Resources for Translator Training.  
<https://www.translationdirectory.com/article450.htm>
- Youdale, R. (2020). *Using Computers in the Translation of Literary Style: Challenges and Opportunities*. Routledge.

## **ANEXOS**

**ANEXOS**

## Anexo 1 – Questionário sobre as ferramentas CAT

# Ferramentas CAT

---

**\*Obrigatório**

Sobre si

1. Qual é a sua ocupação? (Selecione todas as opções que descrevam a sua situação atual). \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Estudante
- Tradutor numa empresa/agência
- Tradutor freelancer
- Docente
- Outra: \_\_\_\_\_

2. Pertence a que faixa etária? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Menos de 20
- 20 – 30
- 31 – 40
- 41 – 50
- 51 – 60
- Mais de 60

3. Quais são as suas habilitações literárias? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outra: \_\_\_\_\_

**Formação**

4. É formado ou está a formar-se na área da tradução? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim    *Avançar para a pergunta 6*
- Não

5. Em que área se formou? \*

\_\_\_\_\_

**Experiência**

6. Há quantos anos realiza traduções? \*

\_\_\_\_\_

7. Com que línguas trabalha? \*

\_\_\_\_\_

8. Alguma vez utilizou ferramentas de tradução assistida por computador (TAC ou CAT, em inglês)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim    *Avançar para a pergunta 10*
- Não    *Avançar para a pergunta 11*

9. Com que expressão tem mais familiaridade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ferramentas TAC
- CAT Tools

CAT

10. Quais? (Selecione todas as que utiliza e, se utilizar mais do que as que aqui estão, selecione "Outra opção" e enumere quais na caixa de texto).

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- memoQ
- SDL Trados Studio
- Memsources
- GlobalLink
- Smartling
- Outra: \_\_\_\_\_

*Avançar para a pergunta 12*

## CAT

11. Porquê e como realiza as traduções?

---

---

---

---

---

*Avançar para a pergunta 13*

## Experiência com as CAT

12. Quando foi que teve o seu primeiro contacto com as CAT e em que circunstâncias?

---

---

---

---

---

## Formação

13. Deram-lhe formação em CAT enquanto estudava? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Sim, mas penso que não foi o suficiente para entender bem as TAC

Não *Avançar para a pergunta 15*

## Experiência com as CAT

14. Em quais? (Selecione todas as opções que se adequam ao seu caso e, se houver mais do que as que aqui estão, selecione “Outra opção” e enumere quais na caixa de texto).

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- memoQ
- SDL Trados Studio
- Memsource
- Outra: \_\_\_\_\_

## Ensino

15. Considera ser importante formar os estudantes de Tradução em ferramentas CAT? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

16. Porquê?

---

---

---

---

---

## Utilização das CAT

17. Utiliza ferramentas CAT com frequência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não    *Avançar para a pergunta 20*

18. Há quanto tempo trabalha com estas ferramentas e com que regularidade?

---

---

---

---

---

19. Com quais gosta mais de trabalhar?

---

---

---

---

---

20. Na primeira questão, respondeu que era estudante? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não    *Avançar para a pergunta 30*

Estágio curricular

21. Sendo estudante, alguma vez realizou um estágio curricular na área da Tradução?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim    *Avançar para a pergunta 22*

Não    *Avançar para a pergunta 26*

22. Em que tipo de entidade estagiou?

*Marcar apenas uma oval.*

- Numa empresa de tradução
- Numa câmara municipal
- Numa instituição de ensino superior
- Num estúdio de Tradução Audiovisual
- Numa editora
- Outra: \_\_\_\_\_

23. Utilizou alguma ferramenta CAT durante o estágio?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim    *Avançar para a pergunta 25*
- Não    *Avançar para a pergunta 24*

24. Porquê?

---

---

---

---

---

25. Quais e com que frequência?

---

---

---

---

---

## Utilização académica das CAT

26. Utiliza com frequência as CAT para realizar os trabalhos das aulas?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

27. No geral, gosta de utilizar estas ferramentas? (Selecione "Outra opção" se tiver uma opinião mais complexa).

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Outra: \_\_\_\_\_

28. Com que afirmação se identifica mais relativamente à vertente prática das unidades curriculares de tradução língua 1 – língua 2?

*Marcar apenas uma oval.*

Os docentes dão aos alunos liberdade para escolher a forma como querem realizar as traduções. *Avançar para a pergunta 30*

Os docentes preferem que os alunos utilizem as CAT, mas estes não têm de as utilizar. *Avançar para a pergunta 30*

Os docentes insistem que os alunos utilizem as CAT.  
*Avançar para a pergunta 29*

29. Sabe porquê?

---

---

---

---

30. Na primeira questão, respondeu que era profissional de tradução (freelancer ou não)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não     *Avançar para a pergunta 42*

#### Utilização profissional das CAT

31. Com que afirmações se identifica mais? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Tenho de trabalhar com as CAT por preferência da empresa/agência onde trabalho e gosto.
- Tenho de trabalhar com as CAT por preferência dos clientes e gosto.
- Tenho de trabalhar com as CAT por preferência da empresa/agência onde trabalho, mas não gosto.
- Tenho de trabalhar com as CAT por preferência dos clientes, mas não gosto.
- Só trabalho com as CAT quando é realmente necessário.
- Não trabalho com as CAT de todo.     *Avançar para a pergunta 42*

#### Utilização geral

32. Considera que as ferramentas que utiliza são intuitivas para um utilizador que não tenha tido nenhum tipo de formação sobre elas?

---

---

---

---

---

## Memórias de tradução

33. Quando trabalha com as CAT recorre a memórias de tradução e bases terminológicas com frequência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

34. Porquê?

---

---

---

---

---

35. Sente que as memórias de tradução influenciam, de certa forma, as suas escolhas de tradução? \*

---

---

---

---

---

36. Prefere realizar projetos com recurso a memórias de tradução ou realizar a tradução sem nenhum tipo de apoio? Porquê? \*

---

---

---

---

---

37. Questiona as memórias de tradução já existentes? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, quando há algum erro objetivo. *Avançar para a pergunta 40*
- Sim, quando penso que o segmento podia ser traduzido de uma forma mais adequada. *Avançar para a pergunta 40*
- Apenas quando tenho tempo. *Avançar para a pergunta 39*
- Não. *Avançar para a pergunta 38*

38. Porquê?

---

---

---

---

---

*Avançar para a pergunta 39*

39. O que faz quando se depara com uma memória de tradução ou base terminológica desatualizada ou com erros? \*

---

---

---

---

---

O  
papel  
do  
cliente

Se nunca trabalhou como tradutor, ignore esta secção (a menos que seja estudante e tenha realizado um estágio curricular).

40. Diria que o seu cliente, empresa ou agência aceita que não siga a memória de tradução?

---

---

---

---

---

41. Para além disso, o cliente questiona ou pede algum tipo de explicação sobre o motivo que levou o tradutor a não seguir a memória de tradução?

---

---

---

---

---

### Vantagens e desvantagens

42. Para si, quais são as vantagens da utilização das CAT? \*

---

---

---

---

---

43. Pensa que a utilização das CAT tem desvantagens? \*

---

---

---

---

---

### Desafios

44. Para si, quais são os aspetos mais desafiantes do processo de tradução com recurso às CAT? \*

---

---

---

---

---

45. Tem alguma opinião ou informação sobre as CAT que considera importante, mas que não tenha sido abordada em nenhuma das questões anteriores?

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

**Google** Formulários